

Sandra Maria de Brito Pereira

**Gramática Comparada de *a gente*: variação no
Português Europeu**

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Lisboa
2003

Sandra Maria de Brito Pereira

**Gramática Comparada de *a gente*: variação no
Português Europeu**

Dissertação de Mestrado em Gramática Comparada, realizada sob a orientação do Professor Doutor João Costa (Universidade Nova de Lisboa) e da Professora Doutora Ana Maria Martins (Universidade de Lisboa)

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Lisboa
2003

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só se tornou real devido ao apoio de várias pessoas, apesar de a responsabilidade de qualquer erro ser toda minha, a quem eu quero aqui mostrar o meu reconhecimento.

Ao Professor João Costa, pelas infinitas leituras do texto e pelas inúmeras horas de acompanhamento de todo o trabalho; foi nas suas aulas que nasceu o interesse por *a gente* e tive o seu apoio desde o primeiro instante, acreditando sempre que isto era possível, mesmo quando eu própria duvidei.

À Professora Ana Maria Martins, por todas as leituras e críticas que fez e que muito contribuíram para a evolução do trabalho; pelo seu espírito científico, não só como co-orientadora mas também como coordenadora do CORDIAL-SIN, com quem aprendo diariamente o valor do rigor, humor e amizade.

Aos amigos do Centro de Linguística e, especialmente, ao grupo de trabalho do CORDIAL-SIN, por todo o apoio, compreensão e disponibilidade para discussões, por toda a liberdade que me deram ao longo deste projecto para que eu pudesse gerir o meu próprio tempo e por tudo quanto me ensinaram nas várias reuniões de trabalho e no dia-a-dia.

Aos colegas de trabalho (da FLUL e da FCSH), por todas as sugestões e discussões e pela força que me deram no início desta dissertação. Agradeço também a todos os professores que faziam parte deste mestrado, em especial à Professora Manuela Âmbar, coordenadora do curso, que sempre se disponibilizou para discussões de trabalho.

A toda a minha família, mano, cunhada, sobrinha, avó, primas e a todos os amigos, aos companheiros da Inzona, obrigada pelo apoio incondicional.

Agradeço muito especialmente à Carla, à Elisabete e ao Rui. À Carla, por ter sempre acreditado em mim ao longo dos anos; à Elisabete, pela amizade que vamos construindo e pela boa vizinhança; ao Rui, tu sabes porquê.

Finalmente, aos meus pais, Carlos e Elisa, por estarem sempre comigo e serem o meu porto de abrigo.

«Assim o dito»

Oculto pela sombra profunda do uso das gerações, já-só como pedra atirada por irreflectida criança, num gesto quasi-maquinal, que não comove mais a alma, matizado por cores indistintas, como um velho vagabundo que se enrola em seus trapos para dormir no alpendre, sem que ninguém repare no brilho dos seus olhos de poeta, na sua antiquíssima sageza: assim o dito.

George Till, *Diário de uma Sociedade Pós-Humana*, cópia gentilmente cedida pelo autor.

Gente.

Palavra **centrípeta** (e) porque não **centrífuga**? Se é que isto existe?!

No primeiro caso, *gente* poderá remeter-nos para dentro (e) restringir, por parcializar um termo que por natureza é amplo. Ou não é?!

No segundo poderá actuar como representação duma entidade mais integradora, menos parcial e mais colectiva. Será este o caminho para a harmonia da orquestra-humana?

A segunda tendência respira no sentido-orgânico e-somatório; a outra pode conduzir a uma lógica-subtractiva e-reductora. Será este um caminho para a desafinação dessa mesma orquestra?

Quem está – e não está – de acordo que mais unidade gera mais harmonia e a dissociação o seu contrário?

Enfim, mais um «problema» da e para a *gente*. Terá solução?

J.A. Guille, *Descontaminações e Outros Textos*, no prelo.

Do contacto com o outro, e este contacto pode tomar as mais diferentes expressões, irá resultar um maior auto-conhecimento por quem o efectua, pois sempre nos apreendemos e construímos na relação e confronto. (...) mergulhe-se no outro (ou no recalcado e esconso em si detectável), deixemo-nos contagiar, penetrar e perpassar de alteridade até que paradigmas e pressupostos estreitantes e limitativos se desvançam nos turbilhonantes ventos que afastam as tempestades e devolvem a aurora ao mundo.

Já Kuhn insistia que só pelo assumido contacto com as anomalias é que os paradigmas entram em ruptura e novos paradigmas, crescentemente amplos e receptivos podem irromper e vingar.

Aispea Telec

ÍNDICE

1. Introdução.....	1
1.1. Objectivo do trabalho e sua organização	1
1.2. <i>A gente</i> nas gramáticas tradicionais e em outras obras de referência.....	4
1.3. O carácter pronominal de <i>a gente</i>	7
1.3.1. Breve enquadramento histórico: a gramaticalização do nome <i>gente</i>	7
1.3.2. Argumentos clássicos a favor da classificação de <i>a gente</i> como pronome pessoal	8
1.3.3. Argumentos no quadro da Teoria da Ligação	12
1.4. Traços de género e número de <i>a gente</i>	13
1.4.1. A análise de Menuzzi (1999): traços gramaticais e traços semântico-discursivos	13
1.4.2. A análise de Lopes (1999): subespecificação de traços.....	14
1.5. <i>A gente</i> e a concordância Sujeito-Verbo.....	15
1.6. Concordância entre <i>a gente</i> e formas participiais ou adjectivas	19
1.7. Comparação entre o comportamento de <i>a gente</i> e o comportamento de outros pronomes pessoais.....	20
1.7.1. Primeira pessoa do singular.....	20
1.7.2. Segunda pessoa do singular.....	21
1.7.3. Terceira pessoa do singular	22
1.7.4. Primeira pessoa do plural	22
1.7.5. Segunda pessoa do plural	23
1.7.6. Terceira pessoa do plural	24
1.8. Comparação entre o comportamento de <i>a gente</i> e o comportamento de outras formas pronominais: <i>Você/Vocês</i>	25
1.9. Síntese: conhecimento adquirido e problemas em aberto.....	27
2. Os padrões de concordância com <i>a gente</i> em PE.....	29
2.1. Identificação e descrição das fontes	29
2.1.1. CORDIAL-SIN.....	29
2.1.2. CRPC	30
2.1.3. Textos literários e paraliterários	31
2.1.4. Testes	31

2.2. Apresentação e descrição dos dados.....	32
2.2.1. <i>Corpora</i> de fala / produção oral, textos literários e paraliterários.....	32
2.2.2. Resultados da aplicação dos testes	52
2.2.3. Refinamento da definição dos objectivos do trabalho	56
3. Pressupostos teóricos	57
3.1. Geometria de traços	58
3.2. Fases e Ciclos	62
3.2.1. Breve enquadramento histórico dos conceitos de 'fase' e 'ciclo'.....	62
3.2.2. Derivação por Fases (Chomsky 1999b).....	67
3.3. Morfologia Distribuída	69
4. Uma proposta de análise	75
4.1. Geometria de Traços.....	75
4.2. Fases e Ciclos	77
4.2.1. Masculino do plural	77
4.2.2. Outros padrões de concordância.....	79
4.3. A Morfologia Distribuída.....	84
4.3.1. Masculino do plural	84
4.3.2. Outros padrões de concordância.....	86
5. Conclusão.....	91
6. Bibliografia	95
6.1. Fontes.....	95
6.2. Obras de Referência.....	95
7. ANEXOS.....	101
7.1. Nota prévia	103
7.2. Testes	105
7.2.1. Teste II	105
7.2.2. Teste III.....	109
7.2.3. Teste IV	113
7.3. Resultados dos testes por contexto/ sexo/ teste.....	117

7.3.1. Comportamento dos informantes femininos no contexto de adverbiais temporais: teste II	117
7.3.2. Comportamento dos informantes femininos no contexto de adverbiais temporais: teste III.....	117
7.3.3. Comportamento dos informantes femininos no contexto de adverbiais temporais: teste IV	117
7.3.4. Comportamento dos informantes masculinos no contexto de adverbiais temporais: teste II	118
7.3.5. Comportamento dos informantes masculinos no contexto de adverbiais temporais: teste III.....	118
7.3.6. Comportamento dos informantes masculinos no contexto de adverbiais temporais: teste IV.....	119
7.3.7. Comportamento dos informantes femininos em orações concessivas: teste II...119	
7.3.8. Comportamento dos informantes femininos em orações concessivas: teste III..119	
7.3.9. Comportamento dos informantes femininos em orações concessivas: teste IV..120	
7.3.10. Comportamento dos informantes masculinos em orações concessivas: teste II	120
7.3.11. Comportamento dos informantes masculinos em orações concessivas: teste III	120
7.3.12. Comportamento dos informantes masculinos em orações concessivas: teste IV	121
7.3.13. Comportamento dos informantes femininos em orações finais: teste II.....	121
7.3.14. Comportamento dos informantes femininos em orações finais: teste III	122
7.3.15. Comportamento dos informantes femininos em orações finais: teste IV	122
7.3.16. Comportamento dos informantes masculinos em orações finais: teste II.....	123
7.3.17. Comportamento dos informantes masculinos em orações finais: teste III.....	123
7.3.18. Comportamento dos informantes masculinos em orações finais: teste IV	124
7.3.19. Comportamento dos informantes femininos em orações com "juntos" e "ambos": teste II	124
7.3.20. Comportamento dos informantes femininos em orações com "juntos" e "ambos": teste III.....	124
7.3.21. Comportamento dos informantes femininos em orações com "juntos" e "ambos": teste IV.....	125
7.3.22. Comportamento dos informantes masculinos em orações com "juntos" e "ambos": teste II	125

7.3.23. Comportamento dos informantes masculinos em orações com "juntos" e "ambos": teste III.....	125
7.3.24. Comportamento dos informantes masculinos em orações com "juntos" e "ambos": teste IV.....	126
7.3.25. Comportamento dos informantes femininos em contexto de pergunta/resposta: teste II	126
7.3.26. Comportamento dos informantes femininos em contexto de pergunta/resposta: teste III.....	127
7.3.27. Comportamento dos informantes femininos em contexto de pergunta/resposta: teste IV.....	127
7.3.28. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de pergunta/resposta: teste II	128
7.3.29. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de pergunta/resposta: teste III.....	128
7.3.30. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de pergunta/resposta: teste IV.....	129
7.3.31. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicado secundário: teste II.....	129
7.3.32. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicado secundário: teste III	129
7.3.33. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicado secundário: teste IV	130
7.3.34. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicado secundário: teste II.....	130
7.3.35. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicado secundário: teste III	131
7.3.36. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicado secundário: teste IV	131
7.3.37. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicativo do sujeito: teste II.....	131
7.3.38. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicativo do sujeito: teste III.....	132
7.3.39. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicativo do sujeito: teste IV	132
7.3.40. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicativo do sujeito: teste II.....	132

7.3.41. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicativo do sujeito: teste III.....	133
7.3.42. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicativo do sujeito: teste IV	133

1. Introdução

Neste primeiro capítulo pretendemos apresentar os objectivos deste trabalho, a metodologia utilizada e o quadro teórico em que se insere.

1.1. Objectivo do trabalho e sua organização

Este trabalho tem como objectivo descrever o comportamento da expressão pronominal *a gente* em Português Europeu (daqui em diante, PE) em relações de concordância com adjectivos/particípios. Menuzzi (1999; 2000) mostrou que esta expressão pronominal tem traços semânticos distintos dos seus traços gramaticais. Em termos de ligação, os dois tipos de traços estão activos, quer em domínio local (a oração mínima que os contém), quer em domínio não local. Importa-nos aqui saber se nas relações de concordância, em PE, tanto os traços semânticos como os gramaticais estão activos, independentemente do domínio em que ocorrem as formas concordantes. No que diz respeito aos adjectivos/particípios que concordam com *a gente*, à primeira vista, eles podem aparecer nas seguintes formas:

- (1) **A gente** está cansado.
- (2) **A gente** está cansados.
- (3) **A gente** está cansada.
- (4) **A gente** está cansadas.

Interessa-nos explicar porque são possíveis os diferentes padrões, considerando quer os traços semânticos quer os traços gramaticais de *a gente* e definindo em que condições ocorre cada uma das variantes possíveis.

O objectivo principal deste trabalho não é debruçarmo-nos sobre o estatuto pronominal que a expressão *a gente* tem, embora adoptemos a perspectiva daqueles que defendem que *a gente* é já uma unidade gramaticalizada que funciona como um pronome. Nesse sentido, será feita uma breve revisão bibliográfica acerca desta questão, tendo em conta não só a bibliografia direccionada para os dados do PE mas também aquela que contempla o Português do Brasil (daqui em diante, PB). Como mostrámos

em trabalho anterior (cf. Costa et al. 2001), *a gente* foi já objecto de estudo, para o PB, nos trabalhos de Menuzzi (1999; 2000) e Lopes (1999), e para o PE, no trabalho de Nascimento (1989). Por outro lado, muitas monografias dialectais (e.g. Medeiros 1964; Pereira 1970) referem as propriedades da expressão pronominal *a gente* em falares do português, apesar de não ser esse o tema central desses trabalhos. Podemos ainda encontrar algumas observações, pontuais, sobre o assunto que nos ocupa nas gramáticas tradicionais, nomeadamente na *Syntaxe Historica Portuguesa* de Dias (1917), na *Grammatica Histórica da Língua Portuguesa* de Said Ali (1921), na *Gramática da Língua Portuguesa* de Vázquez Cuesta & Mendes da Luz (1971), na *Moderna Gramática Portuguesa* de Bechara (1963) e na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha & Cintra (1984). Por fim, há que ter em conta outras obras como as gramáticas escolares (Vilela 1995), a *Gramática Portuguesa* de Torrinha (1946-7.^aed.), manuais ou artigos soltos de estudiosos da língua (Said Ali 1950; Celso Cunha 1966; Teyssier 1989), nomeadamente os artigos publicados ao longo de duas décadas na *Revista Lusitana*.

Pretendemos, então, descrever de uma forma exaustiva o uso de *a gente* em relações de concordância com adjectivos e participios e analisar, nesse aspecto, as tendências manifestadas pelos falantes do português.

Neste primeiro capítulo iremos rever o que as gramáticas tradicionais, e outras obras aproximáveis das gramáticas tradicionais, dizem acerca da expressão *a gente* e como a identificam: como forma de tratamento ou como pronome; e, no segundo caso, que tipo de pronome. Em seguida, defenderemos o seu carácter pronominal, começando por enquadrar historicamente a progressiva gramaticalização do nome *gente*, e apresentando argumentos clássicos e no quadro da Teoria da Ligação a favor da sua classificação como pronome pessoal. Posteriormente, debruçar-nos-emos sobre os traços de género e número de *a gente*, referindo o trabalho de Menuzzi (1999; 2000), que separa os traços gramaticais de *a gente* dos seus traços semântico-discursivos, e o trabalho de Lopes (1999), que defende uma caracterização de *a gente* em termos de subespecificação dos traços. Seguir-se-à a descrição do comportamento de *a gente* nas relações de concordância sujeito-verbo. Note-se que em PE podemos encontrar o verbo a concordar com *a gente*, na posição sujeito, quer na primeira pessoa do plural, quer na terceira pessoa do singular, quer ainda, mais raramente na terceira pessoa do plural. Nas relações de concordância de adjectivos/participios com o pronome *a gente*, apenas em estruturas com o verbo na terceira pessoa do singular podemos encontrar os quatro

padrões de concordância e, por isso, debruçar-nos-emos mais pormenorizadamente sobre essas estruturas. Seguidamente, comparar-se-à o comportamento deste pronome com o comportamento dos outros pronomes pessoais, bem como das formas *você/vocês*, no que diz respeito a relações de concordância (tanto com participípios/adjectivos como com o verbo). Finalmente, depois de descritas as várias propriedades de *a gente*, será equacionado o problema que nos conduziu à elaboração deste trabalho.

No segundo capítulo apresentaremos, após recolha e sistematização, a evidência empírica do PE que permite definir o objecto do presente estudo. Será feita a identificação e descrição das fontes, em que foram colhidos os dados quer sejam *corpora* (como o CORDIAL-SIN ou o CRPC), textos literários ou paraliterários, estabelecendo-se a tipologia das fontes e a sua caracterização contrastiva. Seguir-se-à a apresentação e descrição dos dados: por um lado, os que foram extraídos das fontes acima referidas; por outro lado, os que resultaram da elaboração de testes especificamente elaborados para testar o comportamento de *a gente* em relações de concordância com adjectivos e participípios.

No terceiro capítulo será feita uma revisão dos pressupostos teóricos que sustentam a análise que nos parece ser a mais conveniente para explicar os factos descritos no segundo capítulo. Nesse sentido, consideraremos vários modelos, tais como uma proposta de geometria de traços para o sistema pronominal (cf. Harley & Ritter 2000; Duarte et al. 2002), a Derivação por Fases (cf. Chomsky 1999b) e a Morfologia Distribuída (cf. Halle & Marantz 1993). Se por um lado, a Morfologia Distribuída é uma teoria que tem como uma das propriedades fundamentais a inserção tardia de morfemas e itens de vocabulário, por outro lado, a Derivação por Fases assume que a computação é cíclica, enviando progressivamente unidades fonéticas e semânticas (a que chamamos fases) para a componente interpretativa. Assim, apoiando-nos nesses dois modelos de análise, mostraremos que os traços que aparentemente poderiam entrar em conflito são analisáveis devido à inserção tardia e à derivação por fases. A construção da análise que proporemos tem por base a perspectiva segundo a qual os traços das formas pronominais não são simples amontoados; pelo contrário, estão sujeitos a uma hierarquia, tal como os traços fonológicos, obedecendo a uma geometria de traços.

1.2. A *gente* nas gramáticas tradicionais e em outras obras de referência

As gramáticas tradicionais, ao longo dos tempos, não são concordantes no tratamento que dão à expressão pronominal *a gente*: algumas não lhe concedem qualquer espaço, outras consideram-na e classificam-na, embora essa classificação não seja constante de gramática para gramática.

Assim, Dias (1917:32) observa o uso desta expressão pelo povo com valor de *nós* e com o predicado na primeira pessoa do plural. Nunes (1919:267), relativamente aos nomes usados com o valor de indefinidos, diz o seguinte:

"A parte de *pessoa*, ocorre frequentemente, sobretudo na fala popular, o nome *gente*, que, como aquele, costuma neste caso tomar o género, pedido pelo sexo da pessoa a que se refere. No povo o vocábulo *gente* tem valor colectivo, valendo pelos pronomes *eu* e *tu* ou *ele*, nos casos em que a língua culta usa *nós*".

Nunes (1919:267) classifica *a gente* como "nome usado com valor indefinido" aproximando-o de um pronome indefinido.

Said Ali (1921:122) compara *a gente* com a forma medieval *homem*, salientando que ambos os pronomes se formaram a partir de substantivos, assumindo esse estatuto pronominal devido ao seu uso de agente "vago" e "indeterminado". Acrescenta que: "*A gente* é usado principalmente na linguagem familiar da actualidade".

Também Bechara (1963:166), descrevendo os pronomes pessoais, refere *a gente* enquanto pronome usado "fora da linguagem cerimoniosa", que substitui os pronomes *eu* ou *nós*, estando o verbo sempre na terceira pessoa do singular.

Na *Gramática da Língua Portuguesa* de Vázquez Cuesta & Mendes da Luz (1971), *a gente* aparece em destaque em vários lugares, nomeadamente para se referir à concordância que estabelece com o verbo na primeira pessoa do plural (cf. p. 58); ao seu estatuto de sujeito impessoal (cf. p. 405) e de agente vago e indeterminado que substitui actualmente na oralidade o substantivo *homem* da língua arcaica. Na língua escrita, há outros recursos como a passiva reflexa ou o verbo sem sujeito na terceira pessoa do plural. As autoras referem ainda o emprego de *a gente* em substituição do pronome de primeira pessoa do plural com o verbo na terceira pessoa do singular

(excepto na língua popular, onde é comum encontrar o verbo na primeira pessoa do plural). Frequentemente esta expressão também toma um sentido indefinido, equivalente ao *uno* espanhol (pp. 516-517). Nesta gramática, ao reflectirem sobre o tema dos verbos reflexos, notam que para não se repetir o *se*, recorre-se à expressão *a gente* (p. 524).

Acerca das fórmulas de representação da primeira pessoa, Cunha & Cintra (1984:298) ilustram o uso de *a gente* a substituir o pronome *nós* e, também, *eu*, concordando com o verbo na terceira pessoa do singular¹.

(5) Você não calcula o que é **a gente** ser **perseguida** pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me.

(Ciro dos Anjos, *DR*, 41.)

Apesar desta variedade de classificações, quase todos os autores salientam o facto de o uso de *a gente* ser mais comum na linguagem familiar falada.

Outras gramáticas quer antigas, como a *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa* de Soares Barbosa (1822) e *Gramática da Língua Portuguesa* de João de Barros, quer recentes, como a *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus et al. (1983) não dão qualquer espaço a esta expressão. Note-se que, até há pouco tempo atrás, também nas escolas se censurava o uso de *a gente*, a coberto da perspectiva normativa banalizada no bordão que "*agente* é da polícia". Estes factos revelam que não só no meio escolar, mas também no meio académico, este pronome não era encarado como parte da gramática do português padrão, mas talvez como uma particularidade da língua familiar oral, como alguns estudiosos chegam a referir.

Noutras obras, nomeadamente na Revista Lusitana n.º28 (1930:112) salienta-se o uso de *a gente* como primeira pessoa do plural e ser possível encontrar o verbo nessa pessoa. Na Revista Lusitana n.º 38 (1943:123) repete-se a mesma ideia relativamente a este uso nos falares do sul.

Na *Gramática Portuguesa*, Torrinha (1946-7.ªed.) compara o uso de *a gente* a *um homem*, classificando-o como pronome indefinido e refere o seu uso na linguagem popular:

¹ Neste exemplo contempla-se o uso arbitrário de *a gente*. Note-se que, segundo esta gramática, o padrão de concordância é feminino do singular.

"Como pronomes indefinidos são também muito usadas, principalmente na linguagem popular, as expressões *a gente*, *um sujeito*, quando têm a significação do francês *on*."

Said Ali (1950:67) classifica esta expressão como pronome indefinido. Pode ser entendido como sujeito psicológico no sentido de pessoa ou pessoas indeterminadas, concordando com o verbo na terceira pessoa do singular.

Celso Cunha (1966:301) fala da substituição do pronome *nós* por *a gente* com o verbo no singular da terceira pessoa.

No *Manual de Língua Portuguesa (Portugal – Brasil)*, Paul Teyssier trata de *a gente* na língua falada familiar, muito comum em PE e PB. Apesar de concordar com o verbo na terceira pessoa do singular (apenas na linguagem popular aparece a primeira pessoa do plural, "mas isso é sentido como incorrecto" cf. pag. 243), exprime primeira pessoa do plural, aproximando-se do *on* francês. No entanto, "Estas maneiras de dizer, muito frequentes na conversação corrente, devem evidentemente ser evitadas nos outros registos, em particular na linguagem escrita oficial" (cf. pag.113).

Vilela (1995:167), acerca da colocação dos pronomes pessoais, descreve o emprego de *a gente* como pronome que designa um grupo no qual o falante se inclui e concorda com o verbo na terceira pessoa do singular. Pode também referir-se a uma pessoa e exemplifica:

- (6) Você não acredita como **a gente é tratada** lá na aula: sou tratada de cão para baixo!

Outros trabalhos como Menuzzi (1999; 2000), Nascimento (1989) e Lopes (1999) estudam exaustivamente esta expressão pronominal e é-lhes dado um maior destaque noutras secções deste trabalho.

1.3. O carácter pronominal de *a gente*

1.3.1. Breve enquadramento histórico: a gramaticalização do nome *gente*

O nome *gente* deriva do latim *gens*, *gentis* e tem os seguintes significados na entrada de dicionário²:

"1. *gente* (*gens*), conjunto de pessoas do mesmo nome (*nomen gentilicium*) que, pelos varões, se ligam a um antepassado comum. 2. Raça, estirpe, família (com vários troncos) [...]. 3. (*Poét.*) Prole, descendente. 4. Nação (referindo-se à origem comum dos que a formam), povo. 5. O povo duma cidade. 6. País, região, lugar [...]. 7. (*Falando dos animais*). Raça, espécie. "

Tendo em conta o trabalho de Lopes (1999), em português encontramos este substantivo atestado em textos do séc. XIII, quer no singular, quer no plural³. A partir do séc. XVI a forma do singular tem um uso cada vez maior e o plural vai caindo em desuso. Said Ali (1921:122) relaciona *a gente* com a forma medieval *homem* porque têm o mesmo percurso: de um substantivo passam a pronome indefinido, indicando um agente vago e indeterminado. Mais tarde, o mesmo autor (Said Ali 1950:3) descreve essa expressão pronominal da seguinte forma: "*a gente* pode referir-se às pessoas com quem o indivíduo falante convive e em cujo número ele próprio se inclui quanto ao modo de proceder e pensar. Daí vem o frequente emprego de *a gente* como pronome indefinido (...)". Vázquez Cuesta & Mendes da Luz (1971:524) partilham a mesma opinião classificando *a gente* de forma idêntica. No entanto, Lopes (1999) não considera que, no estado actual da língua, essa seja a melhor classificação de *a gente*. A autora cita um estudo de Nascentes (1953:170 *apud*) e refere que o facto de a concordância verbal se poder fazer com a primeira pessoa do plural indica que se está a estabelecer concordância semântica com o verbo; como tal, trata-se de um pronome pessoal. Também Bechara (1963:166) trata este pronome no conjunto dos pronomes pessoais.

Assim sendo, e de acordo com Lopes (1999), o percurso parece ter sido de substantivo genérico (*gente*) para pronome indefinido (*a gente* já a funcionar como uma unidade gramaticalizada) e, posteriormente, para pronome pessoal.

² *Dicionário de Latim-Português*. Porto Editora.

1.3.2. Argumentos clássicos a favor da classificação de *a gente* como pronome pessoal

Já referimos os trabalhos de Nascimento (1989), Lopes (1999) e Menuzzi (1999; 2000) onde *a gente* é tratado como um pronome pessoal⁴. Pretendemos apresentar aqui os argumentos usados por estes autores para classificá-lo como tal.

Em Nascimento (1989:484-485) mostra-se que esta expressão é um pronome pessoal (fala-se de um pronome de quarta pessoa) porque pode ocupar diferentes lugares na frase, tal como os outros pronomes. Pode ser sujeito⁵:

(7) *a gente* tem um bocadinho de terreno, queremos reconstruir uma casinha para *a gente* viver. [1229]

A *gente* pode ser complemento directo:

(8) ela tem umas vizinhas encantadoras, muito simpáticas, *entendem a gente*. [0418]

Também pode desempenhar funções de complemento indirecto:

(9) eles *chamam-nos à gente sarracenos*. [1063]

Podemos encontrar *a gente* como complemento preposicionado:

(10) parece-me que não há ninguém que se incomode *com a gente*. [1387]

Pode aparecer com o verbo na terceira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural (a variação é entendida como "um processo de gramaticalização de *a gente*, tendente a fixá-lo como 4.^a pessoa", coexistindo com *nós*):

³ Segundo Lopes (1999:7) esses textos do séc. XIII são parte das *Cantigas de Santa Maria*.

⁴ Lopes (1999) não descreve o comportamento específico de *a gente* mas dos pronomes em geral; por isso, vamos recensear apenas os autores que falam especificamente desse pronome, nomeadamente Menuzzi e Nascimento.

⁵ Os exemplos são de Nascimento (1989).

- (11) embora *a gente se dê bem* e tudo isso, mesmo em pessoas muito amigas as coisas dão, dá sempre bota [...], para que é que *a gente há-de estragar* a nossa amizade, ao fim e ao cabo, que é de tantos anos. [0102]
- (12) *a gente não tivemos* festa, *andamos* de luto. [0042]

A *gente* também pode ocorrer em construções *V + se*:

- (13) deviam ter trazido uma coisa para *a gente se rir* e não para *a gente* chorar ou *chatear-se*. [0021]

O seu uso pode ter vários valores: pode designar uma "pluralidade mais ou menos definida", a primeira pessoa do singular *eu* e a primeira pessoa do plural *nós*. Seguem-se alguns exemplos da sua significação indefinida:

- (14) na vida de *uma pessoa* cá no Redondo é relativamente simples, porque antes que *a gente* queira fazer qualquer coisa mais, não pode. [0001]
- (15) conforme o rosto da cliente é que *a gente* faz o penteado, tá a compreender? *todo o cabeleireiro* que não faça assim, não é cabeleireiro. [0034]
- (16) *toda a gente* compra carne [...] mas *o pessoal* aqui, *a gente* usa só comprar de aviário [...], agora *tudo* compra frango [...], é mais barato, *come-se* mais frango. [0263]

Relativamente aos fenómenos de correferência, Nascimento (1989:489) estabelece uma correferência entre *a gente* e alguns possíveis referentes, nomeadamente, *a gente / eu*:

- (17) *gosto* muito mais da serra, claro, *a gente* acaba o *meu* serviço, *tomo* um banhinho, *vou* passear, *fumo* o *meu* cigarrinho sozinha, ninguém *me* chateia. [0250]

A *gente / nós*, pessoa dual:

- (18) fizeram um círculo, rodearam-*nos* e *a gente os dois* no meio... [0016]

A *gente* / *nós*, pessoa plural:

- (19) quando *a gente* faz qualquer coisa de bom aos outros, no fundo procura a satisfação de *nós próprios*. [0512]

A *gente* / *nos* (anafórico ou catafórico):

- (20) *a gente*, se *nos* viam fardados na rua, assobiavam-*nos*. [1247]

A *gente* e os possessivos *nosso(s)*, *nossa(s)*:

- (21) *a gente*, a *nossa* empresa é, era coveiro. [0629]

A *gente*, como os outros pronomes, também permite redobro: *a gente* – *nós*:

- (22) mas *a gente*, *nós* os irmãos tamos todos a contribuir para a alimentação da minha mãe. [0583]

A autora encontrou também exemplos que ilustram a oposição *a gente/você(s)*, *a gente/ele(s)*:

- (23) *a gente* cá é esterco, *as senhoras* é estrume. [0920]
(24) deve-se de andar sempre de cara agradável para *os clientes* para também ter bom agrado e *eles* demonstrarem o agrado à *gente*, se *a gente* serve com má cara [...] *eles* [...] dizem: esta rapariga é má. [0680]

Menuzzi (2000:203) também descreve o estatuto pronominal desta expressão. Começa por distinguir o uso de *a gente* enquanto pronome pessoal e enquanto pronome arbitrário (este último requer um contexto genérico, como em (25))⁶:

- (25) *A gente* sempre vê fantasmas atrás da *gente*.
(26) *A gente* viu uma cobra atrás da *gente*.

⁶ Os exemplos são de Menuzzi.

O autor defende o estatuto pronominal para *a gente* baseado nos seguintes argumentos:

i) tem interpretação pronominal (de primeira pessoa do plural e arbitrária):

- (27) *A gente* viu uma cobra atrás de nós.
- (28) *A gente* sempre vê fantasmas atrás da *gente*.

ii) ausência de sentido composicional (o significado do nome *gente* já não está acessível e a ilustrá-lo está a impossibilidade de contar o substantivo *gente*); vejamos o seu comportamento em comparação com o substantivo *pessoa*:

- (29) Três pessoas
- (30) *Três gentes
- (31) A pessoa de quem falávamos chegou tarde à festa.
- (32) *A gente de quem falávamos chegou tarde à festa.

iii) a sua sintaxe é igual à dos pronomes (não há modificação possível como se mostra nos exemplos abaixo):

- (33) *[*A gente assustada*] sempre vê fantasmas atrás da gente.
- (34) *[*A gente desatenta*] não percebeu uma cobra atrás da gente.
- (35) *[*Ele desatento*] não percebeu uma cobra atrás dele.

iv) o género é determinado pela interpretação (e não por especificação lexical):

- (36) *A gente* ficou surpres-*o* com aquele elogio. [João a falar de si próprio e da Maria]
- (37) *A gente* ficou surpres-*a* com aquele elogio. [Susana a falar da Maria e de si própria]

1.3.3. Argumentos no quadro da Teoria da Ligação

A teoria da ligação de Chomsky (1981), designada como teoria da ligação standard, identifica três tipos de categorias que estabelecem ligação, nomeadamente, anáforas, pronomes e expressões referenciais. Esta teoria estabelece as três condições que se seguem⁷:

Condição A: Uma anáfora é ligada no seu domínio de regência⁸, conforme exemplificam as frases (38) e (39):

(38) *Os amigos_i conversaram uns com os outros_i.*

(39) *O Luís_i fotografou-se_i (a si próprio).*

Condição B: Um pronome é livre no seu domínio de regência, conforme ilustrado nas frases (40) e (41):

(40) *O Luís pensa que ele é o mais inteligente da turma.*

(41) *O Luís pensa que a polícia o fotografou.*

Condição C: Uma expressão-R (expressão referencial) é livre, conforme ilustram as frases (42) e (43):

(42) *O pai da Alexandra disse ao professor que ela estava doente.*

(43) *O pai da Alexandra disse ao professor que a Alexandra estava doente.*

Menuzzi (2000: 206-8) faz a descrição, em termos de ligação, de *a gente* em PB e defende que esta expressão tem a distribuição externa dos elementos pronominais. Assim, pode ser ligado por si próprio, como os outros pronomes, distanciando-se dos sintagmas nominais lexicais:

⁷ Os exemplos são de Raposo (1992:242; 244)

⁸ Entendemos por domínio de regência o domínio onde existe um *Complexo Funcional Completo* (CFC), em que "CFC é uma projecção que contém todas as funções gramaticais compatíveis com o seu núcleo. A GC [*Government Category* = Categoria de Regência] para α é o CFC mínimo que contém α e um regente de α e no qual a condição de ligação de α pode em princípio ser satisfeita" (cf. Chomsky 1999a:162).

- (44) *A gente* sempre vê fantasmas atrás da *gente*.
(45) *A gente* viu uma cobra atrás da *gente*.
(46) *Ele* sempre vê fantasmas atrás dele.
(47) **O Paulo* viu uma cobra atrás do *Paulo*.

O último exemplo é uma violação típica da Condição C. O facto de *a gente* não violar esta condição mostra que não é um sintagma nominal lexical pleno para efeitos de Teoria da Ligação.

O autor acrescenta que nos mesmos contextos onde os pronomes têm problemas com a Condição B, *a gente* também tem:

- (48) *O Paulo* viu *ele* *(*mesmo*) na TV.
(49) *A gente* viu *a gente* ??(*mesmo*) na TV.

Menuzzi sintetiza o comportamento de *a gente* como pronome através das seguintes observações:

- a. tem interpretação pronominal (de primeira pessoa de plural e arbitrária);
- b. ausência de sentido composicional (o significado do nome *gente* já não está acessível);
- c. a sua sintaxe é igual à dos pronomes (não há modificação possível);
- d. o género é determinado pela interpretação (e não por especificação lexical);
- e. o seu comportamento em termos de ligação segue o Princípio B e não o Princípio C.

1.4. Traços de género e número de *a gente*

1.4.1. A análise de Menuzzi (1999): traços gramaticais e traços semântico-discursivos

Menuzzi (1999; 2000) mostra que os traços gramaticais e os traços semântico-discursivos do pronome *a gente* não são idênticos. Assim, gramaticalmente, *a gente* está

especificada como terceira pessoa do singular mas semanticamente funciona como primeira pessoa do plural. Este autor demonstra que ambos os traços estão activos na gramática e, a prová-lo, está a selecção de formas pronominais ligadas por esta expressão pronominal. Quando *a gente* liga uma forma pronominal localmente, a forma seleccionada é uma anáfora de terceira pessoa do singular como mostramos a seguir:

(50) A gente_i viu-se_i no espelho.

(51) *A gente_i viu-nos_i no espelho.

Quando a relação não é local, a forma seleccionada concorda com os traços semântico-discursivos, que são de primeira pessoa do plural, como em (52):

(52) A gente_i disse que o Paulo nos_i viu.

(53) *A gente_i disse que o Paulo {se_i/ a_i} viu.

1.4.2. A análise de Lopes (1999): subespecificação de traços

Esta autora considera que há dois tipos de género e dois tipos de número: o formal e o semântico. O género formal está patente em sintagmas como *o prato sujo*; o género semântico existe em substantivos como *aluno(a)*, onde, geralmente, género formal e semântico coincidem e, portanto, o semântico não é codificado. Nestes substantivos o género formal e semântico depende do género do referente. Relativamente ao nome *gente*, o traço formal de género é feminino e o traço semântico não está especificado, uma vez que recebe o traço do referente. Em relação aos pronomes pessoais, Lopes observa que os pronomes *ele/ela*, *eles/elas* têm o traço formal e semântico de feminino, com valor negativo ou positivo, consoante o caso. Os outros pronomes, *eu*, *tu*, *nós*, *vós*, *a gente*, recebem o traço formal do referente e do traço semântico, uma vez que é este que esclarece o valor negativo ou positivo para o traço feminino, através da sua combinação com adjectivos no masculino ou no feminino.

Relativamente ao número, nomes como *livro* tem valor negativo para o traço de número plural, formal e semanticamente falando⁹. No entanto, um substantivo como

⁹ Nomes como *livros* tem o valor positivo para o traço de número plural, formal e semanticamente falando.

gente, formalmente é singular mas designa uma pluralidade, portanto, traço formal e semântico não coincidem. Olhando para os pronomes pessoais, observamos que *eu/tu* têm traços singulares e *nós/vós* têm os traços plurais, ou seja, o valor é sempre definido e formal e semanticamente igual. Com os pronomes *ele/ela* e *você* é diferente, uma vez que o valor para plural não está definido, podendo receber o valor negativo ou positivo. Em relação a *a gente*, formalmente é singular mas semanticamente assume o valor do referente.

1.5. A *gente* e a concordância Sujeito-Verbo

Nesta secção pretendemos dar conta da concordância entre *a gente* e o verbo. Por abordarem frequentemente esse tópico, começamos pelas monografias dialectais.

As monografias constituem um importante registo do modo de falar de algumas zonas do país. Além de descreverem as principais actividades realizadas pelos habitantes de uma determinada zona, estes documentos referem, quase sempre, a fonética, morfologia e sintaxe próprias dessa região.

Pretendemos aqui considerar algumas dessas monografias, que relatam os falares de várias zonas, que fazem referência a *a gente* e às suas peculiaridades. Referem-se não só ao seu uso enquanto sujeito que substitui o pronome pessoal *nós*, mas também às relações que estabelece com o verbo da frase em que ocorre.

Assim, Ratinho (1959) fala da substituição que se verifica no falar de Monte Gordo de *nós* por *a gente*. Palma (1967) e Cruz (1969) também falam dessa substituição em Olhão e Odeleite, respectivamente. Buescu (1961:149), falando de Monsanto, também refere essa permuta, dizendo o seguinte:

O pronome pessoal *nós* é substituído algumas vezes pela expressão *a gente*; entre uma e outra existe, no entanto, uma diferença de sentido:

nós – é mais concreto, isto é, limitado a um número concreto ou um grupo determinado de pessoas: - «*nós vínhamos só p'rà ver...*»

a gente – refere-se a um número não limitado, isto é a uma categoria: «*a gente no intende asquelas linguaijas...*»

Parece observar-se no emprego da expressão *a gente* uma frequência progressiva.

Parece-nos que esta autora está aqui a fazer a seguinte distinção entre *nós* e *a gente*: *nós* é o verdadeiro pronome pessoal enquanto que *a gente* é o pronome arbitrário, usado como sujeito indeterminado.

Também em Faia, segundo Moura (1960) a substituição de *nós* por *a gente* se verifica.

Em Martins (1954), acerca da linguagem de algumas aldeias da Beira Baixa, descreve-se o uso de *a gente* a concordar com formas verbais do plural (primeira e terceira pessoas). Pereira (1970:167), em considerações sobre o falar de Soajo, diz o seguinte:

"Se o sujeito está indicado pela expressão a gente, o verbo tanto fica na terceira pessoa do singular, como na primeira, ou terceira pessoas do plural".

E exemplifica¹⁰:

(54) A gient' andaba cansada, mas num parabum...

Medeiros (1964:75) descreve a linguagem micaelense e nota que *a gente* pode admitir o verbo em três pessoas gramaticais diferentes:

A forma do pronome substantivo – A GENTE que substitui sempre entre o povo "nós" leva o verbo para a terceira pessoa do plural: "A gente vão", "a gente for" e mais raramente para a 1.^a pess. plural. "a gente vamos, a gente comprarmos" – esta última construção é usada não só por pessoas analfabetas mas mesmo por aquelas que têm alguma instrução. No Porto Formoso ouvimos a frase "A gente aforra-l' e já conhécimos o que trazim p'a riba" – em que tal sujeito admitiu o verbo em 3 pessoas diferentes.

Por vezes "A GENTE" aparece reforçado por "nós". Na Bretanha ouvimos "A gente mesmo in nós combinármos da(r) aquil' a ela qu' é ma(i)s nova".

Faria (1997:38) descreve o uso de *a gente* na ilha de São Jorge, referindo-se à substituição de *nós* e à relação com o verbo que pode estar na terceira pessoa do

¹⁰ Repare-se que o padrão escolhido para estabelecer concordância com o pronome é o feminino do singular.

singular ou na primeira do plural. Em várias zonas da Madeira, Nunes (1965:75) também relata essas propriedades da expressão em estudo:

A forma nós é, geralmente, substituída pela expressão impessoal a gente, com o verbo na 3ª pessoa do singular. E isto acontece tanto quando se trata de pronome sujeito como do pronome complemento:

- agente vai hoje passear; não qués acompanhar agente

Há casos em que o verbo, que acompanha a expressão agente, se torna reflexo, ou então vai para a 1ª pessoa do plural:

agente comê-se ou comemos tudo.

Não é nosso intuito neste trabalho estudar a concordância entre *a gente* e o verbo da oração da qual é sujeito. No entanto, os nossos dados e as várias referências das gramáticas tradicionais, das monografias e de outras obras, revelam que não tem um comportamento sistemático na concordância com o verbo. Assim, podemos encontrar *a gente* a concordar com a terceira pessoa do singular:

(55) *A gente* vai ao cinema.

Mas é também comum ouvirmos em PE frases como a que se segue, com o verbo na primeira pessoa do plural:

(56) *A gente* vamos ao cinema.

E, em alguns dialectos, como por exemplo, o micalense, podemos encontrar a concordância com a terceira pessoa do plural:

(57) *A gente* vão ao cinema¹¹.

¹¹ Estas construções, *a gente* + terceira pessoa do plural, estão atestadas no CORDIAL-SIN no dialecto micalense, como a seguir exemplificamos:

Às vezes, à batatinha mais miudinha, a gente tratam grelo.

[MIG01], Amílcar, 65 anos (1996)

Talvez por essa concordância com o verbo não ser sistemática, este pronome não pode ser omitido. Vejamos:

(58) *A gente* vai ao cinema.

(59) *Vai ao cinema¹².

(60) *A gente* vão ao cinema.

(61) *Vão ao cinema¹³.

Nestes exemplos a ausência do pronome não permite retomar aquele sujeito¹⁴.

Nascimento (1989:485-486) também descreve as relações de concordância entre *a gente* e o verbo no PE, dizendo o seguinte:

"o uso normativo recomenda a concordância de *a gente* com a 3.^a pessoa verbal, sendo a sua concordância com a 4.^a pessoa considerada como própria da chamada «linguagem popular»".

Exemplifica os dois tipos de concordância através de frases como (62) *versus* (63):

(62) embora *a gente se dê bem* e tudo isso, mesmo em pessoas muito amigas as coisas dão, dá sempre bota [...], para que é que *a gente há-de estragar* a nossa amizade, ao fim e ao cabo, que é de tantos anos. [0102]

(63) *a gente não tivemos* festa, *andamos* de luto. [0042]

Como descrevemos atrás, várias são as pessoas verbais com as quais a expressão pronominal *a gente* pode concordar em português, nomeadamente, terceira do singular, primeira do plural e terceira do plural.

¹² Agramatical enquanto frase semanticamente equivalente a (58).

¹³ Agramatical enquanto frase semanticamente equivalente a (60)

¹⁴ Não nos parece viável, para estas estruturas, uma análise de deslocação à esquerda do sujeito, conforme proposto por Barbosa (1995) para a posição dos sujeitos em PE, uma vez que a concordância com o pronome *a gente* é variável e a sua ausência não permite recuperar o sujeito da frase.

1.6. Concordância entre *a gente* e formas participiais ou adjectivas

Paralelamente às várias formas de concordância com o verbo, *a gente* também não concorda de uma forma sistemática com adjectivos e participios. Como já foi dito, pretendemos descrever e analisar as várias relações de concordância que se estabelecem entre *a gente* e adjectivos/participios. Repetimos aqui os exemplos de (1) a (4):

(64) **A gente** está cansado.

(65) **A gente** está cansados.

(66) **A gente** está cansada.

(67) **A gente** está cansadas.

Vamos considerar prioritariamente as estruturas em que o verbo está na terceira pessoa do singular, na medida em que é só com essa pessoa verbal que os quatro padrões de concordância são possíveis. Vejamos:

(68) ***A gente** estamos cansado.

(69) **A gente** estamos cansados.

(70) ***A gente** estamos cansada.

(71) **A gente** estamos cansadas.

Apesar de não sermos falantes do dialecto em que *a gente* pode concordar com o verbo na terceira pessoa do plural, não encontrámos formas atestadas do adjectivo/participio no singular:

(72) @**A gente** estão cansado.

(73) **A gente** estão cansados.

(74) @**A gente** estão cansada.

(75) **A gente** estão cansadas.

Por os padrões com concordância no singular (entre *a gente* e adjectivos/participios) não serem possíveis quando o verbo se encontra no plural, vamos dar maior destaque às estruturas de concordância com adjectivos e participios em que o

verbo se encontra na terceira pessoa do singular, pois essas são as estruturas em que o adjetivo/particípio pode aparecer nas quatro formas possíveis. Só nessas estruturas podemos saber quais os traços que se encontram activados nos diferentes domínios. Consequentemente, só assim podemos saber se, nas relações de concordância, *a gente* tem o mesmo comportamento que em relações de ligação (cf. Menuzzi 1999; 2000), ou seja, se mantém todos os traços activos, independentemente dos domínios em que se estabelece a concordância (veja-se, adiante, as secções 3 e 4).

Nascimento (1989:485) observa os padrões de concordância entre *a gente* e adjectivos atributos e participios passados (categorias morfológicas que flexionam em género e número). Segundo a autora, estes realizam-se no feminino do singular quando concordam com *a gente*, "de acordo com a norma":

(76) leve-nos até onde *a gente* estiver disposta a ir. [0293]

No entanto, essa concordância também pode ser estabelecida com o masculino e com o plural (conforme revelam também os dados obtidos em *corpora* de fala):

(77) *a gente*, embora não fosse cozinheiro, mas ia-se adaptando. [0119]

(78) *a gente* já *sai* de casa de, das, dos senhores *fartas* de trabalhar. [0839]

1.7. Comparação entre o comportamento de *a gente* e o comportamento de outros pronomes pessoais

Nesta secção, pretendemos mostrar como se comportam os outros pronomes pessoais na relação sujeito-verbo e na concordância com adjectivos e participios.

1.7.1. Primeira pessoa do singular

A primeira pessoa do singular acompanha o verbo na primeira pessoa do singular:

(79) Eu vou ao cinema.

(80) *Eu vamos ao cinema.

O adjectivo/particípio é realizado no masculino do singular se o referente/falante for masculino (como em (81)) e no feminino do singular se for feminino (como em (82)):

- (81) Eu estou cansado.
- (82) Eu estou cansada.
- (83) *Eu estou cansados.

Esta forma pronominal pode ser omitida.

- (84) Vou ao cinema.
- (85) Estou cansado/cansada.

1.7.2. Segunda pessoa do singular

O pronome de segunda pessoa do singular concorda sempre com o verbo na mesma pessoa e número:

- (86) Tu vais ao cinema.
- (87) *Tu ides ao cinema.

Relativamente à concordância com o adjectivo/particípio, este encontra-se no género definido pelo referente/interlocutor:

- (88) Tu estás cansada.
- (89) Tu estás cansado.
- (90) *Tu estás cansados.

Este pronome também pode ser omitido:

- (91) Vais ao cinema.
- (92) Estás cansado.

1.7.3. Terceira pessoa do singular

O verbo que concorda com o pronome de terceira pessoa do singular também se encontra nessa pessoa e nesse número.

- (93) Ele vai ao cinema.
- (94) *Ele vão ao cinema.
- (95) Ela vai ao cinema.
- (96) *Ela vão ao cinema.

O adjetivo/particípio encontra-se no género e número do pronome com o qual concorda:

- (97) Ele está cansado.
- (98) *Ele está cansados.
- (99) Ela está cansada.
- (100) *Ela está cansadas.

O pronome de terceira pessoa também pode não ocorrer na frase:

- (101) Vai ao cinema.
- (102) Está cansado.

1.7.4. Primeira pessoa do plural

O verbo encontra-se na primeira pessoa do plural quando estabelece concordância com o pronome de primeira pessoa do plural:

- (103) Nós vamos ao cinema.
- (104) *Nós vou ao cinema.

Quando o pronome *nós* tem como referentes apenas entidades do sexo feminino, o adjetivo/particípio encontra-se no feminino do plural (como em (105)); quando há

elementos do sexo masculino, o pronome concorda com o masculino do plural (cf. (107)):

(105) Nós estamos cansadas.

(106) *Nós estamos cansada.

(107) Nós estamos cansados.

(108) *Nós estamos cansado.

Nós pode ser omitido como a seguir exemplificamos:

(109) Vamos ao cinema.

(110) Estamos cansados.

1.7.5. Segunda pessoa do plural

Com este pronome, o verbo encontra-se sempre na segunda pessoa do plural:

(111) Vós ides ao cinema.

(112) *Vós vais ao cinema.

O adjectivo/particípio que concorda com *vós* encontra-se no feminino do plural se só se referir a elementos de sexo feminino (veja-se (113)) e no masculino do plural quando se refere a elementos masculinos ou a elementos masculinos e femininos (como em (115)):

(113) Vós estais cansadas.

(114) *Vós estais cansada¹⁵.

(115) Vós estais cansados.

(116) *Vós estais cansado¹⁶.

¹⁵ Esta frase não é agramatical quando *vós* é interpretado como forma de tratamento (=você).

¹⁶ Ver nota anterior.

À semelhança dos pronomes anteriores, também este pode estar omitido:

(117) Ides ao cinema.

(118) Estais cansados.

É de salientar, a propósito da segunda pessoa do plural, que o pronome pessoal *vós* caiu em desuso no português padrão, tendo sido substituído por *vocês* com o verbo na terceira pessoa do plural. No entanto, a segunda pessoa do plural ainda se mantém em vários dialectos.¹⁷

1.7.6. Terceira pessoa do plural

A terceira pessoa do plural acompanha o verbo na mesma pessoa e número:

(119) Eles vão ao cinema.

(120) *Eles vai ao cinema.

(121) Elas vão ao cinema.

(122) *Elas vai ao cinema.

Se o pronome é masculino e plural, o adjectivo/particípio que com ele concorda também se encontra no género masculino, número plural (cf. (123)); se o pronome é feminino e plural, o adjectivo/particípio concordante encontra-se igualmente no feminino e no plural (vejam-se os contrastes entre (123) vs. (124) e (125) vs. (126)):

(123) Eles estão cansados.

(124) *Eles estão cansado.

(125) Elas estão cansadas.

(126) *Elas estão cansada.

¹⁷ Curiosamente, em algumas zonas encontramos a co-ocorrência de *vocês* a concordar com a forma verbal na segunda pessoa do plural. É o caso de Covo, uma das localidades seleccionadas pelo projecto CORDIAL-SIN:

Vocês andais a gastar dinheiro (...) e dás cabo dela, (dá-lhe) /dar-lhe\ remédio, dar remédio, dar remédio, um dia é um poço de doença...

[COV01] Arquibaldo

Por outro lado, o pronome masculino não concorda com formas femininas e o pronome feminino não concorda com formas masculinas (como mostram os contrastes entre (127) vs. (128) e (129) vs. (130):

- (127) Eles estão cansados.
- (128) *Eles estão cansadas.
- (129) Elas estão cansadas.
- (130) *Elas estão cansados.

Os pronomes de terceira pessoa do plural também se podem omitir na frase:

- (131) Vão ao cinema.
- (132) Estão cansados/cansadas.

1.8. Comparação entre o comportamento de *a gente* e o comportamento de outras formas pronominais: *Você/Vocês*

Por considerarmos relevante para este estudo, descrevemos aqui o comportamento de outras formas que se podem aproximar de *a gente*, nomeadamente *você/vocês*.

Esta forma de tratamento refere-se a uma segunda pessoa mas o verbo que a acompanha encontra-se na terceira. No singular, podemos ter:

- (133) Você vai ao cinema.
- (134) *Você vais ao cinema.

No entanto, no plural, a concordância parece ser menos sistemática, uma vez que em algumas variedades do português, a frase (136) é possível¹⁸:

¹⁸ Trata-se de Covo (distrito de Aveiro), localidade que faz parte do CORDIAL-SIN, conforme já exemplificámos em nota anterior.

(135) Vocês vão ao cinema.

(136) Vocês ides ao cinema.

Note-se que, na variedade padrão, o pronome pessoal de segunda pessoa do plural, *vós*, foi substituído por *vocês*. Parece-nos ser uma mudança equivalente à de *nós*, primeira pessoa do plural, por *a gente*. Paralelamente, também *você/vocês* tem natureza pronominal, uma vez que partilha das propriedades indicadas por Menuzzi (1999; 2000) para conceder estatuto pronominal a *a gente*. Vejamos:

i) tem interpretação pronominal (de segunda pessoa do plural):

(137) *Vocês* viram uma cobra atrás de *vocês*.

ii) a sua sintaxe é igual à dos pronomes (não há modificação possível como se mostra nos exemplos abaixo):

(138) *[*Vocês assustados*] saíram a correr.

(139) *[*Vocês desatentos*] não perceberam o exercício.

(140) *[*Ele desatento*] não percebeu o exercício.

iii) o género é determinado pela interpretação (e não por especificação lexical):

(141) *Você* ficou surpres-*o* com aquele elogio. [João a falar para o Paulo]

(142) *Você* ficou surpres-*a* com aquele elogio. [Susana a falar para a Maria]

iv) o seu comportamento em termos de ligação segue o Princípio B e não o Princípio C (cf. exemplo (137) acima).

No que se refere à concordância com adjectivos/particípios, *você/vocês* apresenta padrões de concordância idênticos aos identificados na secção 1.7 acima para os pronomes pessoais, conforme ilustram os exemplos (143) a (150). Tal como os pronomes de primeira e segunda pessoa é compatível quer com o género masculino quer com o feminino, sendo o género determinado pelo seu referente.

- (143) Você está cansada.
- (144) *Você está cansadas.
- (145) Você está cansado.
- (146) *Você está cansados.
- (147) Vocês estão cansadas.
- (148) *Vocês estão cansada.
- (149) Vocês estão cansados.
- (150) *Vocês estão cansado.

Relativamente à concordância com o verbo, parece comportar-se como *a gente*: com *a gente* há a possibilidade de o verbo ocorrer na primeira ou na terceira pessoa do plural ou na terceira do singular; com *vocês* também parece ser possível a ocorrência do verbo na segunda e na terceira pessoa do plural.

O valor referencial desta expressão pronominal é recuperável em frases com sujeito nulo¹⁹:

- (151) Vai ao cinema.
- (152) Estão cansados.

1.9. Síntese: conhecimento adquirido e problemas em aberto

Apresentámos, até aqui, sumariamente, e com base na bibliografia consultada, a descrição do comportamento de *a gente* em PE. Fizemos uma breve apresentação do seu percurso histórico, bem como do seu uso enquanto pronome, e ainda dos diferentes padrões que manifesta nas relações de concordância quer com o verbo, quer com adjectivos/particípios. Curiosamente, esta expressão pronominal induz variação em relações de concordância. Como vimos, podemos encontrar *a gente* a concordar com três padrões verbais: terceira pessoa do singular, primeira pessoa do plural e terceira pessoa do plural (este último restrito a alguns dialectos do PE, nomeadamente o

¹⁹ Nestes casos, as estruturas com o pronome de terceira pessoa são iguais. O contexto, no entanto, desambiguará.

micaelense²⁰). No que se refere à concordância adjectival/participial, este pronome desencadeia os quatro padrões possíveis para adjectivos/particípios em PE. Assim, estes podem aparecer no feminino do singular ou plural ou no masculino do singular ou plural.

O trabalho de Menuzzi (1999; 2000) mostrou que, tanto no domínio local como no não local, *a gente* pode apresentar os traços semânticos e gramaticais activados, nomeadamente em questões de ligação. Será que em relações de concordância essa generalização se mantém? O facto de podermos encontrar frases como *a gente está cansados* parece contradizer a observação de Menuzzi, uma vez que encontramos os traços de número activos num domínio local. Como explicar este paradoxo?

No próximo capítulo apresentaremos e descreveremos dados do PE recolhidos em *corpora* de produção oral, bem como em fontes literárias e paraliterárias, o que nos permitirá obter a evidência empírica necessária à formulação da análise que proporemos a seguir. Iniciaremos o capítulo com a identificação das fontes onde colhemos os dados.

²⁰ E talvez a variedade do Soajo. Veja-se o exemplo (54) acima.

2. Os padrões de concordância com *a gente* em PE

Neste capítulo pretendemos fazer a descrição do comportamento de *a gente* em relações de concordância com adjectivos/particípios. Começaremos por identificar e descrever as fontes onde procurámos esses dados empíricos. Elas ilustram dois tipos de registo: o oral e o escrito. Ao longo da descrição dos dados, referiremos sempre qual a fonte e o tipo de registo. Os dados orais são produzidos em actos de fala espontânea, em situações do dia-a-dia; os dados escritos são, muitas vezes, fruto de alguma reflexão e são, obviamente, mais variáveis, aproximando-se daquilo que pode ser considerado de norma. Parece-nos que os dados cuja origem está em fontes tão distintas podem ser descritos juntamente, desde que não sejam comparados de uma forma simplista. É o que nos propomos a seguir.

2.1. Identificação e descrição das fontes

Para este trabalho, as fontes para a obtenção de registo oral foram: o CORDIAL-SIN, o CRPC (*subcorpus* oral) e um conjunto de testes concebidos especialmente para testar o comportamento de *a gente* em relações de concordância com adjectivos/particípios. Como fontes de registo escrito usamos: o CRPC (*subcorpus* literário e *subcorpus* jornalístico), a par de alguns textos literários e paraliterários.

2.1.1. CORDIAL-SIN

O CORDIAL-SIN (*Corpus* Dialectal com Anotação Sintáctica) é um projecto de *corpus* oral representativo da variação sintáctica dialectal do PE, onde a autora deste trabalho tem funções de Bolseira de Investigação Científica. Trata-se de um projecto coordenado por Ana Maria Martins, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Este projecto utiliza materiais que integram o Arquivo Sonoro do Grupo de Dialectologia daquele Centro. Trata-se de entrevistas realizadas, a partir dos anos 70, em várias zonas do país. No âmbito do projecto do CORDIAL-SIN, são seleccionados excertos de conversa livre e semi-dirigida. Estes materiais sonoros são

depois transcritos, havendo uma transcrição conservadora e uma transcrição normalizada (esta obtida automaticamente a partir da primeira, sem representação de pausas, abandonos, repetições, variantes fonéticas ou morfofonológicas, e outros factores próprios da produção oral). Seguidamente esses textos, tal como se apresentam na versão normalizada da transcrição, são anotados morfológica e sintacticamente. Todos os dados pertencentes a este projecto são devidamente identificados por uma sigla que contém três letras maiúsculas seguidas de dois algarismos. As três maiúsculas referem a localidade de onde provêm os dados e os algarismos o número do ficheiro de onde as frases foram extraídas. Seguidamente, enunciamos as siglas e respectivas localidades que integram o CORDIAL-SIN, um projecto ainda em desenvolvimento: ALC (Alcochete - Setúbal); AAL (Alto Alentejo: Castelo de Vide, Porto da Espada, São Salvador de Aramenha, Sapeira, Alpalhão, Nisa - Portalegre); ALV (Alvor - Faro); CBV (Cabeço de Vide - Portalegre); CLC (Câmara de Lobos, Caniçal - Funchal); COV (Covo - Aveiro); CTL (Castro Laboreiro - Viana do Castelo); FIG (Figueiró - Guarda); FLF (Flores: Fajãzinha - Horta); LVR (Lavre - Évora); MIG (São Miguel: Ponta Garça - Ponta Delgada); MIN (Minho: São Lourenço da Montaria, Bade; Arcos de Valdevez - Viana do Castelo); MST (Monsanto - Castelo Branco); OUT (Outeiro - Bragança); PAL (Porches, Alte - Faro); PFT (Perafita - Vila Real); PST (Porto Santo - Funchal); SRP (Serpa - Beja); VPA (Vila Praia de Âncora - Vila Real). Sempre que necessário, nomeadamente, em exemplos que expressem concordâncias com *a gente*, indicamos o nome do informante (fictício, segundo as normas do CORDIAL-SIN) e, sempre que disponível, a idade e escolaridade na data do inquérito. Este *corpus* e informações relativas a ele encontram-se disponíveis no seguinte endereço electrónico do CLUL: www.clul.ul.pt/sectores/cordialsin/projecto_cordialsin.html .

2.1.2. CRPC

Procurámos também a ocorrência de *a gente* em situações de concordância participial/adjectival nos dados pertencentes ao *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), coordenado por Maria Fernanda Bacelar de Nascimento, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Iniciado em 1988, o CRPC é um *corpus* linguístico, electrónico, que contém actualmente cerca de 200 milhões de palavras, sendo constituído por amostragens de diversos tipos de texto de discurso

escrito (literários, jornalísticos, técnicos, científicos, didáticos, económicos, jurídicos, parlamentares) e de discurso oral (situações informais e formais). Estas amostragens dizem respeito a variedades nacionais e regionais do português. Do ponto de vista cronológico, o *corpus* contém textos que vão desde a 2ª metade do séc. XIX até 2002, sendo, na sua maior parte, posteriores a 1970.²¹ Neste trabalho, usamos apenas dados do PE do discurso oral, literário e jornalístico, uma vez que só nesses subcorpora encontramos o pronome *a gente* manifestando relações de concordância com adjectivos/participios.

2.1.3. Textos literários e paraliterários

Ao longo deste trabalho, habituámo-nos a reagir perante a expressão pronominal em estudo. Assim, fomos criando um *corpus* com ocorrências de *a gente*. Por um lado, em obras literárias, onde apenas a encontramos em discurso directo; por outro lado, em letras de música e/ou poesia musicada. Este último tipo de fonte é classificado por nós sob a designação de 'textos paraliterários'. Note-se que este *corpus* é constituído por ocorrências facilmente verificáveis nas respectivas fontes ao contrário das ocorrências de *a gente* em situação de fala espontânea, no dia-a-dia, dificilmente registáveis, embora atestadas.

2.1.4. Testes

Por forma a obtermos dados de frequência, tendo em conta variáveis como o sexo do locutor e o contexto sintáctico de ocorrência de *a gente*, propusemos a falantes do PE alguns testes para verificar qual a concordância escolhida, em diferentes contextos, entre um adjectivo/participio e *a gente*. Os testes foram sendo aperfeiçoados à medida que o trabalho avançava. Foram várias as etapas e os testes: teste II, teste III e teste IV. Resumidamente, os testes baseavam-se no seguinte: era pedido a falantes do PE, que completassem frases com uma forma adjectival/participial dada e fizessem a concordância correspondente. O verbo encontrava-se sempre na terceira pessoa do

²¹ Informações relativas a este projecto encontram-se disponíveis em www.clul.ul.pt (Grupos e projectos, linguística de corpus, CRPC)

singular porque, como já dissemos, é o único padrão verbal onde podemos encontrar todas as concordâncias possíveis.

O teste II, por exemplo, continha algumas frases sem *a gente* para que o informante não se apercebesse do que estava a ser testado (na maioria dos casos, o informante apercebeu-se daquilo que estava a ser testado); o teste III é muito semelhante, apesar de terem sido acrescentadas mais frases que nada testavam; o teste IV tem ainda mais frases que nada têm a ver com a expressão a testar e tem orações cuja ordem foi trocada relativamente aos testes anteriores. Ou seja, se nos testes II e III, algumas orações com *a gente* eram antepostas à frase matriz, no teste IV passaram a ser pospostas. Nalgumas frases dos testes III e IV, especificou-se o sexo dos referentes. Os testes foram dados a pessoas diferentes: assim, cada pessoa fez apenas um teste. Apesar do esforço para que o informante não se apercebesse do que estava a ser testado, ele quase sempre percebeu o que se estava a testar.

Tivemos em conta o facto de as frases dos testes terem diferentes contextos, uma vez que o padrão escolhido pelo informante poderia estar relacionado com a estrutura da frase. As frases apresentadas nos testes tinham a estrutura da que se segue, retirada do teste II:

Frase 6: A gente só parou depois de *esgotad-* .

O que o informante tinha a fazer era flexionar a forma adjectival/participial dada, inserindo a flexão que, de acordo com a sua gramática, era a correspondente.

Estes testes encontram-se em anexo, no final deste trabalho. O teste I nunca é citado nem se apresenta por ter sido anulado, uma vez que não reunia as condições consideradas básicas para testar o uso de *a gente*.

2.2. Apresentação e descrição dos dados

2.2.1. *Corpora* de fala / produção oral, textos literários e paraliterários

Nesta secção apresentaremos os dados pertencentes aos *corpora* de fala (CORDIAL-SIN e CRPC), e às fontes de registo escrito (CRPC, textos literários e paraliterários).

Nalguns casos, apresentamos frases em que o verbo se encontra na primeira pessoa do plural devido à concordância expressa no adjetivo/particípio, que se encontra sempre no plural. No entanto, a relevância destas frases está no facto de se tratar de um informante feminino que faz a concordância no masculino ou de se tratar de um informante masculino que faz a concordância com o feminino.

2.2.1.1. CORDIAL-SIN

Apresentamos, seguidamente, os dados do CORDIAL-SIN que ilustram o comportamento de *a gente* em relações de concordância com adjetivos e participios.

A. Padrão de concordância FEMININO DO SINGULAR

(153) E depois, ficámos contentes, que ele não quis que **a gente** ficasse **zangada**.

[PFT21] Adail²², 80 anos (em 1994), sabe ler e escrever

(154) Que **a gente** fica **equivocada**, e depois está muita gente, e não tinha, já não tinha cabeça.

[PFT31] Adail²³, 80 anos (em 1994), sabe ler e escrever

(155) Quando **a gente** está **aflita** do estômago...

[FIG01] Arnaldina

(156) **A gente** agora é **uma fidalga**. **É uma fidalga**.

[MST42] Ambrósio

(157) E **a gente** foi **obrigada** a matá-los porque (...) os garnisés podem mais que estes grandes²⁴.

[COV36] Arquibaldo

²² Trata-se de um nome feminino.

²³ Ver nota anterior.

B. Padrão de concordância MASCULINO DO SINGULAR

- (158) Quando a gente era **pequenito** e charros a gente (era **jeitoso** para aquilo)²⁵.
[PFT37] Abelardo, 38 anos (em 1994)
- (159) A gente quando é **criado** e tem pouco...
[PFT41] Abelardo, 38 anos (em 1994)
- (160) **A gente** foi **criado** na lavoura (...) e deu para investir em terras.
[PFT41] Abelardo, 38 anos (em 1994)
- (161) **A gente** está **acostumado**, a gente (em cima)...
[ALV36] Ápio, 45 anos (em 1994)
- (162) Chega-se a uma certa idade já **a gente** está **cheio**, que a gente não precisa de muito comer.
[MIN06] Anselmina

C. Padrão de concordância FEMININO DO PLURAL

- (163) Minha mãe que Deus haja, ia para a casa de uma tia minha, defronte ao hotel Porto Santo, e a gente ia, **pequeninas**, a gente ia.
[PST12] Acidália, 63 anos (em 1994), analfabeta
- (164) E aquilo é mais uma coisa que **a gente** fazem (**assentadas**) /**é sentadas**\²⁶.
[MIG50] Andreia, 56 anos, 4ª classe

²⁴ Todos os segmentos imperceptíveis ou inacabados são anotados, numa versão normalizada, entre parênteses: (...), conforme normas de transcrição do CORDIAL-SIN.

²⁵ Nas normas de transcrição do CORDIAL-SIN estipulou-se que, no caso de audições duvidosas, elas seriam anotadas entre parênteses.

²⁶ Segundo as normas de transcrição do CORDIAL-SIN, as expressões alternativas, provenientes de audições divergentes, encontram-se anotadas da seguinte forma: a primeira audição entre parênteses curvos e as outras entre barras oblíquas.

D. Padrão de concordância MASCULINO DO PLURAL

(165) Quando a gente era pequenito e **charros** a gente (era jeitoso para aquilo)²⁷.

[PFT37] Abelardo, 38 anos (em 1994)

(166) Não basta ser pouco, se ele pôr mais, arrebenta com **a gente** todos, **marítimos**.

[ALV02] Ápio, 45 anos (em 1977)

(167) Ora a gente éramos pobres. O meu pai morreu – Deus o tenha no céu – **a gente** éramos **pequeninos**.

[FLF77] Amélia, 63 anos (em 1995)

E. Outros casos

(168) **A gente** era **pobre**, meu amigo...

[MIN35] Arminda, 79 anos (em 1981)

No exemplo anterior, *a gente* concorda com um adjetivo uniforme. Aqui o género não é relevante, mas apenas o número.

2.2.1.2. CRPC

Seguem-se os exemplos provenientes do CRPC. Esta secção está dividida em três partes, reunindo cada uma delas, respectivamente, os dados pertencentes ao registo oral, os dados do discurso literário e os do jornalístico. A seguir a cada exemplo segue-se a referência da localização na fonte e, no caso dos dados orais, o sexo do informante.

I. Registo oral

Apresentamos a seguir os dados pertencentes ao registo oral.

²⁷ Repare-se que este exemplo apresenta dois adjetivos coordenados, portanto no mesmo domínio, que manifestam diferentes traços de concordância relativamente a *a gente*. A análise que desenvolveremos adiante não dá conta destes casos.

A. Padrão de concordância FEMININO DO SINGULAR

(169) Se eu tivesse em idade disso, a gente em tendo mais idade como eu já vou ter uma idade mais avançada, **a gente** dá em ter mais falta de paciência, não é, e vê-se **sozinha**...

[583] Informante Feminino

(170) Essas da portaria são umas escadas muito suaves mas as outras são muito ao pino e fazem um caracol e **a gente carregada** para baixo e para cima, com as roupas, não é, para mudar as camas e assim...

[751] Informante Feminino

(171) Há dias que **a gente tá bem disposta** para tudo, e outros dias que **a gente tá aborrecida** seja lá com o que for. Mas então, que lá nisso, nem que tivesse eu propriamente aborrecida...

[8177] Informante Feminino

(172) E então lá nós temos que levar os papéis todos a comprovarem em como **a gente é casada** por a igreja...

[1332] Informante Feminino

(173) Chega cá **a gente** completamente **molhada**.

[103] Informante Feminino

(174) Se quiser explorar leve-nos até onde **a gente** estiver **disposta** a ir, se nos quiser pagar cem escudos pague, mas não minta.

[293] Informante Feminino

(175) Mas, uma colega minha chegava ao pé de mim, passava uma moça qualquer e **a gente** fica assim... nem sei como, assim **embaraçada** nestas coisas, não é...

[638] Informante Feminino

(176) Há freguesas boas que **a gente** já está **habituada** a trabalhar com elas...

[415] Informante Feminino

(177) Diz que fazem o demónio... na comunitária do (Douro), e **a gente** nunca está **descansada**...

[999] Informante Feminino

B. Padrão de concordância MASCULINO DO SINGULAR

(178) Que, **a gente** embora não fosse **cozinheiro** mas ia-se adaptando e com uma ideia de um, ideia doutro, a gente, às vezes saía alguma coisa de jeito e então a gente lá arranjava as rolas de qualquer maneira, de maneira que a gente comia-as e bebia assim umas pinguinhas...

[119] Informante Masculino

(179) Enfim variadíssimas coisas e um momento inesquecível porque enfim, **fardado**, com vinte anos, **a gente** sentia-se **dono**.

[1023] Informante Masculino

(180) Porque havia muita falta de trabalho; muita dificuldade no serviço e tudo queria trabalhar para governar a vida, não é, e **a gente** então via-se **atrapalhado**, vem aquele tipo lá...

[257] Informante Masculino

(181) Que **a gente** anda **chateado** e anda tudo, não é, não é só eu, são os meus colegas todos.

[1387] Informante Masculino

(182) "Nas mãos, nas mãos não tenho nada, mãe". Ele ficou assim: a minha mãe está maluca, com certeza, não é. Pronto, e ele, **a gente** depois ficou um bocado mais **sossegado**.

[630] Informante Masculino

(183) O ano passado devido à falta de preparação que a gente apanhou em matemáticas gerais, este ano **a gente** já se viu **aflito** nas primeiras partes de cálculo que a gente andou a dar.

[533] Informante Masculino

(184) E é por isso que **a gente** está hoje um bocado mais **atarefado**.

[1144] Informante Feminino

(185) **A gente** vai por lá, e lá por fora e é **incomodado** com perguntas daqui e dacolá.

[1034] Informante Masculino

(186) É uma massa jovem que **a gente** até fica **impressionado**. Eu que estou cá mesmo, até eu fico impressionado...

[146] Informante Masculino

(187) Porque **a gente** já... pois quando tá **descontraído**, quer dizer...

[589] Informante Masculino

(188) Temos de ter muita atenção, não é, quer dizer, **a gente** tá **sujeito** a um engano, estamos mesmo sujeitos a um engano...

[789] Informante Masculino

C. Padrão de concordância FEMININO DO PLURAL

(189) Para várias partes do nosso país, onde há praças que **a gente** estamos **controladas** com elas...

[1092] Informante Masculino

D. Padrão de concordância MASCULINO DO PLURAL

(190) Está bem só por causa de manter uma linha, quer dizer, sabe, se me matarem, matarem a vida do matrimónio, acho que isso é o pior que pode existir e **a gente** então vive assim, **estúpidos** como eles. Estamos amarrados por uma corrente.

[748] Informante Feminino

(191) Lá vou ver o que lá está, lá vou eu picar mais um bocadinho com o sacho e tal e lá se vai passando o dia. Se é muita quantidade aquilo **a gente** vê-se **doidos** com aquilo.

[594] Informante Masculino

(192) Treino de futebol, consta por exemplo, **a gente** entra no campo já **equipados** e fazemos preparação física, exercícios de respiração...

[200] Informante Masculino

E. Outros casos

(193) Tenho só dois, minha senhora, mas eu queria uma dúzia... E olhar para a minha filha com saúde. Um dia **a gente** vê-se **doente** e... uma desgraça!

[1178] Informante Feminino

(194) Gosto de romances biográficos, romances ou livros biográficos, não é, e livros que digam alguma coisa com que nós possamos aprender e que **a gente** não possa ser assim muito **idiotas**, não é?

[342] Informante Masculino

(195) E tenho então um que vai agora para a tropa. Tem vinte e quatro anos. Mas andou a estudar, também a madrinha ajudou-o e **a gente** também como **pobres** também se fez sacrifício por ele.

[1178] Informante Feminino

II. Registo literário:

Os exemplos que se seguem pertencem ao discurso literário. Pelo contexto, nem sempre é possível sabermos qual o sexo do informante e, por isso, não faremos qualquer referência a esse elemento.

A. Padrão de concordância FEMININO DO SINGULAR

(196) Pois vale lá a pena andar no mundo!? Anda **a gente negregada** a trabalhar de sol a sol para ter um cibinho de pão que comer e vai o Porco Tinhoso arma-nos destas ciladas?!

Ref: L0413P0160X

RIBEIRO, Aquilino, *A Via Sinuosa*, Livraria Bertrand, Lisboa

(197) Chega **a gente** a sentir-se **perseguida** pela própria sombra.

Ref: L0951P0040X

MIGUÉIS, José Rodrigues, *Uma Aventura Inquietante*, Círculo de Leitores, 1995

(198) - Bem sei que sou feia, deixá-lo! **A gente** nasce **feita**, não se faz.

Ref: L0412P0122X

RIBEIRO, Aquilino, *Maria Benigna*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1958

(199) interrompeu a mulher, que não largava o seu homem, e forcejava por o afastar dali Sabe lá você o que diz! Meta-se com a sua vida e deixe **a gente** ver **sossegada...**

Ref: L0708P0159X

RÉGIO, José, *O Príncipe com Orelhas de Burro*, 7ª edição, Brasília Editora, José Régio Obras Completas, Porto, 1986

(200) e balas sabemos o que são, projecteis, pedras que as máquinas atirariam contra os muros e por cima deles, para caírem sobre as casas e **a gente** de dentro, **espavorida**, mas balas não é palavra daquele tempo, as palavras não podem ser levemente transportadas de cá para lá e de lá para cá,

Ref: L0702P0033X

SARAMAGO, José, *História do Cerco de Lisboa*, 1ª edição, Caminho, O Campo da Palavra, Lisboa, 1989

(201) Até matam os cães! Atiram-nos agulhas e **a gente** fica toda **picadinha** e a espichar sangue por todos os lados! Só as meninas pequeninas como a Rosinha é que se podem salvar...

Ref: L0414P0160X

BOTELHO, Fernanda, *A gata e a fábula*, 1960

(202) De longe em longe aparece num parapeito um vaso com flores, **a gente** fica **maravilhada** como se isso fosse sobrenatural.

Ref: L0445P0058X

FARIA, Almeida, *Lusitânia*, Editorial Caminho, 5ª edição, 1987

(203) Promessa da mãe se eu melhorasse - explicou a Rosária. - Lembranças... **A gente** quando está **aflita...** - ...Quando está aflita... - repetiu como um eco o pequeno.

Ref: L0583P0021X

COELHO, Trindade, *Os Meus Amores*, Portugália Editora, Lisboa, 15ª edição

- (204) Então a menina nunca saiu do povo? - Nunca. - Nem pensa sair? - Sabe-se lá para o que **a gente** está **guardada**...! - Quer vir comigo para Lisboa? - E que montava querer ir, meu pai não deixava... - Talvez...

Ref: L0412P0123X

RIBEIRO, Aquilino, *Maria Benigna*, Livraria Bertrand, Lisboa, 1958

- (205) O senhor sabe muito bem que **a gente** é **conduzida** e não se conduz. Com muito mais exactidão poderia dizer que a mulher não é senhora de seus destinos.

Ref: L0413P0188X

RIBEIRO, Aquilino, *A Via Sinuosa*, Livraria Bertrand, Lisboa

- (206) - Isso é verdade - apoiou o marido de Francisca Ruiva. – **A gente** se for a dar ouvidos à canalha, está **perdida** com a sua vida. Um homem tem sempre rabos de palha.

Ref: L0115P0031X

BRANCO, Camilo Castelo, *Os Brilhantes do Brasileiro*, 9ª edição, Parceria A. M. Pereira, Obras de Camilo Castelo Branco, Lisboa, 1972

- (207) **A gente** não era **falsa** a bródios e funções, não só pelo preto que nos mereciam os santos como porque ninguém seria mais amigo de espairecer e folgar.

Ref: L0077P0015X

RIBEIRO, Aquilino, *O Malhadinhas*, Bertrand Editora, Obras Completas de Aquilino Ribeiro, Lisboa, 1989

- (208) Os quartos têm sempre aquelas luzes fraquinhas que tanta ajuda dão e **a gente** nunca lhes diz que está com dor de cabeça nem lhes vira as costas, de **zangada**, a dizer-lhes que eles só querem é porcarias.

Ref: L0071P0152X

BAPTISTA, António Alçada, *Os Nós e os Laços*, 1ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1985

- (209) E **a gente, contrita e divertida**, continuava a gozar o espectáculo.

Ref: L0468P0263X

MIGUÉIS, José Rodrigues, *Léah e Outras Histórias*, 9ª edição, Editorial Estampa, José Rodrigues Miguéis Obras Completas, Lisboa, 1958

- (210) E **a gente, sentada** na sua cadeira, e no gozo de nossa tranquilidade e claro intelecto, perguntamos: «E tinha ele razão para amá-la ou para odiá-la tanto?»

Ref: L0509P0154X

BRANCO, Camilo Castelo, *O Santo da Montanha*, 6ª edição, Parceria A. M. Pereira, Lda, Obras de Camilo Castelo Branco, Lisboa, 1972

- (211) Eu bem sei que tudo vai do costume... mas enfim **a gente** foi **criada** nisto... Mas a pedra é coisa asseada. É como as que estão na cidade.

Ref: L0016P0013X

DINIS, Júlio, *A Morgadinha dos Canaviais*, Porto, 1935

- (212) O nosso papel é levar os alunos a exame e fazer com que fiquem aprovados. Também isso está escrito. **A gente** precisa de estar **preparada** para enfrentar toda a espécie de touros, ursos, crocodilos, elefantes ou apenas problemas.

Ref: L0458P0061X

HATERLY, Ana, *O Mestre*, 1ª edição, Editora Arcádia, Autores Portugueses, Lisboa, 1963

- (213) - Que saia daqui, já! Senão, vai a pau! Ia **a gente sossegada** a voltar-se, investigando o que se passava, quando os dois touros tornaram a arremeter, chamando à lida a curiosidade dos desavindos.

Ref: L0020P0177X

CASTRO, Ferreira de, *Terra Fria*, 6ª edição, Livraria Editora, Guimarães & C.ª, Lisboa, 1948

- (214) Dois olhos vivos corriam o quarto, atentavam na mala em muda interrogação. **A gente** começava a abrir a mala, súbito tão **interessada** naquilo quanto o estava o menino. Mais meninos.

Ref: L0417P0082X

BRAGA, Maria Ondina, *Estátua de sal*, s.e., s.e., s.d.

- (215) De mais a mais num dia destes, sabendo que **a gente** está aqui **aflita**... Foi ainda a Gertrudes que deu a única resposta decidida a estas reticências:

Ref: L0494P0236X

TORGA, Miguel, *Vindima*, Coimbra Editora, Coimbra, 3ª edição, 1965

- (216) O meu homem acudiu, e desatámos os dois a bater com um pau pra cima, ora veja que estupidez a nossa: **a gente** até fica **parva**. Se eram ladrões!

Ref: L0511P0016X

MIGUÉIS, José Rodrigues, *A escola do Paraíso*, 8ª edição, Editorial Estampa, Lisboa, 1989

- (217) -A velha dobrou silenciosamente o papel: - E eram verdade nesse tempo, filho - murmurou por fim. - Quando **a gente** é **nova**! ... Artur teve vontade de a abraçar! O seu acanhamento reteve-o.

Ref: L0508P0104X

QUEIRÓS, Eça de, *A Capital*, 10ª edição, Lello & Irmão – Editores, Porto, 1978

- (218) Amar, amar, o amor, saber, o que é preciso é que **a gente** se sinta **encontrada**, repousar em ti, novo útero de que não queremos jamais sair, amor que nos levas a buscar a eterna mãe, o eterno ventre, os braços

Ref: L0458P0072X

HATERLY, Ana, *O Mestre*, 1ª edição, Editora Arcádia, Autores Portugueses, Lisboa, 1963

- (219) Brízida adorada - respondi eu a chorar, que os olhos dum homem não foram só feitos para ver. - Negá-lo seria negar a Deus Nosso Senhor, mas que queres, **a gente** nasce **feita**, não se faz. Ora ouve, mulher!

Ref: L0077P0072X

RIBEIRO, Aquilino, *O Malhadinhas*, Bertrand Editora, Obras Completas de Aquilino Ribeiro, Lisboa, 1989

- (220) - Lá sòzinhas, não. É como se **a gente** ficasse **viúva** antes de o ser.

Ref: L0281P0292X

REDOL, Alves, *Avieiros*, 1ª edição, Livraria Portugália, Lisboa, 1942

- (221) Se calhar é disso que eu me queixo... - Pedro: e se **a gente** foi **feita** para viver coisas boas entre a monotonia das horas?

Ref: L0071P0253X

BAPTISTA, António Alçada, *Os Nós e os Laços*, 1ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1985

- (222) - Ah, lá pelos lençoesinhos respondo eu! ... Mas um desgosto assim, meu senhor! **A gente apanhada** sem um colchãosinho de lã, sem um lombosinho de vacca...

Ref: L0017P0208X

QUEIROZ, Eça de, *A Cidade e as Serras*, 18ª edição, Livraria Lello e Irmão, Editores Porto, 1941

- (223) Quando o Pedro acabou fez-se um pequeno silêncio que ela quebrou com a sua voz serena e segura: - Pois é, meu querido. É cada vez mais raro **a gente** ver-se **metida** num caso assim em que todos têm razão.

Ref: L0071P0250X

BAPTISTA, António Alçada, *Os Nós e os Laços*, 1ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1985

- (224) O galego também é cristão! - atalhou a Sr. ^a Mariana, mirando-a solenemente por cima dos óculos. - Pois, sim; mas queria dizer nisto o pai que **a gente** não vem **feita** das mãos de Deus, e que é o dinheiro que nos faz depois.

Ref: L0226P0157X

BRANCO, Camilo Castelo, *As Três Irmãs*, Parceria A. M. Pereira, Obras de Camilo Castelo Branco, Lisboa, 1974

- (225) A minha mãe bem dizia: «Maria tem cuidado, isso de casamentos nunca se sabe, às vezes mais vale **a gente** ficar **solteira**...» mas como é que eu podia saber que o meu António havia de vir assim das Áfricas,

Ref: L0263P0209X

COSTA, Maria Velho da, Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno, *Novas Cartas Portuguesas*, 1ª edição, Editorial Futura, Lisboa, 1974

B. Padrão de concordância MASCULINO DO SINGULAR

- (226) Olhem, querem vocês saber uma coisa? **A gente** entrou em Las Palmas **embandeirado** a roupa lavada, não foi? Mas com as vassouras é que devia ter sido.

Ref: L0490P0259X

SENA, Jorge de, *Os grão-capitães*, 4ª, Edições 70, Lisboa

- (227) E há os que lambem **a gente todo**. Vais ver. Nem sonhas onde. Até te torces.

Ref: L0490P0145X

SENA, Jorge de, *Os grão-capitães*, 4ª, Edições 70, Lisboa

- (228) Não me digas qu' és dos que não arreiam as calças com medo que o gajo o volte. Que eles o que querem é ver **a gente todo**. Não é como nas terras onde vais com eles. Mas é tudo gente fixe.

Ref: L0490P0146X

SENA, Jorge de, *Os grão-capitães*, 4ª, Edições 70, Lisboa

- (229) Vinte e seis anos! Estás uma criança! Podes ter um grande futuro. Aquilo são terras para **a gente** ir com essa idade, quando se é **novo**... Alberto ficou-se silencioso, pensativo, com os olhos fixos no velho sofá.

Ref: L0457P0030X

CASTRO, Ferreira de, *A Selva*, Livraria Editora Guimarães & Cª, Lisboa, 7ª edição

(230) - Mas, se quiserem vir comigo, a coisa arranja-se. – **A gente** arranja-se **sozinho** - disse eu. - Ah arranja? Como? À mão? - e ria um riso desbocado.

Ref: L0342P0470X

SENA, Jorge de, *Sinais de Fogo*, 2ª edição (?), Edições 70, Lisboa, 1979

(231) Eles valem tudo: as Eulálias, abundam, **a gente** nunca fica **roubado** em ternura. Só a não dão a quem lha não dá. -«O quê, você acredita na amizade dos alunos?» - Pois claro que acredito.

Ref: L0075P0216X

GAMA, Sebastião da, *Diário II*, 4ª edição, Edições Ática, s.d., Portugal

(232) Bate então no ombro do seu amigo, lembra-lhe o passado, diz-lhe com um sorriso: - E nós que estivemos para nos bater! **A gente** em **novo** sempre é muito imprudente... E por causa duma tolice, amigo Machado!

Ref: L0346P0187X

QUEIRÓS, Eça de, *Alves & C.ª e Outras Ficções*, Livros do Brasil, Obras de Eça de Queirós, Lisboa

(233) - Isto é tudo uma miséria, mas, diante de uma pureza assim, é preciso que ao menos **a gente** só assine **vencido**. - Não - respondi-lhe eu, a olhá-lo bem. - Se quiere de facto ajudá-la, não faça isso. Siga-lhe o exemplo, e nem mesmo vencido assine.

Ref: L0240P0190X

TORGA, Miguel, *Diário II*, Editora Coimbra, Coimbra, 1943

(234) Na minha família, quer do lado de meu pai, quer do lado de minha mãe, o catolicismo era a igreja onde **a gente** era **baptizado** ou se casava, e era o padre que se chamava quando as pessoas morriam.

Ref: L0342P0098X

SENA, Jorge de, *Sinais de Fogo*, 2ª edição (?), Edições 70, Lisboa, 1979

(235) - Isso, isso... **A gente** quando está **metido** numa daquelas tem uma indulgência extraordinária!

Ref: L0071P0044X

BAPTISTA, António Alçada, *Os Nós e os Laços*, 1ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1985

- (236) Fingir, outrossim, **a gente** que está **convencido** da tolice dos outros, para que os outros nos tenham em conta de boçais de boa fé, e não de espertos sem pudor.

Ref: L0082P0194X

BRANCO, Camilo Castelo, *Anos de Prosa*, 4ª edição, Parceria A. M. Pereira, Lda, Obras de Camilo Castelo Branco, Lisboa, 1973

- (237) Tem um tampo redondo de tábuas, é como um terraço onde se pode dançar e bater com os pés (o que **a gente** faz sempre que está **sozinho**), com um postigo quadrado por onde não há o perigo de se cair lá dentro.

Ref: L0511P0040X

MIGUÉIS, José Rodrigues, *A escola do Paraíso*, 8ª edição, Editorial Estampa, s.d.

- (238) É assim que **a gente** aprende quanto custa ser **pequeno, indefeso**. Estamos sozinhos. Se o mundo é isto...

Ref: L0511P0047X

MIGUÉIS, José Rodrigues, *A escola do Paraíso*, 8ª edição, Editorial Estampa, s.d.

- (239) - Antes que **a gente** fique **empenhado!** não vos há-de faltar pão - disse o Manó fazendo esta promessa dolorosa.

Ref: L0504P0134X

MORAIS, Pina de, *Sangue plebeu*, 1ª edição, Edição Marânus, Porto, 1942

- (240) - Então esse automóvel vem ou não vem? - e a minha, sacudindo a bolsa de asas longas, propôs: - E se **a gente** fosse para a pensão dormir **descansado?** -, fazendo-me festas no queixo.

Ref: L0342P0126X

SENA, Jorge de, *Sinais de Fogo*, 2ª edição (?), Edições 70, Lisboa, 1979

- (241) Mas o meu coração era-te grato, porque é bom sentir-se **a gente amado e desejado** por alguém com tanta vida e seiva como tu.

Ref: L0468P0026X

MIGUÉIS, José Rodrigues, *Léah e Outras Histórias*, 9ª edição, Editorial Estampa, José Rodrigues Miguéis Obras Completas, Lisboa, 1958

- (242) Mas o presente é feito de instantes imensuráveis, decorrentes, arrancados ao nada do futuro, para o qual **a gente** avança às arrecuas, **cego**, o remador de costas para a proa!

Ref: L0511P0371X

MIGUÉIS, José Rodrigues, *A escola do Paraíso*, 8ª edição, Editorial Estampa, s.d.

C. Padrão de concordância MASCULINO DO PLURAL

- (243) - Agora, creio, **a gente** vai estar uns tempos **separados**. Mas a gente vai-se ver, de vez em quando. Talvez numa dessas alturas a gente vá até às ruínas do Carmo,

Ref: L0214P0085X

BASTOS, Baptista, *Cão Velho entre Flores*, 1ª edição, Editorial Futura, Lisboa, 1974

- (244) Decidam depressa, que **a gente** não há-de estar aqui no pátio às escuras com ar de **tolos**. O plano era irmos todos a pé; mas...

Ref: L0289P0486X

BRANCO, Camilo Castelo, *Novelas do Minho*, Ed. Crít. Mateus, M. H. M., Centro de Estudos Filológicos, Biblioteca de Clássicos Portugueses, Lisboa, 1961

- (245) As mulheres atiravam-se lá de cima com as crianças ao colo e esborrachavam-se contra a calçada. E **a gente**, entre as chamas, todos **chamuscados!** As escadas partiam-se, não havia água: vá de machadadas, vá de baldes de areia.

Ref: L0261P0051X

FONSECA, Manuel da, *O Fogo e as Cinzas*, Portugália Editora

D. Outros casos

- (246) Ai! bem transtorno me faz esta romagem à Lapa. **A gente**, ainda que seja **pobre**, também tem a sua lida.

Ref: L0284P0260X

RIBEIRO, Aquilino, *Terras do Demo*, 1ª edição, Livraria Bertrand, Lisboa, 1946

- (247) É para aprender. Mais nada! Se não vai a bem vai a mal! **A gente** às vezes tem de ser **firme**, ó meu amigo! E a minha filha, que pelos vistos gostava dele, amuou.

Ref: L0568P0172X

CARNEIRO, José Pinto, *O Estranho Caso da Boazona que me Entrou pelo Escritório Adentro*, 1ª edição, Cotovia, Lisboa, 1994

- (248) Ora, **a gente** pode não ser **valente**, mas numa necessidade, e então quando reina a confiança! (São sempre os próximos que pagam as favas.)

Ref: L0511P0173X

MIGUÉIS, José Rodrigues, *A escola do Paraíso*, 8ª edição, Editorial Estampa, s.d.

(249) - Tenho a sensação de que **a gente** ainda não merece ser **livre!** Somos umas parvas! ... Se calhar estou condenada a andar de parvo para parvo.

Ref: L0071P0136X

BAPTISTA, António Alçada, *Os Nós e os Laços*, 1ª edição, Editorial Presença, Lisboa, 1985

(250) Sobretudo, o que **a gente** fazia quando andava **infeliz** no amor, era chorar recíprocamente no seio dos seus amigos.

Ref: L0289P0481X

BRANCO, Camilo Castelo, *Novelas do Minho*, Ed. Crít. Mateus, M. H. M., Centro de Estudos Filológicos, Biblioteca de Clássicos Portugueses, Lisboa, 1961

(251) Olhe que os anos tornam **a gente egoista**, padre-capelão; a abnegação é só apanágio da mocidade.

Ref: L0211P0014X

PIMENTEL, Alberto, *O Anel Misterioso*, Livraria Figueirinhas, Porto, 1945

III. Registo jornalístico:

Seguidamente apresentamos os dados provenientes do discurso jornalístico. Mais uma vez, não faremos qualquer referência ao sexo do informante por não ser possível sabê-lo em todos os casos.

A. Padrão de concordância FEMININO DO SINGULAR

(252) como confessa uma personagem feminina d' O prato de arroz doce (1.; ed., 1862), de Teixeira de Vasconcelos, já em plena época da Regeneração: **Anda a gente cansada** dos tais romances históricos.

Lcolibri_memorial

Título: Historiografia e Memória Nacional no Portugal do séc. XIX (1846-1898)

Autor: Sérgio Campos Matos, Editora Colibri, Novembro de 1997

(253) a gente voltou para o Santo, e ele, embora com toda a sua paciência, disse que os ouriços eram o que **a gente** merecia, por ter sido **ingrada**. O Santo disse também que a gente teria devido agradecer ao Senhor pelo milagre, em vez de esquecer.

Ref: dn-960524-talentos, Jornal: "Diário de Notícias", Data: 24 de Maio de 1996

(254) - Mas, camarada Presidente, no Sol, e mesmo à roda do Sol, há um calor que derrete tudo. - Pois há. Mas você julga que **a gente é parva**; A gente vai de noite! J. L., Lisboa, Dezembro 1981. 515.

Ref: Lanedotas

Título: Anedotas

Autor: António Machado Guerreiro, Editora Colibri, Janeiro de 1998

(255) Carta a Pedro Bacelar Augusto Santos Silva Caríssimo amigo, sabes bem que nos tornamos símbolos sem querer. **A gente** tem um conjunto de princípios de que não está **disposta** a abdicar.

Ref: jpub-970522-fo01, Jornal: "Público", Data: 22 de MAio de 1997

B. Padrão de concordância MASCULINO DO SINGULAR

(256) E é isso que o Fernando tem de lindo: ao mesmo tempo que vai até ao fundo do poço, que deixa **a gente acabado**, sem solução, diz que quer um colo, um berço, um braço quente enrolado ao pescoço, que quer ser feliz na sua vida.

Ref: jpub-970611-c01, Jornal "Publico", Data: 11 de Junho de 1997

Note-se que, nos textos escritos, aparecem com maior frequência as formas do singular e, destas, ocorre mais frequentemente o género feminino. Uma vez que *gente*, na expressão *a gente*, foi, historicamente, um nome, feminino e singular, a norma, no registo escrito, parece ser essa. As próprias gramáticas remetem para esse padrão. Saliente-se que, na escrita, há uma reflexão e uma tendência ponderada para seguir o que se julga ser a norma. Isso reflecte-se na diferença entre os dados pertencentes ao registo escrito e os dados pertencentes ao registo oral. Mas a este tópico voltaremos mais adiante.

2.2.1.3. Textos literários e paraliterários

Encontrámos também *a gente* em textos literários (exteriores ao CRPC) e em textos paraliterários (consideramos 'paraliterários' os textos de poemas musicados ou letras de música). Destacamos aqui frases ilustrativas de diferentes padrões de concordância entre *a gente* e adjectivos ou participios.

Em *Catarina ou o Sabor a Maçã* (Batista 2000:22), encontramos a seguinte ocorrência (trata-se de um fragmento de discurso directo, produzido por um personagem do sexo masculino):

(257) "De certo modo, literatura é isso: é **a gente** ficar **encantado** no enredo das palavras".

Também Augusto Abelaira, em *A Cidade das Flores* (1959:169), põe em discurso directo dum personagem masculino o seguinte excerto:

(258) "Pensa **a gente**, às vezes, que é **honesto, sincero**, que tem um certo espírito de sacrifício e, de repente, quando dá por si, está a cometer uma vileza. Fiquei, estou envergonhado"...

Saliente-se que, nestes dois últimos exemplos, o uso de *a gente* parece ser o de um pronome arbitrário e, em ambos os casos, a concordância faz-se com o masculino do singular (talvez por o masculino ser o género por defeito em português).

Igualmente na poesia encontrámos uma ocorrência na «*Fala-só*» do amor de Lina Portela (1969):

(259) Vamos começar, mas só **a gente/ Despidos** de súplicas, sem avós, sem nada atrás de nós (...).²⁸

O poeta Álvaro de Campos (cf. ed. Cleonice Berardinelli 1992:191), num dos seus poemas também escreve:

²⁸ Este exemplo pode ser ambíguo, uma vez que o adjectivo tanto pode estar co-indexado com o sujeito nulo *nós* como com *a gente*.

- (260) Estou cansado, é claro,/ Porque, a certa altura, **a gente** tem que estar **cansado**./
De que estou cansado não sei.

Trazemos também para esta secção, letras de músicas ou poemas musicados onde aparece a concordância adjectival ou participial com *a gente*. Assim, apresentamos em seguida excertos de canções de Sérgio Godinho. Note-se que nos dois primeiros exemplos abaixo apresentados, o uso que se faz do pronome *a gente* parece ser o arbitrário.

- (261) Eu amanhã posso não estar aqui/ Mas também, para o que eu aqui repeti.../ É
que eu não sou o único que acho/ Que **a gente** o que tem é que estar **unida**./
Unida como as uvas estão no cacho/ Unida como as uvas estão no cacho...

[Venho aqui falar]

- (262) Olhe pra aqui uma vez/ Senhor Marquês/ Do bairro da lata/ Está **A gente farta**./
Senhor Marquês/ E o nosso fim do mês...

[Senhor marquês]

- (263) Vieram profetas/ Vieram Doutores/ santos milagreiros, poetas, cantores/ cada
qual com um discurso diferente/ p'ra curar a vida da gente/ e **a gente parada**./
fez orelhas moucas/ que com falas dessas/ as esperanças são poucas...

[Barnabé]

Outro grupo musical que usa nas suas letras o pronome *a gente* a concordar com o adjectivo no feminino do singular é o Grupo Outubro. No exemplo seguinte, o feminino do singular pode aparecer por questões de rima ou por se considerar ser essa a norma:

- (264) **A gente** não vai ficar **parada**./ A ver correr o tempo sem fazer nada/ A gente é
que constrói a nossa vida/ A gente é que percorre a nossa estrada.

[A gente não vai ficar parada]

Face aos exemplos apontados, colhidos em fontes diversas, fica claro que *a gente* faz parte de vários registos e não apenas do registo oral. É uma expressão

pronominal que merece a nossa atenção não só pela sua consagração pelo uso, mas também porque apresenta um comportamento especial nas relações de concordância, relativamente a outros pronomes. Depois do que aqui apresentámos, é inegável que, em PE, todos os padrões de concordância são possíveis. Contudo os dados de *corpora*, não nos permitiram saber se dos quatro padrões possíveis algum se apresenta como predominante, pelo que sentimos a necessidade de recolher dados de outra forma.

2.2.2. Resultados da aplicação dos testes

Apresentamos nesta secção o resultado geral dos testes que aplicámos por forma a obter dados adicionais no que diz respeito à concordância entre *a gente* e adjetivos/particípios em PE. Note-se que esses testes foram elaborados com vista à obtenção de dados de frequência deste pronome em relações de concordância com adjetivos/particípios, tendo em conta as variáveis sexo do locutor e contexto de ocorrência de *a gente*²⁹.

Apresentámos estes testes a um total de sessenta e dois informantes, vinte e oito são do sexo masculino e trinta e quatro do sexo feminino. Os testes foram realizados em momentos diferentes e aplicados a informantes diferentes. O teste II teve vinte e sete informantes (onze masculinos e dezasseis femininos), o teste III teve vinte e três (doze do sexo masculino e onze do feminino) e o teste IV teve doze informantes (cinco pertencentes ao sexo masculino e sete ao feminino). Estes informantes do PE foram escolhidos de forma aleatória, sem ter em conta a idade e a escolaridade.

Procedemos à sua elaboração definindo diferentes contextos, uma vez que isso poderia ser relevante nos resultados. Testámos, então, *a gente* em relações de concordância com adjetivos/particípios nos seguintes contextos oracionais:

²⁹ Os testes, bem como os resultados no padrão escolhido e o comportamento, em dados percentuais, dos informantes masculinos e femininos em função do contexto, encontram-se em anexo no final deste trabalho (cf. capítulo 7).

- a. adverbial temporal;
- b. concessiva;
- c. final (com infinitivo flexionado na primeira pessoa do plural ou infinitivo não flexionado);
- d. oração com "juntos";
- e. oração com "ambos";
- f. contexto de pergunta/resposta (com o verbo da oração encaixada na terceira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural);
- g. predicado secundário;
- h. predicativo do sujeito.

Nalguns contextos, em alguns testes, os referentes de *a gente* são especificados como masculinos ou femininos, na medida em que a natureza do referente conjugada com o sexo do informante poderia condicionar as respostas.

Tendo verificado que as variáveis contextuais que observámos (ou seja, *a. a h.* acima) não parecem ter efeitos significativos no que diz respeito aos padrões de concordância escolhidos pelos informantes, optámos por apresentar os dados quantitativos parcelares apenas em anexo (vd. Capítulo 7).

Os resultados, sob a forma de percentagens, são apresentados por sexo de informante³⁰, contexto de ocorrência de *a gente* e número do teste³¹. Quando a soma total não corresponde a 100% deve-se ao facto de algumas respostas terem sido consideradas nulas, ou por o informante não ter respondido, ou por ter sugerido mais que uma forma para a concordância.

Então, segundo os dados disponíveis no capítulo 7, independentemente do sexo do informante ou do contexto frásico em que ocorre a expressão pronominal *a gente*, a maioria dos informantes escolhe o padrão de concordância no masculino do plural.

³⁰ Apresentamos os resultados separados em função do sexo dos informantes para confrontarmos os resultados à luz dessa variável. No caso de existir um referente especificado como masculino ou feminino, é importante apresentar os resultados separados, uma vez que o "eu" é sempre o informante, masculino ou feminino, conforme o caso.

³¹ Apesar de as frases serem basicamente iguais em todos os testes (tendo, no entanto, numeração diferente), optámos por mostrar os resultados separadamente para mais facilmente ser possível a confrontação com os resultados dos testes apresentados nos quadros em anexo (cf. capítulo 7).

O quadro seguinte mostra os resultados totais, em percentagem, dos testes apresentados aos informantes femininos (que representam 54,838% da população inquirida), sem ter em conta o contexto:

Quadro I:

Infs. Fem.	o	a	os	as	nulos
Teste II	4,545	9,659	46,590	17,613	21,590
Teste III	4,545	23,966	51,652	18,595	1,255
Teste IV	3,726	8,695	74,534	13,043	0

Seguidamente mostramos os resultados totais, em percentagem, dos testes apresentados aos informantes masculinos (45,161% dos inquiridos), sem ter em conta o contexto:

Quadro II:

Infs. Masc.	o	a	os	as	nulos
Teste II	4,132	16,528	76,033	0,413	2,892
Teste III	5,303	16,287	76,515	0,378	1,515
Teste IV	6,086	13,043	78,260	0,869	1,739

Sem ter em conta os vários momentos de aplicação dos testes nem o contexto da resposta, os resultados totais dos testes foram os seguintes:

Quadro III:

	Infs. Masc.	Infs. Fem.
o	4,991	4,370
a	15,780	14,039
os	76,650	54,172
as	0,483	16,953
nulos	2,093	10,463

Numa contagem geral, também tivemos em conta os resultados totais sem considerar o sexo dos informantes, as várias fases de aplicação dos testes, nem os contextos de resposta. Assim, num universo de 62 informantes os resultados gerais foram:

Quadro IV:

o	4,651
a	14,825
os	64,316
as	9,520
nulos	6,686

Os resultados dos testes permitem-nos observar que a concordância no masculino do plural é o padrão maioritário, excepto no caso em que o referente de *a gente* é feminino. Ou seja, na ausência de qualquer especificação de género para o referente do pronome, o masculino aparece, naturalmente, em português, como opção não marcada. O contraste entre informantes masculinos e informantes femininos deve-se ao facto de só ser possível o referente integralmente feminino com informantes femininos, já que esse referente inclui necessariamente a primeira pessoa. Pode então concluir-se que, em relações de concordância com adjectivos/particípios, são os traços semântico-discursivos de *a gente* que preferentemente determinam o padrão de concordância. O mesmo parece acontecer, aliás, fora de um registo normativo, com a concordância sujeito-verbo, embora os nossos dados sejam escassos para que tal possamos fundamentar.

Relativamente às variáveis contextuais que considerámos para testar a concordância de *a gente* com um adjectivo/particípio, os resultados gerais apresentam sempre como padrão maioritário o masculino do plural. Alguns factores podem favorecer o reforço quantitativo do padrão plural (como o infinitivo flexionado³²) ou a

³² A concordância sujeito-verbo parece ter com o infinitivo flexionado o mesmo efeito que tem em frases com verbo finito, ou seja, quando o infinitivo se encontra flexionado é mais fácil encontrarmos nos adjectivos/particípios concordantes formas do plural. Se observarmos atentamente os quadros XVII a XXII, os informantes raramente escolhem padrões do singular, em contexto de oração final com infinitivo flexionado; o mesmo se passa em contexto de pergunta/resposta com o verbo no plural, conforme quadros

subida do padrão singular (como parece ser o caso da anteposição da oração que contém o adjetivo/particípio concordante), mas a tendência geral para a ocorrência, quantitativamente dominante, do masculino do plural.

2.2.3. Refinamento da definição dos objectivos do trabalho

Pretendemos, com esta descrição, mostrar os vários padrões de concordância entre *a gente* e adjetivos/particípios em PE. Assim, podemos encontrar estes últimos no feminino do singular ou plural ou no masculino do singular ou plural e isso não acontece com os pronomes ditos clássicos. É, então, nosso objectivo, nos próximos capítulos, apresentar uma análise que permita dar conta desta variedade de estruturas.

Sabemos que os nossos dados têm origens diferentes, isto é, fontes de registo oral, fontes de registo escrito e, ainda, testes especificamente elaborados para observar a concordância entre *a gente* e um adjetivo/particípio.

Nas fontes de registo oral, o padrão que aparece mais vezes nos nossos dados é o masculino do singular; nas fontes de registo escrito é, indubitavelmente, o feminino do singular; e, finalmente, nos testes é o masculino do plural o padrão que aparece mais frequentemente nos adjetivos/particípios a concordar com *a gente*³³. É por esse padrão que começaremos a nossa análise nos capítulos seguintes, por ser aquele que, segundo os testes, corresponde a um uso mais frequente, por hipótese, mais próximo do que é ditado por princípios da gramática.³⁴

XXIX a XXXIV. Em estruturas em que *a gente* concorda com o verbo no plural, também dificilmente o adjetivo/particípio aparecerá no singular.

³³ A diferença entre os resultados dos testes e os que se obtiveram nas fontes de registo oral poderá ser reflexo da variação da natureza sociolinguística (grau de escolaridade e/ou faixa etária) ou de variação dialectal (i.e., geográfica), mas os dados de que dispomos são insuficientes para retirarmos qualquer conclusão a esse respeito.

³⁴ Note-se que o feminino do singular, tendo em conta os dados quantitativos, parece ser mais um produto da norma do que da gramática dos falantes.

3. Pressupostos teóricos

Nesta secção pretendemos dar conta de várias teorias das quais nos iremos servir para a nossa proposta de análise das estruturas de concordância adjectival/participial com *a gente* em PE.

Nesse sentido, procuraremos apresentar uma descrição dos pronomes em termos de geometria de traços. Harley & Ritter (2000) estenderam à sintaxe a ideia, inicialmente da fonologia, de que também os pronomes têm traços especificados que são organizados hierarquicamente e em conjuntos de traços que funcionam independentemente de outros conjuntos de traços. Esta descrição foi já feita para os pronomes pessoais do PE por Duarte et al. (2002).

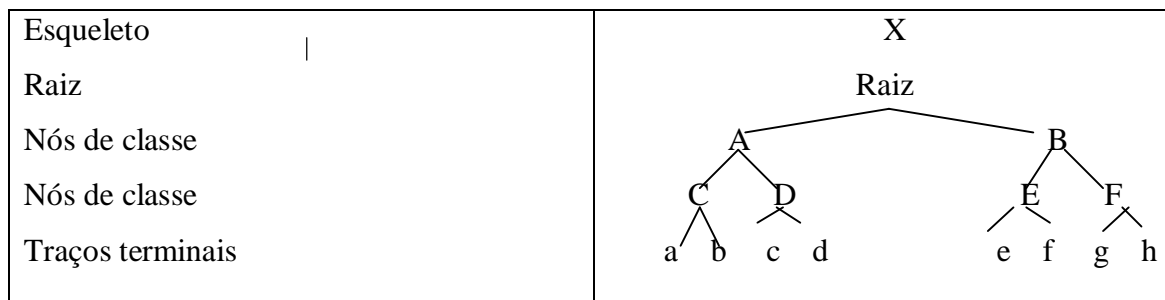
Seguidamente, descrever-se-á a história do ciclo e da fase, desde os anos sessenta até Chomsky (1999a). Este é um marco importante, uma vez que é aqui que se volta à noção de ciclicidade e de fases cíclicas nas estruturas. As fases são domínios onde as operações de concordância acontecem. A estrutura é composta por várias fases; as operações repetem-se em cada fase; depois de uma fase estar completa, ela é enviada para Spell-Out e temos um ciclo completo. Chomsky propõe CP e vP como fronteiras de fase; aqui, e pensando na fase como um domínio de predicação, propomos a Oração Pequena como uma fase forte, tal como independentemente proposto por Svenonius (2003), na medida em que este é um domínio onde se estabelece uma relação de predicação.

Finalmente, será feita uma breve descrição da arquitectura da gramática proposta por Halle & Marantz (1993), à qual se chama Morfologia Distribuída. Este modelo gramatical integra uma inserção tardia de morfemas e itens de vocabulário, depois de terem sido especificados os traços de cada morfema e item de vocabulário nas respectivas posições onde estes irão ser inseridos. Essa inserção tardia é possível porque, neste modelo, há uma componente morfológica autónoma, pós-sintáctica que ocorre em Spell-Out. A sintaxe apenas manipula traços que são enviados para a componente morfológica; nesta componente, por sua vez, são inseridos morfemas e itens de vocabulário de acordo com os traços fornecidos pela sintaxe e são aplicadas todas as operações morfológicas necessárias.

3.1. Geometria de traços

As representações sintáticas e fonológicas são naturalmente formais e altamente estruturadas. Contrariamente, a morfologia parece ser a parte da gramática que lida com traços e os relaciona com a fonologia e sintaxe através de regras de correspondência. Harley & Ritter (2000), baseadas nos paradigmas dos pronomes e suas concordâncias nas línguas do mundo, defendem que a Gramática Universal fornece um conjunto de traços morfológicos que estão sistemática e hierarquicamente organizados. Desenvolvem uma representação geométrica para os traços de número e pessoa que, segundo as autoras, identifica as categorias cognitivas fundamentais, como a referência, a pluralidade e a taxonomia. A estrutura que propõem baseia-se na geometria de traços fonológicos, originalmente proposta por Clements (1985). Ou seja, aplicam na morfologia uma geometria de traços já usada na fonologia autosegmental. Para o PE, este modelo foi adoptado por Duarte et al. (2002), de onde retirámos o esquema 1 que se segue e que ilustra o esqueleto da geometria de traços:

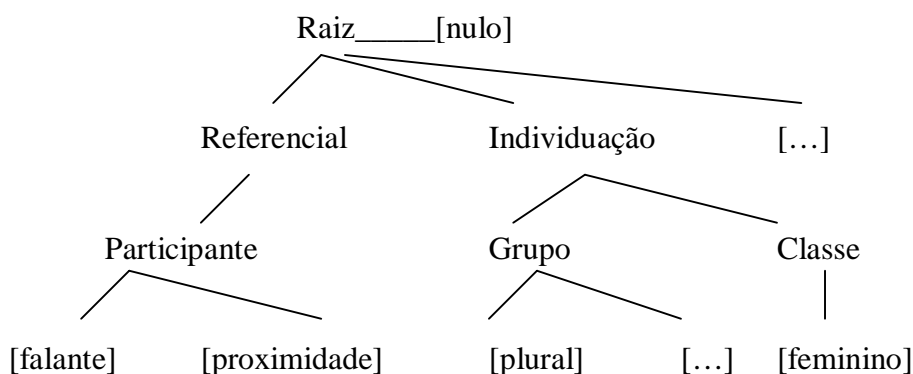
Esquema 1:



Duarte et al. (2002), adoptando a análise de Harley e Ritter (2000), propõem para o PE a representação do subsistema dos pronomes nominativos bem como de *Agr* num modelo de geometria de traços. Partindo da proposta de Mateus & Andrade (2000) de uma geometria de traços fonológicos para o português, essas autoras estendem a geometria de traços à morfologia, mais propriamente ao sistema pronominal. O esquema 2 é, então, a proposta de Duarte et al. (2002) de representação dos pronomes³⁵, segundo o modelo de geometria de traços:

³⁵ Segundo as autoras, a hierarquização está construída de forma a ser alargada aos restantes subsistemas de pronomes do PE e ao sistema nominal.

Esquema 2:



Raiz é o nó que domina a subgeometria dos pronomes pessoais nominativos. Quando se trata de um nó Raiz com traços formais mas sem matriz fonológica, representa um pronome nulo. Relativamente à expressão pronominal em questão, de acordo com os dados já apresentados, ela raramente pode aparecer nula, ou seja, tem de ter matriz fonológica.

Referencial e Individaução são nós de classe que estabelecem a divisão entre propriedades "dependentes do discurso" (identificação dos intervenientes do discurso) e "independentes do discurso" (género e número). Note-se que *a gente* tem o nó Referencial, uma vez que há participação no discurso, e o nó Individaução, porque se trata de um grupo constituído por um *eu* mais outros elementos.

Dentro dos traços dependentes do discurso, considera-se o nó Referencial que identifica o conteúdo referencial do nó raíz, seu superior na hierarquia e domina o nó Participante.

O nó Participante codifica o papel dos intervenientes na fala (traço [falante]: *eu* vs *tu/você*; *nós* vs *vós*) e estabelece a relação entre eles (traço [proximidade]: *tu* vs *você*; *nós* vs *a gente*)³⁶.

Quanto aos traços independentes do discurso, da parte direita do esqueleto, encontramos aqui codificados os traços formais de natureza exclusivamente gramatical.

Assim, descendo na hierarquia, encontramos o nó Individaução, dominado pelo nó Raiz e a dominar Grupo e Classe.

³⁶ O nó Participante, quando não é projectado, refere a terceira pessoa gramatical; quando projectado, estabelece o contraste entre a primeira e a segunda pessoa.

O nó Grupo estabelece a oposição de número (traço [plural]), dando conta de discrepâncias entre a informação gramatical e semântica de número (e, aqui, as autoras pensam em nomes como *óculos, rebanho, a gente*).

O nó Classe capta a oposição de género, projectando o traço [feminino].

Duarte et al. (2002) consideraram ainda a propriedade Arbitrário para aqueles pronomes com referência definida, como *tu, nós, a gente*, que recebem interpretação arbitrária em função do contexto sintáctico. Este é um nó flutuante que, no esqueleto da geometria de traços, pode ancorar-se ao nó Referencial especificado para referência definida.

A constatação de fenómenos de variação nas línguas, à luz desta geometria hierarquizada de traços, é explicável através dos traços dominados e das propriedades flutuantes que as línguas podem ou não apresentar.

Esta hierarquização de traços, combinada com uma Teoria de Sub-Especificação, permite às autoras caracterizar os pronomes nominativos do PE através do que se apresenta no esquema 3.

Esquema 3:

- a. *eu* [+falante, Grupo, Classe]
- b. *tu* [-falante, +proximidade, Grupo, Classe]
- c. *você* [-falante, -proximidade, Grupo, Classe]
- d. *ele* [Referencial, Grupo, Classe]
- e. *ela* [Referencial, Grupo, +feminino]
- f. *nós* [+falante, -proximidade, +plural, Classe]
- g. *a gente* [+falante, +proximidade, Grupo, Classe]
- h. *vocês* [-falante, +plural, Classe]
- i. *eles* [Referencial, +plural, Classe]
- j. *elas* [Referencial, +plural, +feminino]

Saliente-se que a principal diferença entre o pronome *nós* e *a gente* está no facto de este último ser um grupo e é daí que lhe vem a sua pluralidade que é apenas semântica. Relativamente a *nós*, é um pronome de número plural e tem todas as marcas próprias do plural.

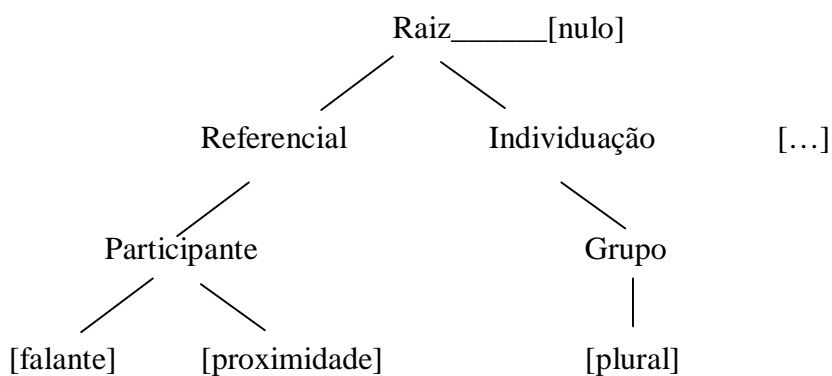
No mesmo artigo, as autoras também caracterizam a relação entre a concordância e os pronomes, apresentando o seguinte esquema.

Esquema 4:

Pronomes	<i>Agr</i>
Eu	Canto [+falante, Grupo]
Tu	Cantas [-falante, +proximidade, Grupo]
Você	Canta [-falante, -proximidade, Grupo]
Ele /ela	Canta [Referencial, Grupo]
EXPL	Neva [Grupo]
A gente	Canta [+falante, +proximidade, Grupo]
Nós	Cantamos [+falante, +proximidade, +plural]
Vocês	Cantam [-falante, +plural]
Eles /elas	Cantam [Referencial, +plural]

Conforme descrito no esquema, o PE, segundo a caracterização para *Agr* proposta em Duarte et al. (2002:13), dispõe de nove formas diferentes. A estrutura em esqueleto que as mesmas autoras propõem é a que se segue:

Esquema 5:



A análise proposta tem consequências para a concepção de *Agree* em PE. Esta operação, quando aplicada à relação entre pronomes nominativos e a categoria *Agr*, funciona por *matching*, sendo *matching* "feature identity" (cf. Chomsky. 1999b)³⁷.

3.2. Fases e Ciclos

3.2.1. Breve enquadramento histórico dos conceitos de 'fase' e 'ciclo'

O ciclo foi originalmente introduzido na fonologia para o acento de palavra em Chomsky et al. (1956), estendendo-se a vários fenómenos fonológicos, tendo, em muitos casos, funcionado como um mecanismo limitador da variação na ordenação de regras. Ou seja, a ideia de limite/ barreira num contexto de aplicação é intrínseca à ideia de ciclo.

Nos anos 60, este conceito foi introduzido na sintaxe para que as regras de base pudessem criar estruturas recursivas sem necessidade de transformações gerais para encaixar orações (cf. Chomsky. 1965). A ideia base é a seguinte: as operações aplicam-se primeiro nas fases mais encaixadas; depois de todas as operações terem sido aplicadas em todas as fases, reaplicam-se na configuração dominada por S.

Esta noção de ciclo não impede o movimento longo; neste modelo, os movimentos "não limitados" não eram sucessivos ou cíclicos o que não significa que uma estrutura não tivesse nós cíclicos (que é o que os movimentos sucessivos-cíclicos prevêem, uma vez que o movimento se faz com paragens em todas as posições possíveis; este é um argumento para a existência de barreiras/ ciclos/ fases).

Chomsky (1973:243) formula a Condição do Ciclo Restrito (*Strict Cycle Condition*): nenhuma regra se pode aplicar a um domínio dominado por um nó cíclico A de tal maneira que afecte apenas um subdomínio de A dominado por um nó B, também ele um nó cíclico.

Postula também a noção de subjacência:

a) Nenhuma regra pode envolver X e Y, sendo X superior a Y, se Y não for subjacente a X;

b) Y é subjacente a X se houver pelo menos uma categoria cíclica $C \neq Y$ que contenha Y e não contenha X.

A noção de subjacência impede o movimento longo. Assim, apresentamos em seguida a derivação cíclica de cada movimento da frase em (268):

(265) The election officials know [to place who where on the ballot]]

(266) the election officials know [who to place _ where on the ballot]]

(267) who do the election officials know [_ to place _ where on the ballot]]

(268) who do the election officials know [where to place _ _ on the ballot]]

A intuição básica de que as derivações são cíclicas é correcta:

i) O movimento faz-se para cima;

ii) As operações ocorrem primeiro nos domínios mais baixos, antes de ocorrerem nos domínios mais altos.

Em *Barriers* (Chomsky 1986), desenvolveu-se um sistema onde VP contava como barreira e era uma paragem para o movimento sucessivo e cíclico.

Relativamente à ciclicidade, em 1993, Chomsky postulou a Condição de Extensão (*Extension Condition*): é uma condição sobre as operações da construção da árvore sintáctica, incluindo movimento visível, requerendo que elas se apliquem à fronteira da derivação. Isto significa que movimentos internos não eram permitidos, nem dentro de um determinado ciclo.

Posteriormente, Chomsky (1995) postula Ciclicidade dos Traços Fortes (*Featural Cyclicity*):

³⁷ Ver, contudo, Costa e Figueiredo Silva (2003), que defendem que a expressão de pluralidade na concordância verbal deve ser feita de forma distinta, conforme comentaremos adiante. Neste sentido, nem toda a concordância em Agr deve ser entendida como um processo de *matching*.

D = derivação α = nó com traço forte

D está cancelada se α estiver numa categoria que não é projectada por α .

Nessa mesma linha de relevância dos ciclos, os argumentos de Chomsky (1999b) para a existência de ciclos são:

- i) Permite reduzir a complexidade computacional (isto é, limita o espaço de procura que os mecanismos linguísticos devem considerar);
- ii) As operações são desencadeadas por traços fortes³⁸;
- iii) Corresponde a uma unidade de alguma integridade semântica e fonética.

Chomsky (1999b:8-9) argumenta a favor do acesso lexical cíclico. Ou seja, a complexidade computacional é reduzida se a lista lexical for apresentada em partes e, assim sendo, cada fase é determinada por uma sublista lexical em "active memory" que termina com a própria derivação, iniciando-se uma outra fase e uma nova sublista lexical. Em 2000, mais radical, sugere que o próprio Spell-Out também é cíclico. Os elementos da derivação são enviados para Spell-Out em blocos, limitando acesso posterior pelo sistema computacional. LF (*Logical Form*) e PF (*Phonological Form*) não são etapas separadas; as suas operações são limitadas pelo mesmo ciclo que restringe a sintaxe.

Numa fase temos, então, processos derivacionais cíclicos, acesso cíclico ao léxico e Spell-Out cíclico.

Chomsky postula dois núcleos funcionais como sendo essenciais na identificação de fases:

- i) C: classe de complementadores que se encontra nas orações finitas e de controlo;
- ii) v* (verbo leve envolvido nas orações transitivas e experienciais).

³⁸ "Um traço forte desencadeia assim uma regra que o elimina: a propriedade [força] está associada a um par de operações, uma que a introduz na derivação (na realidade, uma combinação de Seleccionar e Compor), e uma segunda que a elimina (rapidamente)." (cf. Chomsky 1999a:323)

Assim, uma oração transitiva tem, no mínimo, quatro núcleos no domínio verbal:

- i) C: para a informação discursiva (ex. força declarativa);
- ii) T: para tempo;
- iii) v: para o sujeito;
- iv) V: para o objecto.

Ou seja, uma frase declarativa contém duas fases porque contém dois núcleos de fase sugeridos por Chomsky: C e v; uma frase declarativa é derivada em duas etapas, cada uma correspondendo a um ciclo de selecção lexical, um ciclo de operações sintácticas e um ciclo de Spell-Out.

No entanto, note-se que a primeira fase não pode ser enviada para Spell-Out antes de a segunda ter começado. Isto porque há elementos da fase mais baixa, por ex. o sujeito, que precisam de se mover para a fase mais alta. Duas fases podem coexistir, por causa desse movimento cíclico, mas não mais de duas.

[_{CP} [_{TP} [_{VP} O gato [_{VP} comeu o rato]]]]
[_{CP} [_{TP} O gato [_{VP} *i* [_{VP} comeu o rato]]]]

Ou seja, o SN *O gato* precisa de mover-se para o domínio de TP e, conseqüentemente e por momentos, as duas fases coexistem para que esse movimento possa acontecer.

Isto recorda a noção de subjacência postulada em 1973, de acordo com a qual um movimento pode cruzar um nó cíclico mas não dois. Também recorda *Barriers*, onde não só CP mas também VP era barreira ao movimento.

A ideia de que a computação é mais simples operando em fases e de que as fases são sucessivamente enviadas para Spell-Out fornece as fundações conceptuais necessárias para a noção de localidade, agora inteiramente derivada do ciclo. Mas duas questões surgem: onde estão de facto as fronteiras de fase?; o que é que determina que elas são, de facto, fronteiras de fase?

Chomsky sugere que os núcleos de fronteira são *v e C, uma vez que esses núcleos são ϕ -completos.

O movimento sucessivo e cíclico para SpecCP é visivelmente marcado morfológicamente no complementador de algumas línguas; o movimento sucessivo cíclico para *vP não é tão óbvio.

Como as fases são unidades da derivação que são interpretadas nas interfaces, cada fase deve ter uma interpretação plena, semântica e fonologicamente.

Chomsky (1999; 2000) introduz a noção de Condição de Impenetrabilidade na Fase (*Phase Impenetrability Condition*, daqui em diante, PIC): O domínio de H não está acessível a operações fora de HP, mas apenas ao seu núcleo e fronteira.

Note-se que as fases são basicamente vPs transitivos e CPs finitos e de controlo. Há alguns elementos passíveis de se mover ou partilhar traços com uma fase mais alta:

- i) Os núcleos C e v;
- ii) O argumento externo em vP;
- iii) Qualquer elemento movido para a periferia de vP ou CP, incluindo os tradicionais elementos de SpecCP.

Que elementos podem ser movidos para a periferia das fases é determinado pelo princípio de Movimento de Traços Indirecto (*Indirectly Feature-driven Movement*, IFM, cf. Chomsky 1999b). Assim, e uma vez que as fases são basicamente vPs transitivos e CPs finitos e de controlo, há alguns elementos que podem ser movidos para uma fase mais alta ou partilhar os seus traços com essa fase: os núcleos de C e v, o argumento externo de vP e qualquer elemento movido para a periferia de vP ou CP, como por exemplo os sintagmas-wh. Mas o facto de C e v serem fases fortes só pode ser uma função dos seus traços, uma vez que não têm outro conteúdo.

Svevonijs (2001:11; 2003) sugere que C, em vez de ser ϕ -completo (com os traços nominais de pessoa e número) seja ψ -completo (onde traços ψ incluem os elementos necessários para a interpretação proposicional: finitude, força, tópico, foco, modo).

"Assume that IFM features can only be drawn from the features inherently present in a category; so that IFM to the edge of CP can only be motivated by ψ -features, and will be associated with a ψ -featural interpretation. Furthermore, categories such as TP, not being ψ -complete, will not be appropriate for interpretation at the interfaces, and will therefore not be phases".

3.2.2. Derivação por Fases (Chomsky 1999b)

Chomsky (1999b) recupera as noções de fase e ciclo já exploradas em décadas anteriores.

Assim, na versão minimalista do Modelo de Princípios e Parâmetros, o Programa Minimalista (doravante, PM), procura-se conceber a linguagem como um sistema o mais simples e eficaz possível. Chomsky (1999b:2) começa por defender que o estudo da língua deve ser guiado pelo Princípio da Uniformidade (*uniformity principle*):

"In the absence of compelling evidence to the contrary, assume languages to be uniform, with variety restricted to easily detectable properties of utterance".

Nesse sentido, há uma tentativa de eliminar níveis que não sejam de interface e é introduzida a Condição de Inclusividade (*inclusiveness condition*), que bloqueia a introdução de novos elementos (traços) no decurso da computação, nomeadamente de índices, vestígios, etc. Neste sistema recursivo, a operação indispensável é Compor (*Merge*). Trata-se de uma operação que, tomando dois objectos sintácticos α e β , forma um novo objecto Γ ($=\{\alpha, \beta\}$), partindo de duas relações naturais nas estruturas: nó irmão e imediatamente contido. Esta é a única operação sintáctica que, neste modelo, não precisa de motivação; todas as outras requerem motivação na sua aplicação. Outra operação disponível neste modelo é Mover (*Move*). Consiste em copiar um elemento duma estrutura e compô-lo noutra posição da estrutura. Destas duas cópias, apenas uma é visível para a componente fonológica.

Segundo esta versão do PM, qualquer traço de um item lexical que não seja interpretável na interface requer motivação (aqui incluem-se traços fonológicos, que

devem ser apagados ou convertidos para a forma interpretável da interface pela componente fonológica). A evidência das línguas torna claro que há traços flexionais não interpretáveis que entram em relações de concordância com traços flexionais interpretáveis. Assim, os traços- ϕ não-interpretáveis da categoria Tempo concordam com traços- ϕ interpretáveis da categoria Nome – que pode estar num domínio local ou distante – estabelecendo o efeito de concordância entre o nome e o verbo de uma frase. Devido a estes factos empíricos, Chomsky propõe a operação *Agree*: é uma operação que ocorre envolvendo os elementos α e β , onde α tem traços flexionais interpretáveis e β tem traços flexionais não-interpretáveis; os traços não-interpretáveis de β apagam-se mediante *Agree*.

Apesar de ser motivada pela interface, a interpretabilidade de um traço é uma propriedade inerente que está acessível ao longo da derivação. Os traços não-interpretáveis devem ser apagados, pela operação *Agree*, para que haja perfeita convergência da derivação. O apagamento desses traços faz-se na sintaxe, aplicando-se *Agree* em relações de concordância sob condições apropriadas.

Ao elemento que motiva *Agree*, devido aos seus traços não interpretáveis, chamamos sonda (*probe*); esta sonda procura um alvo (*goal*) no mesmo domínio, com o qual estabelece uma relação onde *Agree* será aplicada. Assim, sonda e alvo devem estar activos para que *Agree* se aplique, ou seja, no par α e β , α tem de ter completo o seu conjunto de traços- ϕ para poder apagar traços não-interpretáveis do seu par β .

A operação *Agree* funciona por *matching*, em que "match is not strictly speaking identity, but nondistinctiveness: same feature, independently of value". (cf. Chomsky 1999b:4)

Esta operação só pode ocorrer internamente a uma fase.

No mesmo trabalho, Chomsky defende que o esforço computacional é reduzido se a componente fonológica "esquecer" estádios anteriores da derivação. Isto é sugerido pela PIC, em que numa fase forte HP cujo núcleo é H: "The domain of H is not accessible to operations outside HP, but only H and its edge" (cf. Chomsky 1999b:10).

3.3. Morfologia Distribuída

Em Costa et al. (2001) demonstrou-se que a Teoria de Verificação de Traços³⁹, tal como é apresentada em Chomsky (1993), não explica os padrões de concordância de *a gente* com adjectivos/particípios (que observámos no capítulo anterior e aqui voltamos a exemplificar):

(269) **A gente** ficou cansada.

(270) **A gente** ficou cansado.

(271) **A gente** ficou cansadas.

(272) **A gente** ficou cansados.

Apenas o primeiro exemplo é explicável pela Teoria de Verificação de Traços (cf. Chomsky 1993; 1995), de acordo com a qual uma forma nominal verifica os seus traços- ϕ entrando em concordância com o predicado adjectival ou participial e com o verbo no mesmo domínio. Isso apenas se passa com o exemplo em que o adjectivo se encontra no feminino do singular. Todos os outros casos não são analisáveis à luz dessa teoria. O problema levantado para a Teoria de Verificação de Traços é o de explicar por que razão em dois domínios os traços- ϕ seleccionados para verificação podem ser diferentes e por que razão traços discursivos podem ter relevância para processos de concordância gramatical. Assim, para o exemplo da concordância com o adjectivo no masculino do singular, o predicado da oração reduzida concorda com os traços- ϕ do pronome em número, mas não em género; no exemplo do feminino do plural, esse predicado concorda em género, mas não em número; quando o predicado se encontra no masculino do plural, não há qualquer concordância gramatical, quer em género, quer em número. Ou seja, estamos perante construções em que o pronome pode desencadear não só concordância gramatical, mas também concordância semântico-discursiva com o predicado participial ou adjectival. O que aqui nos propomos é mostrar em que medida é que um modelo como o da Morfologia Distribuída (daqui em diante, DM, *Distributed*

³⁹ Em Chomsky (1999a:318) define-se verificação de traços como sendo uma operação que determina o movimento com base na condição do Último Recurso (que se baseia na economia das derivações), em que há um apagamento na interface do traço que é verificado.

Morphology), proposto por Halle & Marantz (1993)⁴⁰, pode explicar estas estruturas no PE.

A DM é uma teoria da gramática que se baseia em três propriedades fundamentais: a Inserção Tardia (*Late Insertion*), a Subespecificação (*Underspecification*) e a Estrutura Sintáctica Top-Down (*Hierarchical Structure All the Way Down*).

Este modelo é inovador na medida em que a sintaxe propriamente dita não manipula quaisquer itens lexicais; apenas gera estruturas combinando traços morfossintáticos (através de operações próprias).

A Inserção Tardia significa que só depois da sintaxe é que são inseridas todas as expressões fonológicas. Ou seja, as categorias sintáticas são abstractas, sem conteúdo fonológico e antes de qualquer expressão ser inserida temos apenas traços morfossintáticos. Qualquer expressão fonológica de terminais sintáticos só é fornecida, em todos os casos, no mapeamento da Forma Fonológica, i.e., depois da componente sintáctica (cf. esquema 6).

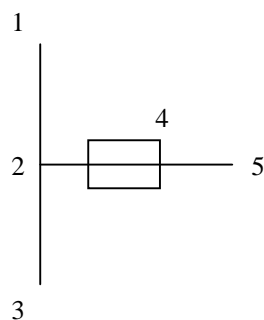
Por Subespecificação (de itens de vocabulário) entende-se que as expressões fonológicas não precisam de estar totalmente especificadas para as posições sintáticas onde irão ser inseridas. Não é necessário que elementos fonológicos duma determinada palavra forneçam os traços morfossintáticos dessa palavra. Os itens de vocabulário são uma espécie de sinais por defeito a inserir numa posição onde mais nenhuma forma pode ser inserida.

A Estrutura Sintáctica Top-Down é a construção hierárquica dos elementos da sintaxe e da morfologia que se combinam entre si, entrando no mesmo tipo de estrutura de constituintes (árvores binárias). A DM trata os elementos tanto da sintaxe, como da morfologia como constituintes e não como (o resultado de) processos morfofonológicos.

O modelo desta teoria pode representar-se da seguinte forma, expressa pelo esquema 6:

⁴⁰ Ver também: *Distributed Morphology: Frequently Asked Questions List* em www.ling.upenn.edu/~rnoyer/dm/ e Harley & Noyer (1999).

Esquema 6:



1. Sintaxe: é a componente que deriva a estrutura e combina os traços morfossintáticos;
2. Spell-Out: é a parte pós-sintática que faz a ligação com as componentes morfológica (4) e fonológica (5). É, então, em Spell-Out, mais concretamente na componente morfológica, que acontecem todas as operações morfológicas; na componente fonológica ocorrem as regras fonológicas, de Reajustamento, etc. Neste modelo, é depois da sintaxe e, portanto, em Spell-Out que se inserem os itens de vocabulário e os morfemas;
3. Forma Lógica: não expressa nem representa significado; é apenas um nível de representação que exhibe certas relações estruturais relacionadas com o significado das expressões.

Para nós, faz sentido trabalhar neste modelo que tem em conta dois momentos distintos: o primeiro é o da sintaxe propriamente dita, onde apenas se manipulam traços; o segundo, é o de Spell-Out, a componente morfológica, onde se inserem morfemas e itens de vocabulário, ou seja, as expressões fonológicas que constituem uma língua.

Assim sendo, no primeiro momento, os dados presentes na estrutura derivada, são combinados pela sintaxe, aplicando-se, sempre que necessário, operações como Compor (*Merge*), Mover (*Move*) e Copiar (*Copy*)⁴¹. É esse resultado que é enviado posteriormente para a componente seguinte, já em Spell-Out. Note-se que temos na estrutura não só traços gramaticais mas também semânticos.

Na componente morfológica são inseridos os morfemas e os itens de vocabulário que formam as expressões fonológicas de acordo com os traços que são enviados pela estrutura sintática.

⁴¹ As traduções são as de Eduardo Paiva Raposo, usadas no *Programa Minimalista* (cf. Chomsky .1999a).

Relativamente aos morfemas, são átomos de representação morfossintáctica, ou seja, o conteúdo de um morfema activo na sintaxe consiste nos traços sintáctico-semânticos extraídos do conjunto disponível na Gramática Universal. Os morfemas podem ser de dois tipos: morfemas-F (correspondem às tradicionais categorias funcionais) e os morfemas-L (são as categorias lexicais). O item de vocabulário a ser inserido é aquele que está de acordo com os traços e os licenciadores que já estão presentes na estrutura sintáctica. Note-se que no Spell-Out de morfemas-L há escolha no item de vocabulário a inserir.

Além dos morfemas, nesta fase também são inseridos os itens de vocabulário. Os itens de vocabulário são a relação entre um segmento fonológico e a informação onde ele será inserido. Um exemplo de item de vocabulário do PE é:

/s/ <--> [__, + plural]

Ou seja, insere-se aquele item de vocabulário no contexto em que a sintaxe fornece o traço plural.

Note-se que um item de vocabulário pode ter várias realizações em diferentes categorias morfossintácticas, dependendo do contexto em que aparece. Assim, um morfema pode transformar-se, através da inserção do item de vocabulário adequado, numa forma verbal, quando é licenciado por categorias como Verbo e Aspecto (ex. o item de vocabulário do inglês *destroy*, licenciado por tais categorias, transforma-se em *destroyed*); para o mesmo morfema pode ser inserido outro item de vocabulário se estiver numa relação local com um Determinante e o resultado é um Nome (ex. *destruction*); se estiver numa relação local com categorias como Verbo, Aspecto e Tempo, o item de vocabulário inserido é diferente e o resultado é uma forma verbal flexionada e temporalizada de um verbo.

Segundo este modelo, a estrutura dos constituintes dos morfemas pode ser modificada pela operações sintácticas que ocorrem antes de Spell-Out como Compor, Copiar e Mover, bem como por outros processos como a Deslocação Local e o Reajustamento, entre outros, que se aplicam na componente morfológica.

Por exemplo, na Deslocação Local, um elemento de nível zero troca a sua relação de adjacência com o elemento seguinte por um relação de afixação no núcleo linear desse constituinte. Ex. Latim –que:

Boni pueri –que boenae puellae

*Boni pueri bona**que** puellae*

Bom-NOM.PL rapaz-NOM.PL boa-NOM.PL rapariga-NOM.PL
Bons rapazes e boas raparigas

Estes são, então, os pressupostos teóricos que nos levam a uma análise das estruturas de concordância entre *a gente* e predicados adjectivais/participiais. Assim, no próximo capítulo, apresentamos a análise do pronome *a gente* à luz da Morfologia Distribuída, da Derivação por Fases e da Geometria de Traços.

4. Uma proposta de análise

Neste capítulo pretendemos analisar, à luz dos pressupostos teóricos apresentados no capítulo anterior, as estruturas de concordância entre predicados adjectivais/participiais e o pronome *a gente*. Como mostrámos no capítulo 2, podemos encontrar no PE vários padrões de concordância visíveis no adjectivo/particípio:

(273) **A gente** ficou cansada.

(274) **A gente** ficou cansado.

(275) **A gente** ficou cansadas.

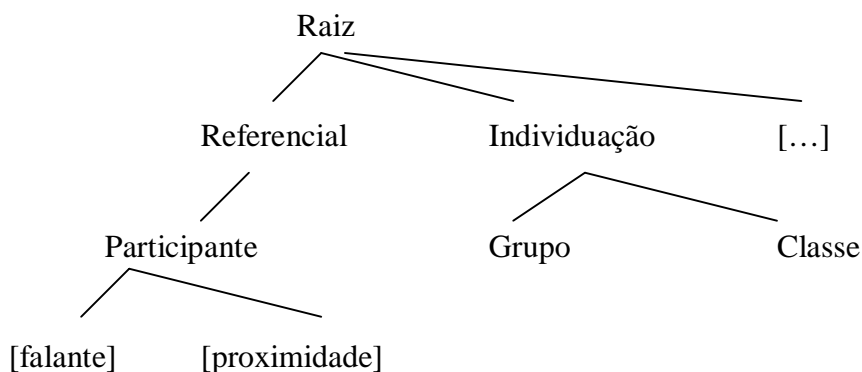
(276) **A gente** ficou cansados.

Analisaremos estas estruturas de acordo com os pressupostos apresentados no capítulo anterior. Assim, começaremos por recorrer à proposta de Duarte et al. (2002), que descreve os pronomes do PE em termos de uma geometria de traços. Esta proposta, por um lado, é inovadora na caracterização dos pronomes nominativos e, por outro lado, analisa a aplicação da operação *Agree* na relação entre os pronomes nominativos e a categoria *Agr*. Em seguida, mostraremos como é que uma teoria como a Derivação por Fases (cf. Chomsky 1999b) pode ser útil na explicação de tais concordâncias e na definição da fronteira dos diferentes domínios envolvidos nessas estruturas. Finalmente, implementaremos uma análise no quadro da Morfologia Distribuída para estas estruturas, seguindo Halle e Marantz (1993).

4.1. Geometria de Traços

Pretendemos mostrar aqui qual a geometria de traços para o pronome *a gente*, seguindo Harley & Ritter (2000), Bejar (2000) e, mais especificamente para o PE, Duarte et al. (2002). Este modelo defende que a especificação dos traços presentes nos pronomes é hierarquicamente organizada. Assim, para o pronome *a gente* temos a seguinte descrição em termos de geometria de traços:

Esquema 7⁴²:



Ou seja, na representação dos traços deste pronome seguindo o modelo de geometria de traços, os traços especificados são ⁴³:

- i) [+falante]: este traço depende imediatamente do nó Participante e, depois, do nó Referencial e codifica o papel dos intervenientes no discurso;
- ii) [+proximidade]: este traço tem a mesma dependência que o anterior e codifica a relação entre os intervenientes no discurso;
- iii) [Grupo]: é o traço que estabelece a oposição de número através do traço [plural] e permite diferenciar informação gramatical de informação semântica relativamente ao número ⁴⁴;
- iv) [Classe]: é este traço que permite estabelecer a oposição de género através do traço [feminino] ⁴⁵.

⁴² Não consideramos a representação do traço [nulo], contrariamente a Duarte et al., uma vez que, como já mostrámos, o pronome *a gente* não tem uma variante nula paralela à realização nula de outros pronomes.

⁴³ Segundo a classificação proposta em Duarte et al. (2002), os dois primeiros traços, [+falante] e [+participante], são traços dependentes do discurso, enquanto os outros, Grupo e Classe, são independentes.

⁴⁴ Note-se que *a gente* semanticamente é plural mas gramaticalmente é singular.

⁴⁵ Gramaticalmente este pronome é de género feminino mas semanticamente recebe o género do seu referente.

Relativamente à caracterização de *Agr*, Duarte et al. (2002) propõem o seguinte para a concordância da forma nominativa com a forma verbal de terceira pessoa do singular no PE:

- i) [+falante]: o sujeito participa no acto de fala;
- ii) [+proximidade]: o sujeito está presente na situação do discurso;
- iii) [Grupo]: é um pronome que se refere a várias pessoas, nas quais o falante se inclui.

É, então, partindo desta descrição dos traços de *a gente*, que seguiremos para a análise das estruturas que estamos a estudar, tendo sempre em conta que os traços dos pronomes não são simplesmente "amontoados", sem obedecerem a qualquer hierarquia. É a ideia dos traços hierarquizados, com origem na fonologia, que se estende à sintaxe.

4.2. Fases e Ciclos

Adaptando as propostas de Chomsky (1999b), vamos tentar descrever as estruturas de concordância adjectival/participial com o pronome *a gente*. Começaremos por apresentar a análise do padrão masculino do plural, uma vez que, como já dissemos, esse é o padrão que mais vezes ocorre de acordo com os testes que elaborámos e cujos resultados apresentámos no capítulo 2.

4.2.1. Masculino do plural

Adoptando a análise de Chomsky (1999b), a relação de concordância entre *a gente* e o adjectivo/particípio é mediada pela operação *Agree* (é uma operação que permite que, numa relação de concordância entre um elemento α e um elemento β , os traços não interpretáveis de um elemento se apaguem. Cf. Chomsky 1999b:3). Como Menuzzi propôs (cf. Menuzzi 1999; 2000), *a gente* tem os traços gramaticais e os traços semânticos activos em diferentes domínios. Numa relação de concordância os traços que não estão activos, e, portanto, não são interpretáveis, têm de ser eliminados e parece-nos que essa é a função da operação *Agree*. O pronome *a gente* quando desencadeia uma concordância de masculino do plural com um adjectivo/particípio, tem

activos os traços semânticos de género e de número, ficando ininterpretáveis os traços gramaticais (de género e número). Com a aplicação de *Agree*, estes traços desaparecem, permanecendo apenas na estrutura os traços interpretáveis. Um exemplo dessa relação de concordância é a frase que se segue:

(277) *A gente está cansados.*

Nesta frase a relação de concordância desencadeia-se, numa primeira fase, no domínio da oração pequena. Nesse domínio estabelece-se uma relação de predicação e o que aqui propomos, com base nisso, é que a oração pequena seja também ela própria uma fase, na medida em que é um domínio de predicação com coerência fonológica. Note-se que, nesta fase, apenas se tem acesso a *a gente* e a *cansados*, uma vez que o acesso é cíclico repetindo-se em cada fase e essa é a sublista lexical fornecida para esta fase da estrutura. Assim, no domínio da oração pequena, *a gente* e os seus traços semânticos de género e número estabelecem uma relação de concordância com um participio e isso constitui uma fase:

(278) [CP [IP [VP está [SC *a gente* cansados]]]]

Esta fase é então enviada para Spell-Out e fica encerrada, portanto, inacessível. Mas o sujeito tem de mover-se para o domínio de IP e, por momentos esta fase vai co-existir com a posterior. Na segunda fase, há uma nova sublista lexical com os elementos a ser derivados nesta fase. *A gente* entra novamente em relações de concordância mas neste domínio a concordância faz-se com o verbo que também se moveu para IP, decorrendo aí a concordância. A operação *Agree* volta a actuar, apagando os traços que não são interpretáveis ou que não estão activos.

(279) [CP [IP *a gente*_i está_j [VP *j* [SC *i* cansados]]]]

Assim, no domínio da oração reduzida, os traços semânticos de *a gente*, ou seja, os traços de primeira pessoa do plural, estabelecem concordância com o adjectivo/participio.

Neste caso, e relativamente ao pronome em questão nesta estrutura, os traços que não foram verificados, porque não interpretáveis são os gramaticais, ou seja,

terceira pessoa do singular e género feminino. Note-se que, em IP, *a gente* estabelece concordância de terceira pessoa do singular com o verbo.

Importa clarificar de que forma esta análise exclui a possibilidade de se encontrar uma frase em que *a gente* desencadeie concordância plural no verbo e singular na forma adjectival ou participial, ou seja, de que forma excluímos a frase *a *gente estamos cansado*. De acordo com Costa & Figueiredo Silva (2003), assumindo o modelo da Morfologia Distribuída, é possível explicar a variação encontrada em três variedades do português ao nível da concordância nominal e verbal, se se considerar que o morfema de plural é um Morfema Dissociado em PE, com capacidade para se associar a qualquer categoria que o possa receber, mas um morfema *singleton* em PB. Estes autores defendem ainda que a configuração sintáctica de Spec-head pode ou não ter reflexos visíveis na morfologia, o que permite não tomar necessariamente a evidência morfológica como argumento para a existência de uma determinada operação sintáctica. Assim sendo, são feitas duas predições, conforme apontado em Costa & Pereira (2003):

- i) Prevê-se que, em PE, mas não em PB, sejam cada vez mais frequentes as ocorrências de *a gente* com o verbo na primeira pessoa do plural. Este facto será apenas uma consequência da natureza dissociada do morfema do plural, que se poderá encontrar em determinadas posições, apesar da existência de uma configuração sintáctica de Spec-head, que privilegiaria a concordância verbal na terceira pessoa do singular.
- ii) Prevê-se que sejam impossíveis padrões de concordância como em *a gente estamos cansado*, uma vez que tal corresponderia ao alargamento do morfema dissociado de plural à flexão verbal, sem se ter associado à forma adjectival, o que contradiria a sua natureza enquanto morfema dissociado.

O facto de a forma verbal plural aglutinar também os traços de primeira pessoa dever-se-á, eventualmente, ao facto de a análise de Costa & Figueiredo Silva (2003) ter de ser restrita a traços de plural associados a pessoa.

4.2.2. Outros padrões de concordância

Nos nossos dados, o masculino do plural foi, sem dúvida, o padrão mais frequente. No entanto, por também ser possível encontrar os outros padrões,

designadamente o feminino do singular e do plural e o masculino do singular, alargamos a nossa proposta de análise a esses padrões, já que, a nosso ver, também os explica.

4.2.2.1. Feminino do singular

Em relação a este padrão, feminino do singular, um exemplo destas estruturas é o que se segue:

(280) *A gente está cansada.*

Como podemos observar, o pronome *a gente* na frase acima apresentada faz a concordância com o adjectivo/partícipio no feminino do singular no domínio da oração pequena. Ou seja, os traços interpretáveis são os gramaticais: género feminino, número singular; os traços semânticos não estão activos e, portanto, são apagados pela aplicação da operação *Agree*. A primeira fase na derivação desta frase é a que a seguir apresentamos:

(281) [_{CP} [_{IP} [_{VP} está [_{SC} *a gente* cansada]]]]

Note-se, então, que o partícipio apresenta traços de número singular e género feminino, uma vez que são esses os traços activos no pronome com o qual concorda. Essa concordância estabelece-se no domínio da oração reduzida, que aqui defendemos constituir uma fase, uma vez que é um domínio de predicação com acesso lexical e Spell-Out próprios. Depois de completa a derivação nesta fase, ela é enviada para Spell-Out e fica inacessível para o resto da estrutura. Tal como demonstrámos no exemplo anterior, há um período em que duas fases podem coexistir na medida em que há elementos que precisam de ser movidos. É o caso do sujeito. Após esses movimentos, inicia-se uma segunda fase estando a primeira totalmente bloqueada. A estrutura que se segue constitui a segunda fase da frase que estamos a analisar:

(282) [_{CP} [_{IP} *a gente*_i está_j [_{VP} *j* [_{SC} *i* cansada]]]]

Assim, o sujeito *a gente* move-se para o domínio de IP e o verbo também. Nesse domínio, depois de ciclicamente se repetir o acesso lexical, faz-se a concordância entre o sujeito e o verbo. Os traços activos de *a gente* são, neste caso, os mesmos que na fase anterior, embora isso seja independente uma vez que esta fase já não tem acesso à outra. Ou seja, os traços interpretáveis do pronome nesta fase são os gramaticais: género feminino e número singular; os traços semânticos não têm interpretação e, conseqüentemente, são apagados sob *Agree*. Depois de aplicadas todas as operações, a fase está completa e é enviada para Spell-Out.

4.2.2.2. Masculino do singular

Os dois padrões anteriores, nas relações de concordância mostraram estarem activos os traços semânticos ou os gramaticais. Mas *a gente*, após o acesso lexical, apresenta traços semânticos (iguais aos de primeira pessoa do plural) e traços gramaticais (equivalentes aos de terceira pessoa do singular). Neste padrão, no domínio da oração reduzida, tanto os traços gramaticais como os semânticos estão activos. Vejamos o seguinte exemplo:

(283) *A gente está cansado.*

Nesta frase, *a gente*, a julgar pela concordância que estabelece com o adjectivo/particípio, apresenta o traço semântico de género (masculino) e o traço gramatical de número (singular). Como esses são os únicos traços que têm interpretação, os outros (traço gramatical de género e traço semântico de número) são apagados com a aplicação da operação *Agree*. Então, os traços activos do pronome estabelecem concordância com o adjectivo/particípio e a fase está completa. É enviada para Spell-Out depois de se realizarem todos os movimentos necessários para a fase posterior, coexistindo, por momentos, duas fases na derivação. Essa primeira fase é a que a seguir se apresenta:

(284) [CP [IP [VP está [SC *a gente* cansado]]]]

O pronome move-se para o domínio de IP e o verbo também sai de VP para IP. A primeira fase é enviada para Spell-Out e fica bloqueada não estando acessível para as

fases posteriores. Depois de um novo acesso lexical, nesta fase, estabelece-se a concordância entre o verbo e os traços activos do pronome que são diferentes dos da fase anterior. Os traços que agora se encontram activos são os gramaticais, uma vez que o verbo se encontra no singular, tendo o pronome uma interpretação de terceira pessoa do singular. Os traços semânticos, como não estão activos, são apagados sob *Agree*. E a estrutura que propomos é a seguinte:

(285) [_{CP} [_{IP} *a gente*_i está_j [_{VP} *j* [_{SC} *i* cansado]]]]

Depois de completa esta fase, um novo Spell-Out é necessário para onde será enviada essa fase. Como tudo é cíclico, as operações repetem-se as vezes necessárias e, no final de cada derivação por fases, cada fase é enviada para Spell-Out que é, por isso, múltiplo.

Salientamos que este padrão parece ser aquele que aparece mais frequentemente nos adjectivos/participios quando *a gente* tem sentido arbitrário. Neste sentido, talvez não haja traços de pluralidade envolvidos nesta derivação, uma vez que o PE, ao contrário do italiano, privilegia o singular na expressão de arbitrariedade.

4.2.2.3. Feminino do plural

Este padrão, tal como o anterior, apresenta activos traços gramaticais e semânticos. O participio/adjectivo exhibe marcas flexionais de feminino plural e são, portanto, esses os traços activos no pronome que estabelecem a concordância. Este padrão de concordância é paralelo ao do masculino do plural, havendo apenas a mudança de género. Assim, um exemplo dessa concordância é a frase que se segue:

(286) *A gente* está cansadas.

Podemos, então, dizer que *a gente*, nesta frase, tem como traços interpretáveis o traço semântico de número (plural) e o traço gramatical de género (feminino). Todos os outros traços fornecidos pelo acesso lexical mas que não têm qualquer interpretação nesta estrutura são apagados com a aplicação da operação *Agree*. Depois de estabelecida

a concordância entre o pronome e o adjectivo/particípio no domínio da oração reduzida, temos um fase, que abaixo indicamos:

(287) [CP [IP [VP está [SC *a gente* cansadas]]]]

Assim, ocorrem todas as operações sintácticas necessárias, fazem-se os movimentos indispensáveis para a fase posterior e a fase está terminada sendo enviada para Spell-Out, de acordo com a nossa proposta de considerar a oração pequena uma fase equivalente a vP e CP (cf. proposta de Chomsky.1999b). A derivação que constitui a segunda fase é a que mostramos seguidamente:

(288) [CP [IP *a gente*_i está_j [VP _j [SC _i cansadas]]]]

Nesta segunda fase, já ocorreram os movimentos necessários (os do sujeito e do verbo para o domínio de IP). Depois de um novo acesso lexical, estabelece-se a concordância entre *a gente* e o verbo. Neste domínio, os traços do pronome que estão activos são diferentes dos da fase anterior, mas isso é independente uma vez que esta fase não tem acesso à anterior e foi feito um novo acesso ao léxico, no qual *a gente* exhibe todos os seus traços. Então, a julgar pela concordância com o verbo, o pronome exhibe os seus traços gramaticais (semelhantes aos de terceira pessoa do singular), nomeadamente, de número singular. Todos os traços que não são interpretáveis e que, portanto, não estão activos são apagados pela aplicação de *Agree*. Depois de completa esta fase, é enviada para Spell-Out, ficando bloqueada e inacessível para o resto da derivação.

Aquilo que julgamos interessante neste modelo para a análise destas estruturas de concordância que envolvem *a gente* é que, de acordo com a derivação por fases, os traços que não têm interpretação e, por isso, não estabelecem concordância são apagados da estrutura. Em seguida, ocorrem as operações sintácticas necessárias e essa fase é enviada para Spell-Out e é bloqueada: já não está acessível para o resto da derivação. Uma nova fase é iniciada e, nesta altura acontecem mais operações sintácticas já dentro doutro domínio; depois de completa esta fase é também enviada para Spell-Out, ficando bloqueada e inacessível para o resto da estrutura. E assim sucessivamente, consoante o número de fases de uma dada estrutura.

Relativamente ao caso destas estruturas com *a gente*, naquela que defendemos ser uma primeira fase, a que se encontra sob o domínio da oração reduzida, as marcas flexionais do adjectivo/particípio mostram-nos quais os traços do pronome que estão activos e disso dependem os vários padrões de concordância possíveis em PE. O léxico fornece o pronome com os seus traços todos mas apenas dois traços podem estar activos, dos quatro possíveis, e os restantes são apagados por *Agree*. Esta fase é enviada para Spell-Out e fica bloqueada e inacessível para o resto da estrutura. Um novo acesso lexical é feito e, uma vez mais, o léxico fornece todos os traços possíveis de *a gente* que, nesta fase, estabelece concordância com o verbo no domínio de IP: se o verbo está no plural, encontram-se activados os traços semânticos do pronome; se o verbo está no singular, são os traços gramaticais que estão activos.

4.3. A Morfologia Distribuída

A DM, como já dissemos anteriormente, é uma teoria da gramática que se baseia em três propriedades fundamentais: a Inserção Tardia, a Subespecificação e a Estrutura Sintáctica Top-Down. A Inserção Tardia significa que só depois da sintaxe é que são inseridas todas as expressões fonológicas. Ou seja, as categorias sintácticas são abstractas, sem conteúdo fonológico e antes de qualquer expressão ser inserida temos apenas traços morfossintácticos. Por Subespecificação (de itens de vocabulário) entende-se que as expressões fonológicas não precisam de estar totalmente especificadas para as posições sintácticas onde irão ser inseridas. A Estrutura Sintáctica Top-Down é a construção hierárquica dos elementos da sintaxe e da morfologia que se combinam e entram no mesmo tipo de estrutura de constituintes (árvores binárias).

Começaremos por analisar o padrão que, de acordo com os resultados apresentados anteriormente, é o mais comum em PE, ou seja, o masculino do plural. Em seguida trataremos as estruturas em que o predicado se encontra no feminino do singular, no masculino do singular e, finalmente, no feminino do plural.

4.3.1. Masculino do plural

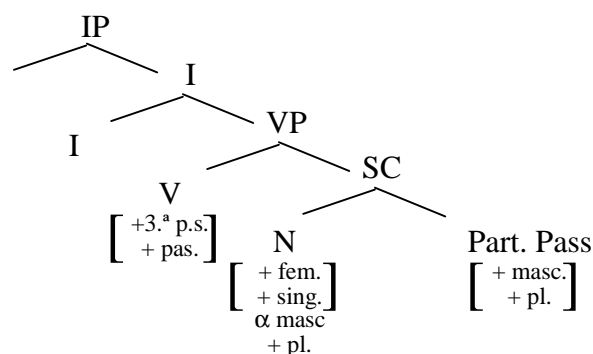
Este padrão é o mais comum em PE e, curiosamente, é aquele em que os traços gramaticais do pronome nada têm a ver com os traços do particípio com o qual

concorda. Vejamos, então, a análise desta estrutura à luz da DM, já proposta anteriormente em Pereira (2002).

(289) A gente ficou cansados.

Primeira fase: Sintaxe propriamente dita

Esquema 8⁴⁶:



Os traços presentes nesta estrutura são, no pronome, masculino do plural e, no particípio, masculino do plural⁴⁷. Estes traços são então combinados pela sintaxe, aplicando, sempre que necessário, operações como Compor, Mover e Copiar. É esse resultado que é enviado posteriormente para a componente seguinte, já em Spell-Out. Note-se que temos na estrutura não só os traços gramaticais do pronome mas também os semânticos. Na análise desta frase são os traços semânticos do pronome que estão activos uma vez que vão ser esses a estabelecer concordância com os traços do particípio.

Segunda fase: Componente Morfológica

Nesta componente são inseridos os morfemas e os itens de vocabulário que formam as expressões fonológicas de acordo com os traços que são enviados pela estrutura sintáctica.

Relativamente aos morfemas e como já foi dito anteriormente, eles podem ser de dois tipos: morfemas-F (correspondem às tradicionais categorias funcionais) e os morfemas-L (são as categorias lexicais). Para esta estrutura, os morfemas-F são: o

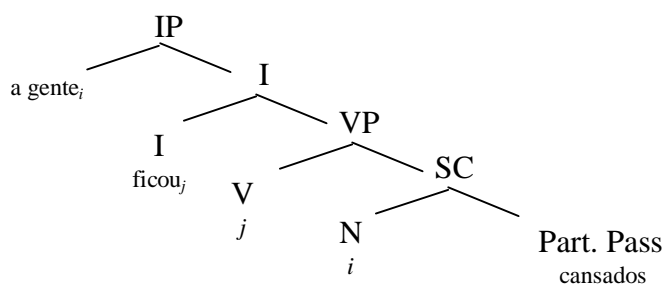
⁴⁶ O Nome apresenta quatro traços: [+fem; +sing] são os traços gramaticais; [αmasc; +pl] são os traços semânticos. O valor do traço de género do masculino depende do referente.

⁴⁷ Aqui apresentamos nas estruturas os traços do particípio, sabendo que esses traços são condicionados pela concordância que se estabelece com o pronome.

pronome *a gente*. Os morfemas-L são: *fica-*; *cansa-*. Este último morfema, ao ser mapeado com o item de vocabulário adequado, transforma-se no particípio passado *cansada*. Transforma-se em particípio passado, porque é licenciado por categorias como Verbo e Aspecto; em masculino do plural porque são estes os traços que vêm da sintaxe. O item de vocabulário a ser inserido é aquele que está de acordo com os traços e os licenciadores do morfema. Note-se que no Spell-Out de morfemas-L há escolha no item de vocabulário a inserir. Assim, para o mesmo morfema (*cansa-*) poderia ser inserido outro item de vocabulário: se estivesse numa relação local com um Determinante, o item seria diferente e o resultado seria um Nome (*cansaço*); se estivesse numa relação local com as categorias Verbo, Aspecto e Tempo, o item de vocabulário seria diferente e o resultado seria uma forma verbal flexionada e temporalizada do verbo *cansar*.

A estrutura em Spell-Out é a seguinte, como mostra o esquema 9:

Esquema 9:



O item de vocabulário inserido no particípio passado é de masculino do plural porque esses são os traços fornecidos pela sintaxe.

Saliente-se que nesta componente já ocorreram todas as operações sintáticas e já temos expressões fonológicas e não apenas traços; é aqui que se aplicam as regras fonológicas, de Reajustamento e outras, sempre que necessário.

4.3.2. Outros padrões de concordância

Também aqui vamos explicar os outros padrões de concordância, minoritários face ao masculino do plural, à luz da DM.

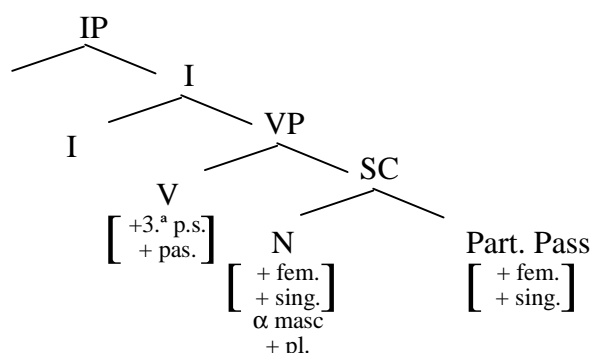
4.3.2.1. Feminino do singular

Repetimos aqui o exemplo da concordância de *a gente* com feminino do singular:

(290) A gente ficou cansada.

Primeira fase: Sintaxe propriamente dita

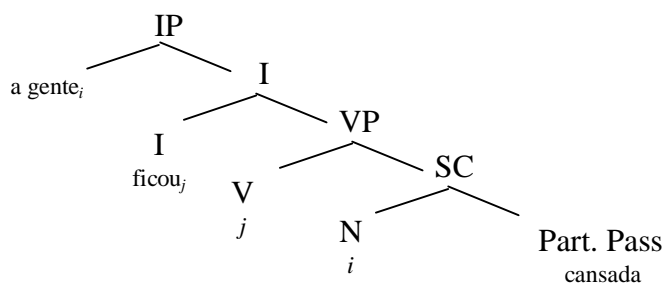
Esquema 10:



Saliente-se que os traços gramaticais de género e número do pronome são coincidentes com os do particípio passado. A concordância estabelece-se entre os traços gramaticais do pronome e do particípio.

Segunda Fase: Componente morfológica

Esquema 11:



O item de vocabulário inserido no particípio passado está de acordo com a informação fornecida pela sintaxe e com a concordância com o pronome. Note-se que o morfema-F inserido é sempre o mesmo, independentemente dos traços que estão especificados na componente sintáctica, uma vez que ele contém em si todos esses traços ditados pela sintaxe, sejam eles semânticos ou gramaticais.

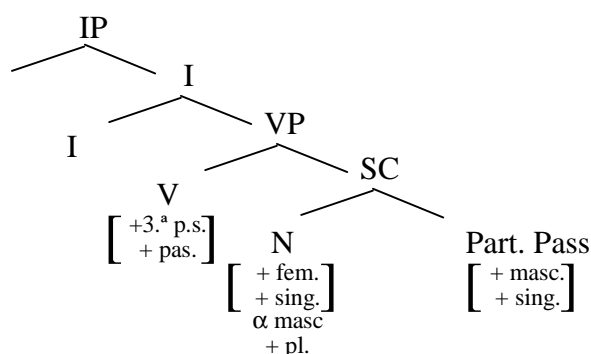
4.3.2.2. Masculino do singular

Um exemplo de *a gente* a concordar com o masculino do singular é:

(291) A gente ficou cansado.

Primeira fase: Sintaxe propriamente dita

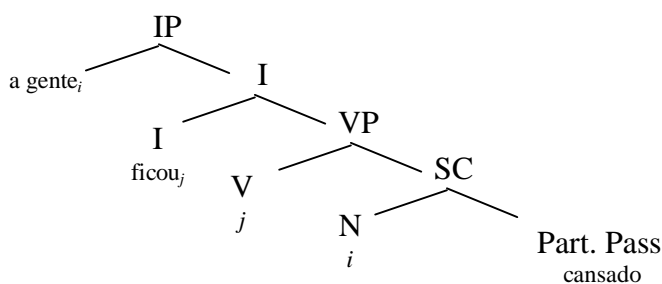
Esquema 12⁴⁸:



Note-se que os traços gramaticais do pronome são diferentes dos traços gramaticais do particípio passado. Como todas as operações sintáticas ocorrem antes da inserção dos morfemas e dos itens de vocabulário, não há conflito: o traço gramatical [+sing] e o traço semântico [+masc] do pronome estabelecem a concordância com o particípio. Como já foi dito, nesta fase, só ainda temos presentes categorias sintáticas abstractas, sem qualquer conteúdo fonológico. É por isso que apenas uma teoria com base na inserção tardia parece conveniente para a explicação destas estruturas em PE.

Segunda fase: Componente morfológica

Esquema 13:



⁴⁸ Note-se que, tal como já foi referido, se o uso de masculino do singular for em contexto arbitrário, não se pode assumir que *a gente* tem o traço [+ plural] associado.

O item de vocabulário que foi inserido na derivação anterior era diferente, devido à diferença nos traços que foram fornecidos pela sintaxe. Aqui o resultado é o masculino do singular do particípio passado do verbo *cansar*.

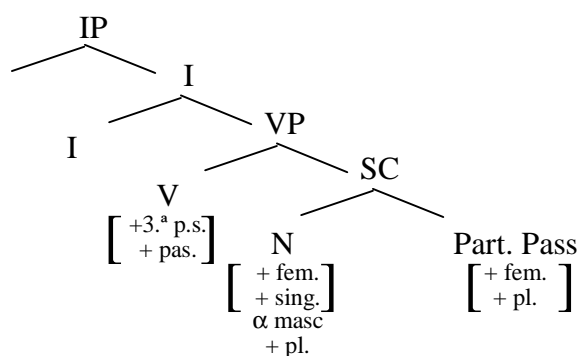
4.3.2.3. Feminino do plural

Repetimos abaixo um exemplo de concordância entre *a gente* e o feminino do plural:

(292) A gente ficou cansadas.

Primeira fase: Sintaxe propriamente dita

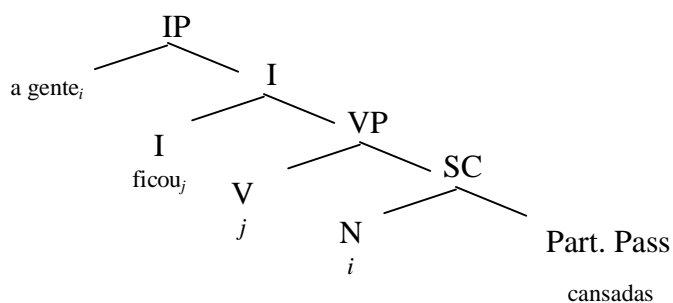
Esquema 14:



Neste caso, os traços gramaticais de género coincidem, mas os de número não. A concordância faz-se entre o traço gramatical de género e o traço semântico de número do pronome e os traços do particípio. Os morfemas e os itens de vocabulário são inseridos depois de terem sido aplicadas todas as operações sintáticas necessárias.

Segunda fase: Componente morfológica

Esquema 15:



O item de vocabulário do participípio aqui inserido é diferente daqueles que foram inseridos em derivações anteriores. Na base disto está a diferença nos traços do pronome fornecidos pela componente sintáctica que irão estabelecer concordância com o participípio.

Esta parece ser a análise mais conveniente para estas estruturas como já defendemos em Costa & Pereira (2003).

5. Conclusão

Neste capítulo final, faremos uma breve revisão do trabalho apresentado em capítulos anteriores, relativamente ao comportamento da expressão pronominal *a gente* em português.

Assim, no primeiro capítulo, percorremos alguma bibliografia que contempla esta expressão pronominal, nomeadamente, gramáticas tradicionais e outras obras de referência, como manuais ou gramáticas escolares. Estas obras mostram, entre si, variação no estatuto que concedem a *a gente*. Concentrámo-nos, seguidamente, em obras que consideram esta expressão um pronome pessoal, mostrando evidência para tal estatuto (estamos a referir-nos especificamente a Menuzzi (1999; 2000) e Nascimento (1989)). Mostrámos também, baseando-nos em Lopes (1999), qual o percurso da expressão *a gente* até à sua gramaticalização: de substantivo comum passou a pronome indefinido e depois a pronome pessoal. Apresentámos, em seguida, os argumentos clássicos para esta classificação e os de Menuzzi (1999; 2000) no quadro da Teoria da Ligação. Relativamente aos traços de género e número da expressão *a gente*, vimos a análise de Menuzzi (1999; 2000), que identifica neste pronome traços gramaticais, por um lado, e traços semântico-discursivos, por outro, e a análise de Lopes (1999), que considera dois tipos de traços, formais e semânticos, que podem estar subespecificados e dependentes da referência do pronome. Considerámos seguidamente as relações de *a gente* com o verbo. Mostrámos que vários comportamentos são exibidos: pode concordar com o verbo na terceira pessoa do singular (*A gente vai ao cinema*), na primeira pessoa do plural (*A gente vamos ao cinema*) e, ainda, com a terceira pessoa do plural (*A gente vão ao cinema*). Esta última concordância verbal restringe-se a um dialecto, o micalense, mas as duas primeiras são comuns em todo o território nacional. Outra questão de variação que envolve *a gente* é a concordância com adjectivos/particípios. Como mostrámos, é possível encontrar, em PE, quatro padrões: o feminino do singular (*A gente está cansada*), o masculino do singular (*A gente está cansado*), o feminino do plural (*A gente está cansadas*) e o masculino do plural (*A gente está cansados*). Estudar esta variação nas relações de concordância com adjectivos/particípios foi o principal objectivo deste trabalho. Quisemos, em seguida, comparar *a gente* com os outros pronomes pessoais. Verificámos que têm comportamentos equivalentes, excepto no que se refere à questão do sujeito nulo: no

caso de *a gente*, o sujeito não é recuperável. Comparámos também esta expressão pronominal com *você/vocês*, uma vez que *você/vocês* também tem comportamento de pronome. No que se refere à concordância com adjetivos/particípios não apresenta a variação apresentada pelo pronome que estudamos. No entanto, relativamente à concordância com o verbo, verificámos que, em alguns dialectos do português, nomeadamente numa localidade do distrito de Aveiro, Covo, é possível encontrar oscilação entre *vocês* e terceira pessoa do plural (*Vocês vão ao cinema*) e *vocês* e segunda pessoa do plural (*Vocês ides ao cinema*).

No segundo capítulo, descrevemos os dados e respectivas fontes. Como fontes de registo oral, consultámos o CORDIAL-SIN, *Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica*, e o CRPC, *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, ambos acessíveis *on line*. Nestes dados, o padrão que predomina é o masculino do singular e o menos encontrado é o feminino do plural. Através do CRPC, consultámos também obras literárias onde *a gente* entrasse em relações de concordância com adjetivos/particípios. Procurámos também, fora do CRPC, em outras obras e em textos a que chamámos de 'paraliterários' por se tratar de poemas para músicas, representando, portanto, outro tipo de registo. Nestas obras literárias e textos paraliterários, o padrão mais frequente é o do feminino do singular, talvez por ser aquele que é favorecido pela norma (note-se que o substantivo *gente*, gramaticalmente, é um nome feminino do singular). Para a obtenção de mais dados, recorreremos à elaboração de testes que foram propostos a falantes do PE, contendo frases com relações de concordância entre *a gente* e formas adjectivais/participais (o falante escolhia qual a forma que, de acordo com o seu juízo, seria a mais adequada para concordar com o pronome). O resultado destes testes mostrou que o padrão mais escolhido é o masculino do plural, independentemente do sexo do informante. Por se tratar do padrão maioritário, foi por esse que começámos a análise nos capítulos seguintes.

Partimos de várias teorias tais como, o modelo de geometria de traços do sistema pronominal (cf. Duarte et al. 2002; Harley & Ritter 2000), a derivação por fases (cf. Chomsky 1999b) e a morfologia distribuída (cf. Halle & Marantz). A geometria de traços, teoria inicialmente proposta para a fonologia mas alargada à morfologia por vários autores, permite trabalhar os traços dos pronomes, tendo sempre presente a noção de que eles não estão simplesmente amontoados e, afinal, obedecem a uma hierarquia. A derivação por fases, tal como ela é proposta por Chomsky (1999b) permite analisar as estruturas por fases. Assim, no caso de *a gente*, numa primeira fase, o pronome

estabelece concordância com o particípio/adjectivo no domínio da oração reduzida (e, neste aspecto, estas estruturas evidenciam, na linha de Svenonius (2003), que a oração reduzida, como domínio de predicação que é, constitui uma fase). Depois de essa derivação ter terminado é enviada para Spell-Out e segue-se uma nova fase: *a gente*, no domínio de IP, estabelece concordância com o verbo, independentemente da diferença nos traços que se activaram nas várias fases. A DM contribui para esta análise na medida em que se baseia numa inserção tardia dos traços. Ou seja, em cada fase, primeiro ocorrem as operações sintácticas necessárias e só depois os traços são inseridos, evitando conflitos. Parece-nos ser esta a análise que explica estas estruturas de concordância do PE.

6. Bibliografia

6.1. Fontes

www.clul.ul.pt/sectores/cordialsin/projecto_cordialsin.html

www.ling.upenn.edu/~rnoyer/dm/

www.clul.ul.pt (grupos e projectos, linguística de corpus, CRPC)

6.2. Obras de Referência

ABELAIRA, Augusto. 1959. *A Cidade das Flores*. (7ª ed. 1984). Lisboa. Ed. O Jornal.

BAPTISTA, António Alçada. 1988. *Catarina ou o Sabor da Maçã*. (10ª ed. 2000). Lisboa. Editorial Presença.

BARBOSA, Jerónimo Soares. 1822. *Grammatica Philosophica da lingua Portugueza*. Lisboa. Typographia da Academia Real das Sciencias. (1871. 5.ª ed.)

BARBOSA, Pilar. 1995. *Null Subjects*. Dissertação de doutoramento, MIT.

BARROS, João de. 1540. *Gramática da Língua Portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*. Reprodução facsimilada, leitura, intr., anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa. Publicações da FLUL. 1971

BERARDINELLI, Cleonice (ed.). 1992. *Fernando Pessoa – Poemas de Álvaro de Campos*. Lisboa. INCM.

BECHARA, Evanildo. 1963. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro. Editora Lucerna. (1999. 37ª ed. revista e ampliada).

BEJAR, Susana. 2000. "Structural Markedness in Formal Features". In *Revue Québécoise de Linguistique*. Vol.28, nº1.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. 1961. *Monsanto, Etnografia e Linguagem*. Publicações do Centro de Estudos Filológicos. Lisboa.

CHOMSKY, Noam, Morris Halle & Fred Lukoff. 1956. "On accent and juncture in English". In *For Roman Jakobson*, Morris Halle, Horace Lunt, Hugh McLean & Cornelis van Schooneveld (eds). 65-80. Mouton. The Hague.

CHOMSKY, N. 1965. *Aspects of the Theory of Syntax*. MIT Press. Cambridge, Ma.

CHOMSKY, N. 1973. "Conditions on Transformations". In *A Festschrift for Morris Halle*. Stephen R. Anderson & Paul Kiparsky (eds.). 232-286. Holt. New York.

- CHOMSKY, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.
- CHOMSKY, N. 1986. *Barriers*. MIT Press. Cambridge, Ma.
- CHOMSKY, N. 1993. A minimalist program for linguistic theory. In: K. Hale and S.J. Keyser (eds.): *The View from Building 20*. MIT Press, Cambridge Mass., pp. 41-58
- CHOMSKY, N. 1995. *The Minimalist Program*. MIT Press, Cambridge
- CHOMSKY, N. 1999a. *O Programa Minimalista*. Lisboa. Caminho (trad., apres., e notas à tradução de Eduardo Paiva Raposo)
- CHOMSKY, N. 1999b. "Derivation by Phase". MIT Occasional Papers in Linguistics. Number 18.
- CHOMSKY, N. 2000. "Minimalist Inquiries: The Framework". In *Step by Step: Minimalist Essay in Honor of Howard Lasnik*. Roger Martin, David Michaels & Juan Uriagereka (eds.). 89-155. MIT Press. Cambridge, Ma.
- CLEMENTS, George N. 1985. "The Geometry of Phonological Features". In *Phonology Yearbook 2*: 225-252.
- COSTA, João., Denilda Moura & S. Pereira. 2001. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços. In *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra. Setembro de 2000.
- COSTA, João & Maria Cristina Figueiredo Silva. 2003. "Nominal and verbal agreement in Portuguese", ms, Universidade Nova de Lisboa [Comunicação apresentada no XXIX Encontro di Grammatica Generativa (Urbino) e no 13th Colloquium on Generative Grammar (Ciudad Real)]
- COSTA, João & Sandra Pereira. 2003. "Phases and autonomous features: a case of mixed agreement in European Portuguese". Comunicação apresentada no IAP Workshop on EPP and Phases. MIT. 16-17 Janeiro.
- CRUZ, Maria Luísa Segura da. 1969. *O Falar de Odeleite*. Dissertação de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- CUNHA, Celso. 1966. *Manual de Português*. Rio de Janeiro. Livraria São José. (4ªed.).
- CUNHA, Celso & Luís F. Lindley Cintra. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa. Edições Sá da Costa. 1988 (5ªed.).
- DIAS, Augusto Epiphany da Silva. 1917. *Sintaxe Historica Portuguesa*. Lisboa. Livraria Clássica Editora. 1970. (5ªed.).
- DUARTE, Inês, M. João Freitas, Anabela Gonçalves, Matilde Miguel & Celeste Rodrigues. 2002. "Geometria de traços e distribuição de pronomes sujeito em PE e em PB", comunicação apresentada ao 3.º Workshop do Projecto PE-PB. Lisboa, 23-25 Setembro.
- FARIA, Olímpia Soares de. 1997. *O Nosso Falar Ilhéu – glossário de termos, provérbios, crenças e outras histórias*. Angra do Heroísmo. Edições BLU.

- GALVES, Charlotte. 1993. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In Ian Roberts e Mary Kato (eds) *Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Editora da UNICAMP. Campinas.
- HALLE, M. e A. Marantz. 1993. Distributed Morphology. In Keyser, J. (ed) *The View from Building 20*. Cambridge. MIT Press.
- HARLEY, Heidi & Rolf Noyer. 1999. "Distributed Morphology – state of the article". *Glott International*. Volume 4. Issue 4. April.
- HARLEY, Heidi & Elizabeth Ritter. 2000. "A feature-geometric analysis of person and number". A publicar in *Language*, 78.3
- LOPES, Célia. 1999. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Dissertação de doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MARTINS, Maria José Dias. 1954. *Etnografia, Linguagem e Folclore de uma Pequena Região da Beira Baixa (Póvoa da Atalaia, Alcongosta, Tinalhas e Sobral do Campo)*. Dissertação de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira., Ana Maria Brito., Inês Silva Duarte & Isabel Hub Faria. 1983. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra. Livraria Almedina.
- MATEUS, Maria Helena Mira & Ernesto d'Andrade. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford University Press.
- MEDEIROS, Maria de Jesus Chichorro de. 1964. *A Linguagem Micaelense em alguns dos seus aspectos*. Dissertação de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- MENUZZI, Sérgio. 1999. *Binding Theory and Pronominal Anaphora in Brazilian Portuguese*. Dissertação de doutoramento, HIL/Leiden University.
- MENUZZI, Sérgio. 2000. First Person Plural Anaphora in Brazilian Portuguese: chains and constraint interaction in binding. In João Costa (ed) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford University Press.
- MONTALBETTI, M. 1984. *After Binding: on the interpretation of pronouns*. Dissertação de doutoramento. MIT.
- MOURA, Constança da Silva Pires. 1960. *Faia, Aldeia do Concelho de Sernancelhe. Etnografia, Linguagem e Folclore*. Dissertação de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do. 1989. «A gente», um pronome da 4.^a pessoa. In *Actas do Congresso sobre a Investigação e Ensino do Português - 18/22 Maio - 1987*. ICALP. pp. 480-490

- NUNES, José Joaquim. 1919. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*. Lisboa. Livraria Clássica Editora. (8.^a ed.)
- NUNES, João da Cruz. 1965. *Os Falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*. Dissertação de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- PALMA, Branca Marília Seixal. 1967. *O Falar dos Pescadores de Olhão*. Dissertação de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- PEREIRA, Maria Fernanda Afonso Alves Pereira. 1970. *O Falar de Soajo*. Dissertação de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- PEREIRA, Sandra. 2000. "A gente: acordos e desacordos". Trabalho feito no âmbito de um seminário do mestrado em Gramática Comparada.
- PEREIRA, Sandra. 2002. "Concordância com *a gente* à luz da Morfologia Distribuída". Comunicação apresentada ao XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, a publicar nas respectivas actas. Porto. Outubro 2002.
- PORTELA, Lina. 1969. *«Fala-só» do amor*. Lisboa. Sociedade de Expansão Cultural.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. 1992. *Teoria da Gramática – A Faculdade da Linguagem*. (2.^a ed. 1998) Lisboa. Caminho.
- RATINHO, Maria Filipe Mariano. 1959. *Monte Gordo – Estudo Etnográfico e Linguístico*. Dissertação de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Revista Lusitana*. 1930. Lisboa. Livraria Clássica Editora. Nº28.
- Revista Lusitana*. 1943. Lisboa. Livraria Sá da Costa - Editora. Nº38.
- SAID ALI, M. (1921-23). *Grammatica Historica da Lingua Portugueza* (2.^a ed. 1931). Rio de Janeiro. Comp. Melhoramentos de São Paulo.
- SAID ALI, M. 1950. "Pessoas Indeterminadas". In *Boletim de Filologia*. Tomo XI. Lisboa. Centro de Estudos Filológicos.
- SVENONIUS, Peter. 2001. "Locality, Phases, and the Cycle". Draft of 19.07.01
- SVENONIUS, Peter. 2003. "Phases at the Interface". Comunicação apresentada no IAP Workshop on EPP and Phases. MIT. 16-17 Janeiro
- TEYSSIER, Paul. 1989. *Manual de Língua Portuguesa (Portugal-Brasil)*. (trad. Margarida Chorão de Carvalho). Coimbra. Coimbra Editora.
- TORRINHA, Francisco. 1946 (7.^aed.). *Gramática Portuguesa*. Porto. Editora Marânus.

VÁZQUEZ CUESTA, Pilar & Maria Albertina Mendes da Luz. 1971. *Gramática da Língua Portuguesa*. (trad. Ana Maria Brito e Gabriela de Matos). Lisboa. Edições 70.

VILELA, Mário. 1995. *Gramática da Língua Portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática de texto*. Coimbra. Livraria Almedina.

7. ANEXOS

7.1. Nota prévia

Nesta secção apresentamos os testes a que foram submetidos os vários informantes. Depois de cada teste, seguem-se os resultados em termos de padrão de concordância escolhido: se se trata do masculino do singular (**o**) ou do plural (**os**), ou do feminino do singular (**a**) ou do plural (**as**).

Finalmente, mostraremos os resultados, sob a forma de percentagens, que, como já dissemos, são apresentados por sexo de informante, contexto de ocorrência de *a gente* e número do teste. Quando a soma total não corresponde a 100% deve-se ao facto de algumas respostas terem sido consideradas nulas, ou por o informante não ter respondido, ou por ter sugerido mais que uma forma para a concordância.

7.2. Testes

7.2.1. Teste II

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Completar o adjectivo de cada frase (no masculino ou feminino, singular ou plural) como acha que diz normalmente:

1. Somos estudantes muito *aplicad-* .
2. Eu hoje sinto-me *engripad-* .
3. A gente acaba sempre por chegar à festa *atrasad-* .
4. A gente veio trabalhar ainda que *mal dispost-* .
5. Ao fim do dia sentia-se sempre *frustrad-* .
6. A gente só parou de escrever depois de *esgotad-* .
7. Alguém disse que estava *atrapalhad-* com o excesso de trabalho.
8. Como é que a gente estava quando saiu do trabalho?
Aliviad- .
9. Como é que a gente se sentia quando saímos do emprego?
Stressad- .
10. A gente trabalha para ser *explorad-* .
11. Vós (tu, o Pedro e a Maria) estais bastante *desatent-* na aula.
12. A gente ri para sermos *engraçad-* .
13. Depois de tudo, ninguém ficou *calad-* .
14. A gente quer estar *descansad-* e que nos deixem em paz.
15. Nada se passou e eu fiquei *desconsolad-* .
16. A gente (eu e a Maria) acaba sempre por chegar ao emprego já *estoirad-* .
17. Como é que a gente (eu e o João) fica quando vai ao cinema?
Relaxad- .
18. Tu hoje estás bastante *despentead-* .
19. Quando isto acabar, a gente (eu e a Marta) vai beber um copo ainda que
esfomead- .
20. A gente (eu e a Marta) só vai beber o tal copo depois de *esfolad-* .
21. Como é que a gente (eu e o Miguel) se sente quando vamos nadar?
Molhad- .
22. Depois da mudança, a gente (eu e o Marco) vai passar mais tempo *junt-* .
23. Não gostam de carne?! São muito *fidalg-* .
24. A gente (eu e a Célia) trabalha para ser *louvad-* .
25. O melhor é a gente (eu e o Mário) trabalhar para ser *bem pag-* .
26. Como é que a gente (eu e a Joana) estava quando foi beber café?
Nervosíssim- .
27. Estão mais *doent-* do que parecem.
28. A gente (eu e o Pedro) reza para sermos *bem-comportad-* .
29. A gente (eu e a Maria) fala *tod-* em português.
30. Apesar de tudo, a gente (eu e o Zé Maria) não trabalha para sermos
recompensad- .
31. Depois de bem *bêbed-* , a gente (eu e o Paulo) foi para casa.

32. Nós (eu e ela) somos *parecid-* .
33. A gente vai ficar bem *segur-* se nos deixarem sentar.

7.2.1.1. Resultados dos informantes femininos

INFORMANTES FEMININOS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	os	os	os	os	as	as	os	os	os	os	os	os	os
2	a	a	o	a	a	a	o/a	a	a	a	a	a	a
3	as/os	a	os	os	a	as	os	os	as	os	os	as	a
4	as/os	as	os	os	a	a	os	os	as	os	os	os	a
5	o/a	a	o	o	o	a	o/a	a	o	o	a	a	a
6	as/os	os	os	os	o	as	os	os	os	os	os	os	a
7	o/a	o	o	o	o	a	o	o	a	o	o	o	o
8	os/as	os	as	os	a	as	os	os	os	os	os	os	a
9	os/as	os	os	os	o	as	os/as	os	os	os	os	os	a
10	as/os	os	o	os	o	as	os	os	os	o	os	a	a
11	os	os	os	os	a	os	os	os	os	os	os	os	os
12	os	os	os	os	o	as	as	os	o	os	os	os	os
13	o	o	o	o	o	a	o	o	o	o	o	o	o
14	o/a	os	o	os	a	as	os	os	a	os	a	a	a
15	a	a	a	a	o	a	o/a	a	os	a	a	a	a
16	as	as	as	as	o	as	os	as	os	as	as	as	a
17	os	os	os	os	o	as	os	os	o	os	os	os	a
18	o/a	a	o	a	a	a	o/a	a	os	o	a	a	o
19	as	as	as	as	o	as	os	os	os	as	as	as	a
20	as	as	as	as	o	as	os	os	os	as	as	as	a
21	os	os	os	os	o	as	os	os	os	os	os	os	a
22	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	a
23	as/os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os
24	as	as	as	os	os	as	os	os	os	o	os	a	a
25	os	os	os	os	os	as	os	os	os	o	os	a	a
26	as	as	as	as	os	as	as	os	os	as	as	as	a
27	es	es	es	es	es	es	es	es	es	es	es	es	es
28	os	os	os	os	os	os	as	os	os	os	os	os	os
29	--	a	as	as	os	os	os	os	os	as	as	a	a
30	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os
31	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	os	a
32	as	as	as	as	os	as	as	os	os	as	as	as	os
33	as/os	os	os	as	os	as	as	os	os	os	os	a	a

7.2.1.2. Resultados do informantes masculinos

INFORMANTES MASCULINOS

	1	2	3	4	5	6	7	8
1	os	os	os	os	os	os	os	os
2	o	o	o	o	o	o	o	o
3	os	os	os	os	os	os	os	a
4	o	os	os	os	os	os	os	os
5	o	o	o	o	o	o	o	o
6	os	os	os	os	os	os	os	os
7	o	o	o	os	o	o	o	o
8	os	os	os	os	os	os	os	os
9	os	os	os	os	os	os	os	os
10	os	os	os	os	os	os	os	a
11	os	os	os	a	es	os	os	os
12	os	os	os	os	os	os	os	os
13	o	o	o	o	o	o	os	o
14	os	os	os	a	os	o	o	os
15	o	o	o	a	o	o	o	o
16	os	os	os	os	os	os	as	os
17	os	os	os	a	os	os	os	os
18	o	o	o	a	o	o	o	o
19	os	os	os	o	os	os	os	os
20	os	os	os	os	os	os	os	os
21	os	os	os	o	os	os	os	os
22	os	os	os	os	--	os	os	os
23	os	os	os	os	os	os	os	os
24	os	--	os	a	os	os	os	a
25	os	os	os	os	os	os	os	os
26	os	os	os	os	os	os	os	os
27	es	--	es	es	es	es	es	es
28	os	os	os	os	os	os	os	os
29	os	o	a	--	o	os	o	a
30	os	os	os	os	--	os	os	os
31	os	os	os	os	os	os	os	os
32	os	os	os	os	os	os	as	os
33	o	os	os	os	os	os	--	a

7.2.2. Teste III

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Completar o adjectivo de cada frase (no masculino ou feminino, singular ou plural) como acha que diz normalmente:

- 1- Somos estudantes muito *aplicad-* .
- 2- Eu hoje sinto-me *engripad-* .
- 3- A gente acaba sempre por chegar à festa *atrasad-* .
- 4- Uma pessoa fica *corad-* por tudo e por nada.
- 5- A gente veio trabalhar ainda que *mal dispost-* .
- 6- Ao fim do dia sentia-se sempre *frustrad-* .
- 7- A gente só parou de escrever depois de *esgotad-* .
- 8- Alguém disse que estava *atrapalhad-* com o excesso de trabalho.
- 9- Como é que a gente estava quando saiu do trabalho?
Aliviad- .
- 10- Como é que a gente se sentia quando saímos do emprego?
Stressad- .
- 11- A gente trabalha para ser *explorad-* .
- 12- Vós (tu, o Pedro e a Maria) estais bastante *desatent-* na aula.
- 13- A gente ri para sermos *engraçad-* .
- 14- Depois de tudo, ninguém ficou *calad-* .
- 15- A gente quer estar *descansad-* e que nos deixem em paz.
- 16- Nada se passou e eu fiquei *desconsolad-* .
- 17- A gente (eu e a Maria) acaba sempre por chegar ao emprego já *estoirad-* .
- 18- Alguém da tua família é *diabétic-* .
- 19- Como é que a gente (eu e o João) fica quando vai ao cinema?
Relaxad- .
- 20- Tu hoje estás bastante *despentead-* .
- 21- Quando isto acabar, a gente (eu e a Marta) vai beber um copo ainda que *esfomead-* .
- 22- Tu estás bem mais *gord-* .
- 23- A gente (eu e a Marta) só vai beber o tal copo depois de *esfolad-* .
- 24- Nós vamos ao cinema mas *contrariad-* .
- 25- Como é que a gente (eu e o Miguel) se sente quando vamos nadar?
Molhad- .
- 26- Depois da mudança, a gente (eu e o Marco) vai passar mais tempo *junt-* .
- 27- Não gostam de carne?! São muito *fidalg-* .
- 28- A gente (eu e a Célia) trabalha para ser *louvad-* .
- 29- O melhor é a gente (eu e o Mário) trabalhar para ser *bem pag-* .
- 30- Vocês hoje estão muito *rápid-* .
- 31- Como é que a gente (eu e a Joana) estava quando foi beber café?
Nervosíssim- .
- 32- Estão mais *doent-* do que parecem.
- 33- A gente (eu e o Pedro) reza para sermos *bem-comportad-* .
- 34- Não acredito que não haja aqui ninguém *mentiros-* .
- 35- A gente (eu e a Maria) fala *tod-* em português.

- 36- Eu e tu somos bastante *feliz-* .
- 37- Apesar de tudo, a gente (eu e o Zé Maria) não trabalha para sermos *recompensad-* .
- 38- Depois de bem *bêbed-* , a gente (eu e o Paulo) foi para casa.
- 39- Nós (eu e ela) somos *parecid-* .
- 40- A gente vai ficar bem *segur-* se nos deixarem sentar.

7.2.2.1. Resultados dos informantes femininos

INFORMANTES FEMININOS

	14	15	16	17	18	19	20
1	os	os	os	os	os	as	os
2	a	a	a	o	a	a	a
3	as	a	os	os	a	a	a
4	a	a	a	o	a	a	a
5	as	a	os	o	a	a	a
6	a	a	a	o	a	a	a
7	as	a	as	os	a	a	a
8	o	a	o	o	a	o	o
9	as	a	os	os	a	a	as
10	as	a	os	os	a	a	os
11	as	a	a	os	a	a	os
12	os	a	os	os	o	os	os
13	os	os	os	os	as	os	os
14	o	o	o	o	o	o	o
15	as	o	a	os	a	a	a
16	a	a	o	o	a	a	a
17	as	a	os	as	a	a	as
18	a	a	o	o	o	o	o
19	os	a	os	os	a	a	os
20	a	a	o	o	a	o	a
21	as	a	os	as	a	a	as
22	a	a	a	o	a	a	a
23	as	os	os	as	a	a	o
24	as	os	os	os	a	as	as
25	os	as	os	os	a	a	os
26	os	os	os	os	os	a	os
27	os	os	os	os	os	os	os
28	a	o	os	os	a	a	as
29	os	o	o	os	os	a	as/os
30	os	os	os	os	os	os	as
31	as	os	os	as	as	a	as
32	es	es	es	es	es	es	es
33	os	os	os	os	os	os	os
34	o	o	o	o	o	o	o
35	os	--	os	o	o	a	a
36	es	es	es	es	es	es	es
37	os	os	os	os	os	os	os
38	--	os	os	o	o	a	os
39	as	os	os	as	as	as	as
40	as	a	os	os	a	a	as

7.2.2.2. Resultados dos informantes masculinos

INFORMANTES MASCULINOS

	9	10	11	12	13	14
1	os	os	os	os	os	os
2	o	o	o	o	o	o
3	a	a	os	os	a	os
4	a	a	a	a	a	a
5	a	a	os	os	a	os
6	a	o	o	o	o	o
7	a	a	os	os	a	os
8	o	o	o	o	o	o
9	a	a	os	os	a	os
10	os	os	os	os	a	os
11	o	a	os	os	a	os
12	os	os	os	os	os	--
13	os	os	os	os	a	os
14	o	o	o	o	o	o
15	o	a	os	os	a	os
16	o	o	o	o	o	o
17	os	a	os	os	a	os
18	a	o	o	o	o	a
19	a	a	os	os	a	os
20	o	o	o	o	o	o
21	o	a	os	os	a	os
22	o	o	a	o	o	o
23	o	a	os	os	a	os
24	os	os	os	os	os	os
25	os	a	os	os	a	os
26	os	a	os	os	a	os
27	os	os	os	os	os	os
28	os	a	os	os	a	os
29	o	a	o	os	a	os
30	os	os	os	os	os	os
31	os	a	os	os	a	os
32	es	es	es	es	es	es
33	os	os	os	os	--	os
34	o	o	o	o	o	o
35	os	a	os	os	a	o
36	es	es	es	es	es	es
37	os	os	os	os	--	os
38	os	os	os	os	os	os
39	os	os	os	os	os	os
40	o	a	os	os	--	os

7.2.3. Teste IV

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Completar o adjectivo de cada frase (no masculino ou feminino, singular ou plural) como acha que diz normalmente:

1. Somos estudantes muito *aplicad-* .
2. A malta hoje sente-se *engripad-* .
3. A gente acaba sempre por chegar à festa *atrasad-* .
4. Uma pessoa fica *corad-* por tudo e por nada.
5. Ainda que *mal dispost-* , a gente veio trabalhar.
6. Ao fim do dia, geralmente o pessoal sentia-se *frustrad-* .
7. A gente só parou de escrever depois de *esgotad-* .
8. Alguém disse que estava *atrapalhad-* com o excesso de trabalho.
9. Como é que a gente estava quando saiu do trabalho?
Aliviad- .
10. Como é que a gente se sentia quando saímos do emprego?
Stressad- .
11. A gente trabalha para ser *explorad-* .
12. Vós (tu, o Pedro e a Maria) estais bastante *desatent-* na aula.
13. A gente ri para sermos *engraçad-* .
14. Depois de tudo, ninguém ficou *calad-* .
15. A gente calou-se, ainda que *contrariad-* .
16. A gente quer estar *descansad-* e que nos deixem em paz.
17. Não se passou nada e o pessoal ficou *desconsolad-* .
18. A gente (eu e a Maria) acaba sempre por chegar ao emprego já *estoirad-* .
19. Alguém da tua família é *diabétic-* .
20. Como é que a gente (eu e o João) fica quando vai ao cinema?
Relaxad- .
21. Hoje a malta está bastante *despentead-* .
22. Quando isto acabar, ainda que *esfomead-* , a gente (eu e a Marta) vai beber um copo.
23. Tu estás bem mais *gord-* .
24. Depois de *esfolad-* é que a gente (eu e a Marta) vai beber o tal copo.
25. Nós vamos ao cinema mas *contrariad-* .
26. Como é que a gente (eu e o Miguel) se sente quando vamos nadar?
Molhad- .
27. Depois da mudança, a gente (eu e o Marco) vai passar mais tempo *junt-* .
28. Não gostam de carne?! São muito *fidalg-* .
29. A gente (eu e a Célia) trabalha para ser *louvad-* .
30. O melhor é a gente (eu e o Mário) trabalhar para ser *bem pag-* .
31. Vocês hoje estão muito *rápid-* .
32. Como é que a gente (eu e a Joana) estava quando foi beber café?
Nervosíssim- .
33. Estão mais *doent-* do que parecem.
34. A gente (eu e o Pedro) reza para sermos *bem-comportad-* .
35. Não acredito que não haja aqui ninguém *mentiros-* .

36. A gente (eu e a Maria) fala *amb-* s em português.
37. Eu e tu somos bastante *feliz-* .
38. Apesar de tudo, a gente (eu e o Zé Maria) não trabalha para sermos *recompensad-* .
39. Depois de bem *bêbed-* , a gente (eu e o Paulo) foi para casa.
40. Nós (eu e ela) somos *parecid-* .
41. Se nos deixarem sentar, a gente vai ficar bem *segur-*.

7.2.3.1. Resultados dos informantes femininos

INFORMANTES FEMININOS

	1	2	3	4	5	6	7
1	os	os	os	os	os	os	os
2	a	a	a	a	a	a	a
3	os	os	os	os	a	os	os
4	a	a	a	a	a	a	a
5	o	a	os	a	a	os	a
6	o	o	os	o	o	o	a
7	o	os	os	os	a	os	os
8	o	o	o	o	o	o	a
9	o	os	os	os	a	os	os
10	os	a	os	os	a	os	os
11	o	os	os	os	os	os	os
12	os	o	os	os	os	os	os
13	os	os	os	os	os	os	os
14	o	o	o	o	o	o	o
15	os	os	os	os	os	os	os
16	os	os	os	os	os	o	os
17	o	n-resp	os	o	o	o	a
18	os	os	os	as	as	as	os
19	o	a	o	o	o	o	o
20	os	os	os	os	os	os	os
21	os	a	a	os	a	a	a
22	o	os	os	as	as	os	os
23	o	a	o	a	a	a	a
24	os	a	os	as	a	as	os
25	os	os	os	os	as	os	os
26	os	os	os	os	os	os	os
27	os	os	os	os	os	os	os
28	os	os	os	os	os	os	os
29	os	a	os	as	as	as	os
30	os	os	os	os	os	os	os
31	os	os	os	os	os	os	os
32	as	a	os	as	as	as	os
33	es	es	es	es	es	es	es
34	os	os	os	os	os	os	os
35	os	o	os	o	o	o	o
36	as	os	as	as	as	as	os
37	es	es	es	es	es	es	es
38	os	os	os	os	os	os	os
39	os	a	os	os	os	os	os
40	as	as	as	as	as	as	os
41	os	os	os	as	as	os	os

7.2.3.2. Resultados dos informantes masculinos

INFORMANTES MASCULINOS

	1	2	3	4	5
1	os	os	os	os	os
2	a	a	a	a	a
3	os	os	os	os	a
4	a	a	a	a	a
5	o	a	as	a	a
6	o	a	o	o	o
7	o	os	os	a	a
8	o	o	o	o	o
9	os	os	os	a	os
10	os	os	os	os	os
11	os	os	os	os	a
12	os	o	os	os	os
13	os	os	os	os	os
14	o	o	o	o	o
15	os	os	o	os	os
16	os	os	os	os	a
17	o	os	o	o	o
18	os	os	os	os	a
19	o	o	o	o	o
20	os	o	n-resp	os	os
21	a	a	o	a	a
22	o	os	os	os	a
23	o	o	o	o	o/a
24	o	a	o	os	a
25	os	os	os	os	os
26	os	os	os	os	os
27	os	os	os	os	os
28	os	os	os	os	os
29	os	os	os	os	a
30	os	os	os	os	a
31	os	os	os	os	os
32	os	os	os	os	os
33	es	es	es	es	es
34	os	os	os	os	os
35	o	a	os	o	o
36	os	os	os	os	n-resp
37	es	es	es	es	es
38	os	os	os	os	os
39	os	os	os	os	os
40	os	os	os	os	os
41	os	os	os	os	os

7.3. Resultados dos testes por contexto/ sexo/ teste

7.3.1. Comportamento dos informantes femininos no contexto de adverbiais temporais: teste II

Quadro V:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
6	Adverbial temporal	6,25	12,5	56,25	6,25
20	Adverbial temporal (ref:F)	6,25	6,25	18,75	62,5
31	Adverbial temporal (ref:M)	0	6,25	93,75	0

7.3.2. Comportamento dos informantes femininos no contexto de adverbiais temporais: teste III

Quadro VI:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
7	Adverbial temporal	0	45,454	36,363	18,181
23	Adverbial temporal (ref:F)	9,090	18,181	18,181	54,545
38	Adverbial temporal (ref:M)	18,181	18,181	45,454	0

7.3.3. Comportamento dos informantes femininos no contexto de adverbiais temporais: teste IV

Quadro VII:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
7	Adverbial temporal	14,285	14,285	71,428	0
24	Adverbial temporal (ref.F).	0	28,571	42,857	28,571
39	Adverbial temporal (ref.M).	0	14,285	85,714	0

7.3.4. Comportamento dos informantes masculinos no contexto de adverbiais temporais: teste II

Quadro VIII:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
6	Adverbial temporal	0	18,181	81,818	0
20	Adverbial temporal (ref:F)	0	9,090	81,818	0
31	Adverbial temporal (ref:M)	0	9,090	90,909	0

7.3.5. Comportamento dos informantes masculinos no contexto de adverbiais temporais: teste III

Quadro IX:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
7	Adverbial temporal	8,333	25	66,666	0
23	Adverbial temporal (ref:F)	8,333	16,666	75	0
38	Adverbial temporal (ref:M)	0	0	100	0

7.3.6. Comportamento dos informantes masculinos no contexto de advérbios temporais: teste IV

Quadro X:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
7	Advérbio temporal	20	40	40	0
24	Advérbio temporal (ref.F)	40	40	20	0
39	Advérbio temporal (ref.M)	0	0	100	0

7.3.7. Comportamento dos informantes femininos em orações concessivas: teste II

Quadro XI:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
4	Concessiva	0	25	43,75	25
19	Concessiva (ref:F)	6,25	6,25	18,75	68,75

7.3.8. Comportamento dos informantes femininos em orações concessivas: teste III

Quadro XII:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
5	Concessiva	9,090	45,454	36,363	9,090
21	Concessiva (ref:F)	0	27,272	18,181	54,545

7.3.9. Comportamento dos informantes femininos em orações concessivas: teste IV

Quadro XIII:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
5	Concessiva	14,285	57,142	28,571	0
15	Concessiva	0	0	100	0
22	Concessiva (ref.F)	14,285	0	57,142	28,571

7.3.10. Comportamento dos informantes masculinos em orações concessivas: teste II

Quadro XIV:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
4	Concessiva	9,090	18,181	72,727	0
19	Concessiva (ref: F)	9,090	9,090	81,818	0

7.3.11. Comportamento dos informantes masculinos em orações concessivas: teste III

Quadro XV:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
5	Concessiva	0	41,666	58,333	0
21	Concessiva (ref:F)	8,333	16,666	75	0

7.3.12. Comportamento dos informantes masculinos em orações concessivas: teste IV

Quadro XVI:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
5	Concessiva	20	60	0	20
15	Concessiva	20	0	80	0
22	Concessiva (ref:F)	20	20	60	0

7.3.13. Comportamento dos informantes femininos em orações finais: teste II

Quadro XVII:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
10	Final(inf.ñ-flex.)	25	18,75	37,5	6,25
12	Final(inf.Flex.)	12,5	0	62,5	12,5
24	Final(inf.ñ-flex.) (ref:F)	6,25	12,5	37,5	43,75
25	Final(inf.ñ-flex.) (ref:M)	6,25	12,5	75	6,25
28	Final(inf.Flex.) (ref:M)	0	0	93,75	6,25
30	Final(inf.Flex.) (ref:M)	0	0	100	0

7.3.14. Comportamento dos informantes femininos em orações finais: teste III

Quadro XVIII:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
11	Final(inf.ñ-flex.)	9,090	36,363	45,454	9,090
13	Final(inf.Flex.)	0	0	90,909	9,090
28	Final(inf.ñ-flex.) (ref:F)	9,090	27,272	9,090	54,545
29	Final(inf.ñ-flex.) (ref:M)	18,181	9,090	72,727	0
33	Final(inf.Flex.) (ref:M)	0	0	100	0
37	Final(inf.Flex.) (ref:M)	0	0	100	0

7.3.15. Comportamento dos informantes femininos em orações finais: teste IV

Quadro XIX:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
11	Final(inf.ñ-flex.)	14,285	0	85,714	0
13	Final(inf.Flex.)	0	0	100	0
29	Final(inf.ñ-flex.) (ref:F)	0	14,285	42,857	42,857
30	Final(inf.ñ-flex.) (ref:M)	0	0	100	0
34	Final(inf.flex.) (ref:M)	0	0	100	0
38	Final(inf.flex.) (ref:M)	0	0	100	0

7.3.16. Comportamento dos informantes masculinos em orações finais: teste II

Quadro XX:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
10	Final(inf.ñ-flex.)	0	27,272	72,727	0
12	Final(inf.Flex.)	0	0	90,909	0
24	Final(inf.ñ-flex.) (ref:F)	0	36,363	54,545	0
25	Final(inf.ñ-flex.) (ref:M)	0	18,181	81,818	0
28	Final(inf.Flex.) (ref:M)	0	0	100	0
30	Final(inf.Flex.) (ref:M)	0	0	90,909	0

7.3.17. Comportamento dos informantes masculinos em orações finais: teste III

Quadro XXI:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
11	Final(inf.ñ-flex.)	25	16,666	58,333	0
13	Final(inf.Flex.)	0	8,333	91,666	0
28	Final(inf.ñ-flex.) (ref:F)	0	25	66,666	8,333
29	Final(inf.ñ-flex.) (ref:M)	16,666	16,666	66,666	0
33	Final(inf.Flex.) (ref:M)	0	0	91,666	0
37	Final(inf.Flex.) (ref:M)	0	0	91,666	0

7.3.18. Comportamento dos informantes masculinos em orações finais: teste IV

Quadro XXII:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
11	Final(inf.ñ-flex.)	0	20	80	0
13	Final(inf.Flex.)	0	0	100	0
29	Final(inf.ñ-flex.) (ref:F)	0	20	80	0
30	Final(inf.ñ-flex.) (ref:M)	0	20	80	0
34	Final(inf.flex.) (ref:M)	0	0	100	0
38	Final(inf.flex.) (ref:M)	0	0	100	0

7.3.19. Comportamento dos informantes femininos em orações com "juntos" e "ambos": teste II

Quadro XXIII:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
22	Junt-	0	6,25	93,75	0

7.3.20. Comportamento dos informantes femininos em orações com "juntos" e "ambos": teste III

Quadro XXIV:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
26	Junt-	0	9,090	90,909	0

7.3.21. Comportamento dos informantes femininos em orações com "juntos" e "ambos": teste IV

Quadro XXV:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
27	junt-	0	0	100	0
36	amb-s (ref.F)	0	0	28,571	71,428

7.3.22. Comportamento dos informantes masculinos em orações com "juntos" e "ambos": teste II

Quadro XXVI:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
22	Junt-	9,090	9,090	72,727	0

7.3.23. Comportamento dos informantes masculinos em orações com "juntos" e "ambos": teste III

Quadro XXVII:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
26	Junt-	0	16,666	75	0

7.3.24. Comportamento dos informantes masculinos em orações com "juntos" e "ambos": teste IV

Quadro XXVIII:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
27	junt-	0	0	100	0
36	amb-s (ref: F)	0	0	80	0

7.3.25. Comportamento dos informantes femininos em contexto de pergunta/resposta: teste II

Quadro XXIX:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
8	Perg/resp(vb.sing)	0	18,75	50	12,5
9	Perg/resp (vb.pl)	6,25	12,5	50	6,25
17	Perg/resp(vb.sing) (ref:M)	12,5	12,5	68,75	6,25
21	Perg/resp(vb.pl) (ref:M)	6,25	6,25	81,25	6,25
26	Perg/resp(vb.sing) (ref:F)	0	6,25	25	68,75

7.3.26. Comportamento dos informantes femininos em contexto de pergunta/resposta: teste III

Quadro XXX:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
9	Perg/resp(vb.sing)	0	36,363	45,454	18,181
10	Perg/resp (vb.pl)	0	27,272	63,636	9,090
19	Perg/resp(vb.sing) (ref:M)	9,090	18,181	72,727	0
25	Perg/resp(vb.pl) (ref:M)	0	18,181	72,727	9,090
31	Perg/resp(vb.sing) (ref:F)	0	9,090	27,272	63,636

7.3.27. Comportamento dos informantes femininos em contexto de pergunta/resposta: teste IV

Quadro XXXI

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
9	Perg/resp(vb.sing)	14,285	14,285	71,428	0
10	Perg/resp (vb.pl)	0	28,571	71,428	0
20	Perg/resp(vb.sg) (ref:M)	0	0	100	0
26	Perg/resp(vb.pl) (ref:M)	0	0	100	0
32	Perg/resp(vb.sg) (ref:F)	0	14,285	28,571	57,142

7.3.28. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de pergunta/resposta: teste II

Quadro XXXII:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
8	Perg/resp (vb.sing)	0	18,181	81,818	0
9	Perg/resp (vb.pl)	0	18,181	81,818	0
17	Perg/resp(vb.sing) (ref:M)	0	27,272	72,727	0
21	Perg/resp(vb.pl) (ref:M)	9,090	9,090	81,818	0
26	Perg/resp(vb.sing) (ref:F)	0	9,090	90,909	0

7.3.29. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de pergunta/resposta: teste III

Quadro XXXIII:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
9	Perg/resp(vb.sing)	0	25	75	0
10	Perg/resp (vb.pl)	8,333	8,333	83,333	0
19	Perg/resp(vb.sing) (ref:M)	0	25	75	0
25	Perg/resp(vb.pl) (ref:M)	0	16,666	83,333	0
31	Perg/resp(vb.sing) (ref:F)	8,333	16,666	75	0

7.3.30. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de pergunta/resposta: teste IV

Quadro XXXIV:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
9	Perg/resp(vb.sing)	0	20	80	0
10	Perg/resp (vb.pl)	0	0	100	0
20	Perg/resp(vb.sg) ref:M)	20	0	60	0
26	Perg/resp(vb.pl) (ref:M)	0	0	100	0
32	Perg/resp(vb.sg) (ref:F)	0	0	100	0

7.3.31. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicado secundário: teste II

Quadro XXXV:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
3	Predic. secund.	0	25	43,75	18,75
16	Predic.secund. (ref:F)	6,25	6,25	12,5	75
33	Predic. secund.	0	18,75	43,75	18,75

7.3.32. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicado secundário: teste III

Quadro XXXVI:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
3	Predic. secund.	0	45,454	45,454	9,090
17	Predic.secund. (ref:F)	0	36,363	18,181	45,454
40	Predic. secund.	0	27,272	45,454	27,272

7.3.33. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicado secundário: teste IV

Quadro XXXVII:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
3	Predic. secund.	0	14,285	85,714	0
18	Predic.secund. (ref:F)	0	0	57,142	42,857
41	Predic. secund.	0	0	71,428	28,571

7.3.34. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicado secundário: teste II

Quadro XXXVIII:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
3	Predic. secund.	0	27,272	72,727	0
16	Predic.secund. (ref:F)	0	9,090	81,818	9,090
33	Predic. secund.	9,090	27,272	54,545	0

7.3.35. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicado secundário: teste III

Quadro XXXIX:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
3	Predic. secund.	0	25	75	0
17	Predic.secund. (ref:F)	0	16,666	83,333	0
40	Predic. secund.	16,666	8,333	66,666	0

7.3.36. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicado secundário: teste IV

Quadro XL:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
3	Predic. secund.	0	20	80	0
18	Predic.secund. (ref:F)	0	20	80	0
41	Predic. secund.	0	0	100	0

7.3.37. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicativo do sujeito: teste II

Quadro XLI:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
14	Predic. Suj.	6,25	37,5	37,5	6,25

7.3.38. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicativo do sujeito: teste III

Quadro XLII:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
15	Predic. Suj.	0	54,545	36,363	9,090

7.3.39. Comportamento dos informantes femininos em contexto de predicativo do sujeito: teste IV

Quadro XLIII:

Fem.	Contexto	o%	a%	os%	as%
16	Predic. suj.	14,285	0	85,714	0

7.3.40. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicativo do sujeito: teste II

Quadro XLIV:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
14	Predic. Suj.	18,181	27,272	54,545	0

7.3.41. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicativo do sujeito: teste III

Quadro XLV:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
15	Predic. Suj.	8,333	16,666	75	0

7.3.42. Comportamento dos informantes masculinos em contexto de predicativo do sujeito: teste IV

Quadro XLVI:

Masc.	Contexto	o%	a%	os%	as%
16	Pred. suj.	0	20	80	0